



E N V E R H O X H A

**A EDUCAÇÃO IDEOLÓGICA
DOS QUADROS E DAS MASSAS**



“Proletários de todo o mundo, uni-vos!”

Karl Marx e Friedrich Engels





E N V E R H O X H A

A EDUCAÇÃO IDEOLÓGICA DOS QUADROS E DAS MASSAS

1ª Edição: 1974

2ª Edição: 2023



“PROLETÁRIOS DE TODO O MUNDO, UNI-VOS!”

A cópia ou distribuição deste documento é livre e indefinidamente garantida nos termos da GNU

Free Documentation License © 2023.

TÍTULO ORIGINAL EM ALBANÊS

“Edukimi Ideologjik i Kuadrove dhe i Masave”

Institutu i Studimeve Marksisiste-Leniniste Pranë KQ të PPSH

Shtëpia Botuese “8 Nëntori”, Tirane, 1982.

Tradução e Edição da 1ª Edição de 1974

Manuel Quirós (PCP-R)

Recuperação, Tradução, Edição, Capa e Diagramação

Thales Franco Sellberg Caramante

Tradução de **Manuel Quirós** (1939-1975) recuperada do livro *A Educação Política dos Quadros e das Massas* publicado pela editora portuguesa “Biblioteca Povo e Cultura” em 1974. Foram feitas adaptações para as normas linguísticas utilizadas no Brasil. Mantemos as notas originais da edição portuguesa apenas com alterações gramaticais.

FICHA CATALOGRÁFICA

H847I Hoxha, Enver Halil

A Educação Ideológica dos Quadros e das Massas/Enver Hoxha – 1ª Edição – Mogi das Cruzes (SP): Publicação Livre, 2023, 104 páginas, figuras e fotografias, 16x23cm.

Tradução do Albanês

Edição anterior publicada em Lisboa, Portugal, 1974.

1. Comunismo. 2. Socialismo. 3. Marxismo-Leninismo. 4. Educação. 5. Luta de Classes. 6. Revolução. 7. Enver Hoxha. 8. Albânia. 9. Ciências Sociais. I. *Título*. II. *Assunto*. III. *Autor*.

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Socialismo e Temas Relacionados: Comunismo, Marxismo-Leninismo.
2. Ciência Política: Socialismo, Comunismo e Marxismo-Leninismo.
3. Pedagogia: Educação Popular, Formação Política, Marxismo-Leninismo.

SUMÁRIO

• Enver Hoxha – Ardor Revolucionário em Defesa do Marxismo-Leninismo	07
<i>por MANUEL QUIRÓS</i>	
• Albânia, uma experiência socialista única na Europa	21
<i>por GILBERT MURAY</i>	
01. Contra a Burocracia	23
02. Um Leninismo Criador	27
03. Um Mergulho nas Massas	29
• A Educação Ideológica dos Quadros e das Massas	31
01. A Origem Ideológica do Conservadorismo na Política de Promissão dos Novos Quadros	31
• O Partido de Vanguarda e a Frente de Massas	55
01. O Partido do Trabalho da Albânia, o Único Partido Político	58
02. A Frente Democrática e a Unidade Política do Nosso Povo	63
03. A Frente Democrática e a Construção do Socialismo	70
• A Luta Ideológica e a Educação do Homem Novo	79
01. Reforçar Ainda Mais a Consciência Socialista das Massas Trabalhadoras	80
02. Colocar Cada Vez Mais a Educação, a Cultura e a Arte ao Serviço do Socialismo e do Povo	93
03. Estender o Trabalho Científico, Elevar o Nível da Sua Organização e Direção	98

ENVER HOXHA – ARDOR REVOLUCIONÁRIO EM DEFESA DO MARXISMO-LENINISMO

Apresentação da vida e da atividade
revolucionária do camarada Enver Hoxha.



MANUEL QUIRÓS

JULHO DE 1974

ENVER HOXHA, O PRIMEIRO-SECRETÁRIO DO PARTIDO DO TRABALHO DA ALBÂNIA (PTA), partido comunista que sempre permaneceu fiel ao marxismo-leninismo e ao internacionalismo proletário, nasceu na cidade de Gjirokastër, em 16 de Outubro de 1908, quatro anos antes do reconhecimento da independência do país, efetuado na conferência de Londres de 1912.

O pequeno Enver, filho de uma família muçulmana e cidadina, frequentou a escola primária da cidade natal, que foi, juntamente com Shkodër, um dos mais antigos centros das aspirações nacionais albanesas, e aí aprendeu, além das primeiras letras, um sentimento patriótico muito elevado, de total identificação com os interesses populares.

No período da revolta democrática de 1924, conduzida pelo bispo ortodoxo e poeta Fan Noli, revolta inconsequente que iria levar ao regime tirânico de Ahmed Zogolli, apoiado por sérvios e italianos, Enver Hoxha, então estudante do liceu em Korçë, organizou a primeira manifestação de estudantes contra a opressão monarquista. Conhece, nesta altura, pela primeira e última vez na sua vida, o cárcere, aos 16 anos de idade, com muitos colegas do liceu. É a sua primeira prova de revolucionário, de combatente popular.

A coroação de Ahmed Zogolli, como Rei Zog I, com o apoio financeiro italiano e submetida à conferência de Londres, que só reconhecia para a Albânia o regime monárquico, traz uma entrada de divisas no país, mas cria, cada vez mais, uma estrita dependência

política e económica em relação ao fascismo.

Como brilhante aluno do liceu francês de Korçë, Enver Hoxha recebe, em 1930, uma bolsa do governo albanês para fazer seu curso superior na França, para onde parte no fim desse mesmo ano. Já então está perfeitamente convicto da absoluta necessidade de lutar contra o fascismo, contra o domínio que queriam impor ao país com a conivência do Estado, perante o ascenso da luta popular, em que Enver Hoxha toma parte. É o início da sua participação política como militante antifascista.

Na França, se inscreve na faculdade de ciências de Montpellier, no final de 1931, com 23 anos, e, dentro em breve, entra nas fileiras do Partido Comunista Francês (PCF). Aí vai encontrar um partido robustecido pelo movimento de bolchevização, pelo estilo de trabalho bolchevique, aguerrido na luta contra os social-democratas, a instabilidade política pequeno-burguesa e as primeiras manifestações ideológicas trotskistas. Enver Hoxha compreende profundamente a necessidade absoluta da unidade política, ideológica, organizativa e de ação do partido do proletariado. É a sua definição como comunista, como combatente de vanguarda do proletariado revolucionário, à frente das massas populares.

Os serviços secretos do regime de Zog referenciam-no, seguem a sua evolução ideológica, e fazem com que seja suprimida sua bolsa de estudos em fevereiro de 1934. Enver Hoxha é então obrigado a ir para Paris à procura de trabalho e, na capital, começa a escrever como colaborador, para o jornal *L'Humanité* do PCF onde denuncia a ditadura de Zog, que conduz a Albânia para o fascismo mais descarado, para sua entrega total à Itália de Mussolini.

Alertado pelos informes políticos do 5º e 6º Congressos da Internacional Comunista, e no período de preparação do 7º Congresso, em que os ataques de Dimitrov e a definição da política de frente única serão pontos de princípios para todos os comunistas, os artigos de Enver Hoxha, contra o fascismo, são cada vez mais violentos, chegando mesmo a prever a ocupação da Albânia pelas tropas italianas, a simples concretização do domínio que se exercia a todos os níveis da vida albanesa, como veio a suceder em 7 de Abril de 1939. É o domínio do método de análise marxista, aplicado à situação concreta do país.

Em Paris, Enver Hoxha esteve em ligação direta com a emigração albanesa, sobretudo com o grupo de comunistas que tenta criar uma “Frente Democrática” contra o regime de Zog, na linha das frentes populares proposta pelo Comintern como única forma de luta eficaz contra o fascismo.

Entretanto, frequenta o 2º ano de Direito e escreve artigos para *L'Humanité*, continuando

a ser perseguido pelos agentes secretos de Zog, o que provoca a perda de vários empregos e a consequente situação precária. Nada conseguem. De fato, nunca abranda o seu ardor revolucionário, a defesa dos princípios, a combatividade e sua entrega à causa do povo.

Enquanto outros jovens, individualmente ou aconselhados pelo grupo de Paris, partem para as brigadas internacionais que vão combater na guerra-civil espanhola, numa atitude plena de idealismo, Enver Hoxha regressa à Albânia. É uma justa compreensão do papel do comunista, uma utilização concreta do internacionalismo, que, em cada momento, consiste em dar a contribuição mais necessária à revolução, de acordo com as condições mais objetivas do país.

Depois do regresso, depois de um período de vários meses sem trabalho, Enver Hoxha leciona durante quatro meses no liceu de Tirana. Em seguida, por causa do domínio da língua francesa, foi enviado para o liceu de Korçë, onde utiliza as aulas para difundir as ideias marxista-leninistas, mas sob um verniz “democrático e antimonarquista”, para assim passar mais despercebido da repressão, que o conhecia bem.

É uma concreta compreensão das limitações, mas também da necessidade absoluta, do trabalho legal.

Ao mesmo tempo, se dedica à atividade política clandestina, como membro do Grupo Comunista de Korçë, do qual é um dos militantes mais ativos, sobretudo através do movimento sindical, ajudando os operários das oficinas artesanais e das pequenas fábricas, da cidade e dos arredores, a organizarem-se no seio das associações profissionais. Aborda e organiza o proletariado nas condições concretas do seu desenvolvimento político. São três aspectos fundamentais, como marxista-leninista, das posições políticas corretas de Enver Hoxha: o reconhecimento e prática da absoluta necessidade do centro político orientador, gérmen do futuro partido do proletariado; a ligação com as massas trabalhadoras; o trabalho fundamental a ser desenvolvido no seio do proletariado. Sem elas, a tentativa de condução política seria o caminho para uma total ineficácia, para o fracasso completo.

Foi demitido do seu cargo no liceu em 1939 sob o pretexto de não ter se filiado ao Partido Fascista, mas, de fato, foi demitido por ter sido um dos organizadores da grande manifestação antifascista de Korçë, do mesmo ano, e um dos responsáveis da juventude. Assim, Enver Hoxha passa a só poder atuar na clandestinidade, numa altura em que ainda reinava uma grande confusão nos grupos comunistas albaneses, separados por profundas divergências internas.

Em 1939, tenta fundir o grupo de Shkodër com o grupo de Korçë em Tirana, com a formação de um Comitê Central de quatro membros, equitativamente eleitos, só vem provar que a unidade sem princípios é impossível, que os grupos continuam a defender as suas posições anteriores, que a constituição do Partido só é possível pela afirmação hegemónica de um grupo, aquele que esteja sempre à frente do proletariado e das massas populares, conduzindo uma linha política correta, proletária.

Só o grupo comunista de Korçë defendia, na prática, a criação efetiva de um verdadeiro partido comunista, com direção centralizada, disciplina, linha única e o lançamento de uma ampla frente antifascista. Foi como representante responsável do grupo de Korçë e com a missão de impor, pelo debate a persuasão, estas posições de princípio, que Enver Hoxha foi enviado a Tirana, nos princípios de 1940.

A situação dos grupos comunistas, ou que se afirmavam como tal, na Albânia, era bastante complexa e confusa. Alguns membros, sobretudo os dirigentes do grupo de Shkodër, estavam convencidos, numa atitude perfeitamente capitulacionista, do qual não se poderia fazer nada, pois o pacto tático germano-soviético poderia ser prejudicado. Muitos dos jovens militantes de Tirana defendiam a entrada das tropas fascistas no solo albanês, porque assim se conseguiria uma rápida industrialização do país com a consequente formação de um vasto proletariado, pois apenas assim haveria condições para a revolução proletária, que só seria possível, para esses oportunistas de direita, quando o proletariado fosse a classe mais numerosa. O grupo Fogo, formado por trotskistas, defendia o “entrismo” nas organizações fascistas, para as modificar por dentro, numa forma descarada de colaboracionismo. Alguns militantes do grupo de Korçë apegavam-se ao sectarismo, não queriam alianças e recusavam a política da Frente Antifascista, o que equivalia a isolar o proletariado dos outros setores populares, precavendo uma pureza ideológica de laboratório, não a que deriva da condução política da luta proletária.

Frente a esta situação política, que oscilava entre o mais descarado oportunismo de direita e o sectarismo cego, o trabalho de Enver Hoxha, mesmo com o apoio que encontrou junto de dois militantes do grupo de Shkodër — Qemal Stafa e Vasil Shanto — foi prolongado e difícil, até à afirmação prática, mobilizadora, de uma linha com o completo apoio das massas populares, de luta declarada contra o fascismo.

O início da guerrilha popular no fim de 1940 em Pezë se mostrou ainda muito dependente do ponto de vista político do grupo de Korçë. Nessa altura, ainda estavam se concretizando as conversações em defesa da unidade política de princípios com os demais

grupos, e Enver Hoxha se desloca para as montanhas, em contato direto com a guerrilha. Em junho de 1941, o total apoio dos comunistas de Korçë à guerra popular foi um importante apoio para a unidade dos grupos, para o reconhecimento prático da vanguarda proletária na situação concreta. Anos mais tarde, perante críticas de direita ao seu “voluntarismo”, Enver Hoxha respondeu: “Sim, começamos a luta antes da URSS, mas, com a entrada desta na guerra, tivemos a certeza de que o nosso sangue não seria vertido em vão”. Isso foi uma justa compreensão do papel da vanguarda proletária reconhecida na prática, não por decreto formal.

Enver Hoxha, novamente em Tirana, sob os pseudônimos de Hassani e de Thanas, consegue convocar, em 3 de Novembro de 1941, uma reunião de todos os grupos comunistas, onde necessariamente havia militantes dispostos a aderir a posições corretas, com a presença de um representante da Liga dos Comunistas Iugoslavos. Ele tem de lutar para convencer todos os oportunistas de direita e os esquerdistas de que é possível a construção do partido num país de classe operária reduzida, que ela será a condição básica da vitória, que só assim ela não poderá cair sob a influência hegemônica de vizinhos poderosos, sobretudo numa altura em que a luta de massas conhece um ascenso vertiginoso.

Em 8 de Novembro de 1941 nasce o Partido Comunista da Albânia (PKSH) — mais tarde Partido do Trabalho da Albânia (PTA) —, partido que conduziu o proletariado e o povo albanês à vitória, que foi a cabeça do Exército de Libertação Nacional (LANÇ) e da Frente Democrática, contra os fascistas italianos e os seus serventuários burgueses do interior do país, contra o conluio dos aliados anglo-americanos. Hoje o partido continua a dar passos na marcha para a construção do socialismo.

Enver Hoxha é nomeado, no ato da fundação do partido, Primeiro-Secretário do Comitê Central e passa a viver nas zonas montanhosas libertadas, onde as nove guerrilhas populares albaneses passam a formar o corpo central de combate do Exército de Libertação Nacional. Entretanto, a criação do *Zëri i Popullit* (Voz do Povo), em agosto de 1942, sob a direção do Primeiro-Secretário do PKSH, surge como o elemento unificador de todo o partido, como o transmissor da teoria marxista-leninista, da linha única política, ideológica, organizativa e de ação do proletariado revolucionário a todos os seus membros.

A atitude política que, desde o início da publicação do *Zëri i Popullit*, define Enver Hoxha como grande teórico, sobretudo nos editoriais e nos artigos de fundo, apareceu assinados sob os pseudônimos de Selami, Maio, Sali, Taras, Valbona e Shpatë, são a ligação da verdade universal do marxismo-leninismo às condições concretas da Albânia,

o fato de participar ativamente, pela teoria e pela prática, na luta do proletariado e do povo. É a justa e correta compreensão do marxismo-leninismo como doutrina científica de uma classe (o proletariado) da teoria para a prática, enriquecida através da prática.

Ao mesmo tempo, Enver Hoxha chama a si, numa combatividade exemplar, riscos constantes, quer deslocando-se às zonas ocupadas pelas tropas italianas, mesmo depois da polícia de Tirana ter divulgado uma foto sua com a circular dizendo: Comunista Perigoso! Procurado Vivo ou Morto; quer indo sozinho ao ninho dos esquerdistas de Vlorë, numa altura em que se corria o risco de dominarem o partido; quer, ainda, ao estabelecer mais ligações, dando o exemplo de como se estabelecem durante os cercos militares, como ocorreu de 1943-44 com as tropas alemãs, quando fica isolado nas montanhas, com a maior parte do Comitê Central do PKSH e da Frente Democrática, ligações essas que eram vitais para a continuidade do trabalho político, para a condução da luta proletária. É a união prática da combatividade do militante às responsabilidades da direção política.

Enver Hoxha que até aí se via quase sempre obrigado a combater os oportunistas de esquerda, mais poderosos e as vezes aparentemente firmes, dos obreiristas aos trotskistas, passa a ter de combater, com a máxima força, o ressurgimento dos oportunistas de direita, sobretudo os partidários da submissão da vanguarda à Frente Democrática incondicionalmente, sem princípios, mas que se apresentavam sob a forma mentirosa de juntar ainda mais setores na luta contra o fascismo.

Em agosto de 1943, o seu combate aos dirigentes oportunistas de direita toma nova forma, porque estes queriam uma unidade capitulacionista com os Balli Kombëtar, o que equivalia a entregar o proletariado e o povo à burguesia mais covarde e inconsequente, paralisando a Frente Democrática. Depois de uma dura luta de princípios, as posições do PKSH acabam por ser reconhecidas como justas e a Frente Democrática proclama a condenação dos acordos com os Balli Kombëtar, os representantes dos interesses conciliatórios em defesa da burguesia. É um duro golpe proletário contra todos os direitistas.

Em 28 de Novembro de 1944, depois de três anos de luta vitoriosa, com o PKSH à frente, condutor do Exército de Libertação Nacional e da Frente Democrática, Enver Hoxha entra em Tirana e é eleito chefe do governo democrático da Albânia, que se estrutura sob a forma política de ditadura do proletariado vitorioso. É o início da construção do socialismo na Albânia, mas é igualmente o dealbar de novas lutas.

É também neste momento que Enver Hoxha se casa com uma professora e militante

do agora Partido do Trabalho da Albânia (PTA), Nexhmije Xhuglini, filha de uma família muçulmana da cidade de Bitola (Macedônia), militante do partido desde a sua fundação, e responsável da União da Juventude do Trabalho da Albânia (BRPSH). Ela sempre teve uma intensa atividade política, com um papel muito ativo no movimento de emancipação da mulher albanesa.

Nexhmije Xhuglini, companheira de Enver Hoxha, mãe de três filhos (Iir, Sokol e Pranvera) é membra efetiva do Comitê Central do PTA desde 1948; é responsável pelo Departamento de Agitação e Propaganda desde 1952, além disso é diretora do Centro de Pesquisas Marxista-Leninistas, com um importante papel na Revolução Cultural da Albânia.

A luta interna do Comitê Central contra as influências titoístas, contra o paternalismo de Tito, contra os seus desejos anexionistas, vinha do período anterior à conquista de Tirana. Havia, na Albânia, uma grande influência exercida pelos conselheiros iugoslavos, pelos adeptos que conseguiram quer no partido, quer nas fileiras da Frente Democrática. Os titoístas tentaram intervir, pela primeira vez, declaradamente, em novembro de 1944, no decurso da 2ª Plenária do Comitê Central, em Berat, onde taxam o “intelectualismo” de Enver Hoxha, forma habilidosa de desarmar teoricamente o partido do proletariado. Nesse momento não ousaram propor a sua demissão, receosos da ligação do dirigente com o proletariado e as massas do povo. As corretas posições de Enver Hoxha prevalecem e são elas que conduzem à vitória, calando, por certo tempo, todos os oportunistas de direita, que ficam planejando sabotagens e traições nas sombras.

Em Paris, na Conferência dos 21 países no dia 29 de julho de 1946, tentam diminuir a participação da Albânia, sob o pretexto de que ela “tinha colaborado com o fascismo italiano”. Assim, buscavam diminuir o bloco socialista através da invalidação da intervenção dos membros do PTA na plenária, reconhecendo apenas o poder da burguesia, diminuindo toda a luta do Partido do Trabalho da Albânia. Enver Hoxha faz seu discurso em 21 de agosto, no qual exigia o reconhecimento da Albânia e seus princípios socialistas, neste momento as cadeiras das delegações americanas e inglesas estão vazias, mostrando que estavam comprometidas com a tentativa de estabelecer um regime burguês no país; há também a ausência de Bidault, Presidente da França, horrorizado pela pressão do discurso de Enver Hoxha. Ele é o único dirigente a afirmar que só em seu país os colaboracionistas dos fascistas foram realmente punidos. Em uma justa posição internacionalista, denuncia a aliança do Primeiro-Ministro britânico, Anthony Eden,

com seu colega grego, Konstantinos Tsaldaris, e sua política de esmagamento do Partido Comunista da Grécia (KKE), ao lincharem seu principal dirigente, Nikos Zachariadis, ao aniquilarem as guerrilhas comunistas, os únicos combatentes consequentes contra o nazifascismo na Grécia, onde o Exército de Libertação Nacional Albanês também combateu na região de Çamëria, mas retiraram suas tropas logo depois da vitória contra os alemães. Esta denúncia tem grande importância, pois nessa altura já era sabido que Tito havia entregue muitos patriotas gregos ao governo reacionário de Tsaldaris e alimentava esperanças de incorporar a Albânia na Federação Iugoslava através da atuação de seus agentes secretos.

Em 14 de julho de 1947, Enver Hoxha faz uma viagem a Moscou, a convite do secretário-geral do Partido Bolchevique, Josef Stálin, de lá que se derivam os primeiros acordos comerciais e culturais entre os dois países socialistas, bem como o auxílio técnico soviético no momento em que a Albânia começa a estar no auge do seu esforço para a industrialização e na preparação dos terrenos pantanosos do litoral para a agricultura. É um total acordo de comunistas, o internacionalismo nas suas formas práticas, baseado na ideologia comum, nos princípios marxista-leninistas defendidos com firmeza.

Os desejos anexionistas de Tito tomam forma em 1947, como manifestação de uma política burguesa mascarada de marxismo, que procura transformar a Albânia na sétima república da Federação Iugoslava. Se encontravam pessoas adeptas dessa posição até mesmo dentro do próprio PTA. Eram eles que suscitavam, no geral, uma oposição às orientações do Comitê Central e tinham uma total rejeição e repugnância entre as massas populares. Repugnância, no fundo, que não é mais do que a justa vigilância das massas perante a degeneração interna da Iugoslávia. O povo encontrou sua expressão política quando a quadrilha de Tito foi expulsa da Cominform e do bloco dos países socialistas em 1948.

Além da independência política e da afirmação da “autodeterminação dos povos”, segundo os princípios básicos de Lênin e Stálin, a luta contra a tentativa de ingerência Iugoslávia é, também, uma luta de duas linhas: entre a linha proletária, o caminhar sobre as suas próprias forças, e a linha capitalista de dar predominância à técnica afastada das massas populares, seus meros executantes.

É caminhando sobre as suas forças, aproveitando a iniciativa das massas, que a indústria albanesa cresce, no decénio de 1949-1959 à cadência de 20,6% . É caminhando sobre as suas próprias forças, conduzindo a capacidade criadora das massas operárias e

camponesas, que o Partido do Trabalho dirige entre 1945-1946 a Reforma Agrária, que distribui 172 mil hectares de terras aos camponeses, sobre 221 mil ha do total de terras aráveis, beneficiando 70 mil famílias de camponeses pobres. Criam-se as primeiras cooperativas coletivas, segundo o método do convencimento político e do exemplo, e as primeiras Fazendas Estatais, sobretudo nas terras expropriadas das montanhas e dos pântanos. É caminhando com as forças do povo que o PTA pratica a diversificação da indústria e da agricultura, precavendo o abastecimento interno, para evitar qualquer género de dependência, qualquer tipo de chantagem económica, como a URSS tentou fazer em 1960, ao cortar os fornecimentos de trigo e de carvão, na sua tentativa infrutífera de dominar os albaneses.

O 20º Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), em 1956, onde se juntam os representantes dos interesses da nova burguesia soviética, instalada no aparelho do PCUS e do Estado, através de seus ataques ao camarada Stálin, abre o combate declarado contra a ditadura do proletariado. Porém, se levanta uma onda de protestos na Albânia, contra a defesa de posições burguesas e reacionárias. Encontra, no entanto, eco em alguns oportunistas declarados que, com espírito servil perante Nikita Khrushchev, e demonstrando as suas reais posições de classe, procuram tirar as referências e citações de Stálin de alguns livros, mas estes não conseguem levar o seu trabalho de sabotagem para a frente, diante da resistência da maioria do Comitê Central do PTA e do povo.

Seis meses depois do 20º Congresso do PCUS, Enver Hoxha vai à Pequim, à frente da delegação do PTA convidada a assistir ao 8º Congresso do Partido Comunista da China (PCCh), de setembro de 1956. As relações com a República Popular da China, que se tinham incrementado a partir daquele ano, na altura dos grandes fornecimentos de arroz à Albânia, se estreitam ainda mais. O encontro dos dois dirigentes (Mao Zedong e Enver Hoxha) é caloroso e fraterno, numa compreensão correta das grandes tarefas que se avizinham, do longo caminho que é necessário percorrer para extirpar do Movimento Comunista Internacional a traição do revisionismo moderno.

As críticas insanas a Stálin, muito semelhantes as mentiras da burguesia na tentativa de combater o proletariado na luta de classes, no fundo visava atacar realmente o regime da ditadura do proletariado e todo o passado revolucionário da URSS. Foram uma porta aberta para novas tentativas anexionistas de Tito, para o ressurgimento de formas capitulacionistas, de integração na Federação Iugoslava, de integração direta com um país socialista de fachada, que era capitalista de fato. Enver Hoxha e a maioria do

Comitê Central do PTA, com total apoio patriótico do proletariado e das massas populares, combateram, de 1957 a 1959, de forma decisiva, o titoísmo, arrasando, mais uma vez, o oportunismo de direita e a capitulação, frente ao jurado inimigo de classe, pleno de desejos de domínio sobre um povo livre.

Nos meados de 1960, Khrushchev, que vinha exercendo pressões econômicas e políticas sobre a Albânia socialista, passa a tentar converter suas teses revisionistas subvertendo o partido internamente, já que ele vira diversas vezes a firmeza da maioria do Comitê Central do PTA. Agora ele passava a querer conquistar quadros direto de Moscou, porém a resposta do PTA não tardou. Com o camarada Enver Hoxha à frente, o partido agiu com firmeza e decisão: Liri Belishova, antiga dirigente da BRPSH, e Koço Tashko, ex-embaixador na URSS, são expulsos do partido; organiza-se um processo com dez membros responsáveis, se comprovam as suas tentativas de participação em um golpe de estado, cujo resultado seria o desmembramento da Albânia, contra os interesses das massas; quatro destes membros renegados do PTA são condenados e executados. Como forma de protesto em relação ao seu golpe fracassado, a quadrilha de Khrushchev retira os submarinos soviéticos da base naval de Vlorë, deixando os 472 quilômetros da fronteira marítima albanesa desprotegidos, perante a esquadra do imperialismo americano que policiava o Mediterrâneo.

Também em 1960, na reunião de Bucareste, o Congresso dos 81 Partidos Comunistas e Operários, Enver Hoxha é o primeiro dirigente a fazer a denúncia pública do revisionismo moderno na própria tribuna do Congresso. É a atitude consequente de um dirigente e militante comunista, que vê e denuncia a traição ao proletariado e a causa de todos os povos do mundo.

Em 1961, o PTA, com Enver Hoxha à frente, arrasando com firmeza as tentativas e investidas do domínio da URSS, abandona e denuncia o Pacto de Varsóvia como uma força agressiva contra os povos do mundo, pois era a URSS que controlava as tropas do Pacto de Varsóvia, que as utilizava para os seus interesses social-imperialistas para subjugar os países da Europa Oriental e as massas populares, e dispor nos postos de direção os revisionistas que melhores sirvam aos seus interesses particulares, que de acordo de defesa perante a guerra imperialista se transformou na ponte da nova burguesia soviética.

Durante o 22º Congresso do PCUS de 1962, Khrushchev, ao mesmo tempo que proclama o Estado de Todo o Povo (mais um ataque contra a ditadura do proletariado) e a Coexistência Pacífica com o Imperialismo, como forma estratégica de decretar a nova

partilha do mundo, atributo das superpotências imperialistas que dividem entre si suas respectivas zonas e esferas de influência, ataca a Albânia socialista, comparando-a a uma “rã de fábula”. É uma forma de denegrir o camarada Lênin, de invalidar o seu combate contra os oportunistas e renegados da Segunda Internacional porque estava sozinho à princípio e não tinha o apoio das legiões de Kautsky e de Bernstein e das mais variadas matizes. É a mentalidade de caixeiro que mede o marxismo a metro, não pela correção de princípios.

Porém, Enver Hoxha e o Comitê Central do PTA não estavam sós, como o veio a demonstrar a publicação das várias cartas do Comitê Central do PCCh ao PCUS, numa luta decidida contra o revisionismo moderno, na base dos princípios. São posições comuns de partidos irmãos frente ao inimigo de classe, com respostas precisas que refletem as respectivas particularidades nacionais de luta pela construção do socialismo e do comunismo.

Inicia-se em 1967, com toda a força e prestígio do PTA, a Revolução Cultural conduzida pessoalmente por Enver Hoxha. Processo de extinção da burguesia e do aprofundamento ideológico proletário, levado a efeito sob a ditadura do proletariado. É o culminar de um longo movimento de massas, de crítica ao revisionismo moderno, sob todas as suas formas, cujos primeiros pronunciamentos vêm de 1960, baseados no discurso de Enver Hoxha no Congresso dos 81 Partidos Comunistas e Operários em Bucareste, que se acentuam com as críticas albanesas às posições revisionistas saídas do 22º Congresso do PCUS. É a correta compreensão de que aquilo que separa o marxismo-leninismo do revisionismo moderno não são só este ou outro ponto concreto, mas duas concepções do mundo: a da burguesia e a do proletariado.

A Revolução Cultural incidiu em todos os setores da produção e da vida social, da crítica aos dirigentes revisionistas do PTA comprometidos com a volta do capitalismo através da promoção dos quadros novos; da crítica aos preconceitos dos velhos quadros contra as novas experiências, assim como a crítica ao ardor esquerdista dos quadros da juventude, colocando-os no mesmo esforço comum de condutores de vanguarda da construção socialista; da crítica aos quadros que defendiam a profissionalização do exército através da desagregação das milícias populares, levando ao aprofundamento da integração das mulheres trabalhadoras, aumentando a contribuição das massas para a defesa do socialismo e do povo; da crítica às concepções atrasadas e patriarcais sobre o papel das mulheres na construção do socialismo, levando a sua elevação e participação efetiva em todos

os escalões do partido, do Estado e da produção; da crítica aos especialistas tecnocratas aburguesados, através da elevação do ensino politécnico; da crítica à religião opressiva, serventes do reacionarismo, ressaltando o papel histórico dos sacerdotes de todas as crenças que se identificaram com os interesses populares e aplicando as exigências das massas de fechamento dos templos, igrejas e mesquitas; da crítica às concepções individualistas, alimentando o espírito coletivo, a solidariedade proletária mútua; da crítica impiedosa ao revisionismo através da defesa intransigente de classe, do marxismo-leninismo. É um combate declarado e aberto contra o revisionismo e contra a burocracia.

Enver Hoxha, que dirige e participa ativamente em todo o processo da Revolução Cultural, apresenta, citando Stálin, a forma correta da sua condução: “Organizar o controle pela base, organizar a crítica de milhões de homens da classe operária contra o espírito burocrático das nossas instituições, contra os seus defeitos, contra os seus erros [...] Só deslocando o centro de gravidade da crítica pela base que poderemos conquistar o sucesso na nossa luta, e assim o burocratismo será extirpado”.

O informe político de Enver Hoxha ao 6º Congresso do PTA em 1971, bem como o informe de Mehmet Shehu, são o fundo político e ideológico de todo o movimento da Revolução Cultural, da luta contra o revisionismo, das bases para a continuação da construção do socialismo, da construção da sociedade de “a cada um segundo as suas necessidades”, na previsão genial de Marx para o comunismo.

O informe ao 6º Congresso é também o conhecimento, de Enver Hoxha e do Comitê Central do PTA, de que é um caminho longo e difícil, um caminho de constante apuramento político e ideológico, perante o cerco do imperialismo americano e do social-imperialismo soviético, de continuação da luta da classe operária, de participação dos comunistas em todos os trabalhos de vanguarda, sobretudo nos mais perigosos, que exigem os maiores esforços e dedicação, do seu exemplo no seio do povo, do seu trabalho ao serviço do povo — como afirma Enver Hoxha em seu discurso histórico de 2 de Fevereiro de 1973 — de total abdicação de si próprio, sem vantagens econômicas ou regalias pessoais, mas pela obrigação do seu elevado grau de consciência política, de construtores do mundo novo.

Em 1968, no 60º aniversário de Enver Hoxha, o PCCh enviou uma carta de saudação ao secretário-geral do PTA, assinada pelo próprio Mao Zedong, onde se lê, na edição do *Zëri i Popullit* de 16 de Outubro: “*Tu és, de fato, um combatente e um grande herói do marxismo-leninismo*”.

ALBÂNIA, UMA EXPERIÊNCIA SOCIALISTA ÚNICA NA EUROPA

Apresentação das vitórias da revolução
socialista da Albânia através de um observador
marxista-leninista.



GILBERT MURAY⁰¹

OUTUBRO DE 1973

A CONSTITUIÇÃO ALBANESA COLOCA O PARTIDO ACIMA DO ESTADO. É ELE QUE desempenha o papel de dirigente e é ele que tem o dever de impulsionar a todos os setores da atividade ideológica, política, econômica e técnica. Ao mesmo tempo, no quadro da violenta campanha dirigida contra os *novos czares*, o revisionismo soviético é definido pela separação entre as massas e o Partido Comunista da União Soviética (PCUS), que exerce a sua atividade fora e sobre elas. Esta ruptura, entre dirigentes e dirigidos, condena os primeiros a se transformarem em burocratas burgueses. Toda a vida política albanesa se resume em um esforço para colocar e resolver, de outro modo, esta contradição dialética: por um lado, o Partido do Trabalho da Albânia (PTA) exerce a direção em tudo; por outro, não deixa nunca de se banhar no povo “como peixe na água”. É nisso, segundo os próprios albaneses, que reside a linha de demarcação fundamental entre a sua fidelidade ao marxismo-leninismo e o abandono dos princípios revolucionários nos outros países da Europa Oriental.

01. Gilbert Muray, professor efetivo de filosofia, doutor em Sociologia, foi destituído das funções de mestre-assistente de Sociologia na Universidade de Bordeaux, por motivos políticos. Membro do birô político do Partido Comunista da França (PCF), foi expulso em 1968, por “desvio de esquerdista”. Passou dois anos na Albânia. Baseado na sua experiência, escreveu *Albanie, Terre de L'Homme Nouveau* (Albânia, a Terra do Homem Novo). Foi o professor e anotador da coletânea de textos de Enver Hoxha, *Face au Revisionisme* (Enfrentando o Revisionismo). É membro ativo da Associação de Amizade Franco-Albanesa.

Em suma, se não existe uma força dirigente, a luta popular não pode se organizar, falta-lhe um programa, uma estratégia a longo prazo e unidade tática na ação imediata. Mas, se a força dirigente se eleva acima dos dirigidos, se o controle ‘de cima’ se torna mais importante que o controle ‘de baixo’, calcando-o ou eliminando-o, a própria força dirigente muda de natureza, deixa de ser revolucionária, se instala a autossatisfação pelo poder e pelos interesses materiais — se torna, em breve, em um motor do regresso ao capitalismo.

É isto que exprime Enver Hoxha numa das frases-chave do seu discurso no 6º Congresso do Partido do Trabalho da Albânia (PTA) — frase essa mais clara para os leitores de Hegel e de Marx do que para os outros: “o que transforma a classe operária em si, em classe operária para si, é o partido”. Em outros termos, o proletariado não atinge a consciência clara dos seus objetivos e dos meios que a eles conduzem senão na medida em que dispõe da sua própria organização política. Os destacamentos revolucionários dispersos pelas fábricas e pelos bairros não podem nunca se elevar acima de um trabalho de agitação e de reivindicação, necessário mais insuficiente, para tomar ou conservar o poder. Apenas a classe para si própria, a classe que tem o seu partido como vanguarda, é capaz de fazer e de forjar a história.

Porém, os laços entre o partido e a classe não são estabelecidos, de uma vez por todas, através de um acordo místico. O partido não adquire, como privilégio, o direito de representar eternamente a classe. Só a história real de uma organização, o desencadeamento das suas lutas, das suas iniciativas, das suas alianças, dos seus métodos, permite saber, não apenas o que ela foi num determinado momento da sua história, mas também aquilo em que se tornou. Vladimir Lênin tinha explicado como os velhos partidos social-democratas degeneraram, em particular porque o poder tinha sido tomado, aí, pelos representantes dessa camada social a que se chama “aristocracia operária”.

Assim, diz ele, as formações da 2ª Internacional, tornaram-se “partidos operários burgueses”, representantes da burguesia no seio do proletariado.

Uma burocracia dominante, colocada acima das massas, pode muito bem propagandear “teorias” marxista-leninistas. Mas, na prática, os seus interesses, as suas necessidades, os seus desejos, a sua imagem da felicidade, encontram os dos dominadores de outrora. Dizer que a ideologia burguesa se instala neste grupo social não é afirmar que, de um dia para o outro, o discurso marxista será abandonado, é afirmar que ele não se inscreve já nos atos dos homens, e em particular nos dos dirigentes. Os detentores do po-

der do Estado e os beneficiários das posições privilegiadas (que são muitas vezes, mas não necessariamente, os mesmos) os diretores de empresa, os quadros de todas as origens e de todas as naturezas, ocupando todos altos postos, formam então uma casta à parte. Quanto mais o tempo passar tanto mais a casta se atribuirá oficialmente a gestão exclusiva, quer dizer, de fato, a propriedade real e os lucros da produção; numa palavra, a volta ao capitalismo não é senão o movimento que corta o partido das massas, associa a burocracia política⁰² às burocracias econômica, intelectual e administrativa e desemboca, silenciosa, no ressurgimento sub-reptício de uma nova burguesia.

Contra a Burocracia

Todo o problema está então em saber em que condições o partido se forma e se mantém como representante da classe operária, como pode ele “revolucionar” permanentemente a sua vida interior e as suas relações com as massas, para se proteger de toda a esclerose. O primeiro processo é “nunca esquecer que a luta de classes prossegue no interior e no exterior do partido”. Não existe, na Albânia, uma quadrilha como a de Liu Shaoqi, constituída em facção e dotada de um quartel-general, mas se trata de uma transformação revolucionária de cada organização, de cada militante comunista. Dado que o revisionismo começa com o abandono dos princípios leninistas no partido, todo o problema reside em destruímos em nós próprios esta parte do nosso pensamento e da nossa ação que é suscetível de se isolar das massas, ceder ao sentimento da propriedade privada ou, se quisermos, ao egoísmo individual e familiar característico da burguesia.

É que, com efeito, os comunistas devem receber a formação técnica ou econômica necessária ao exercício do seu papel dirigente. Mas a sua missão própria não é agir sobre as coisas, é sim de mobilizar e de formar homens; se eles a não cumprem o conjunto das instituições, das realidades sociais, perde todo o espírito militante. As consignas administrativas substituiriam a vontade de vencer. Mesmo os quadros comunistas do aparelho de Estado, não devem nunca raciocinar como tecnocratas. O seu papel é atuar, sem descanso, pelo desenvolvimento, junto dos trabalhadores, de “uma compreensão ideológica

02. Embora o movimento de revolucionarização, na Albânia, tenha quebrado a possibilidade desta posição reacionária, no importante discurso de 26 de Fevereiro de 1972, Enver Hoxha volta a insistir no combate à burocracia. Nele distingue três espécies de comunistas: os que arranjam pretextos a fim de não irem para locais de trabalho mais duro; os que cumprem as ordens do Partido, quando são mandados desempenhar essas tarefas; os que se oferecem para esses trabalhos. Como é lógico, o apoio do secretário-geral do PTA vai para os últimos.

e política das suas missões para organizar e mobilizar totalmente estes trabalhadores”.

Deste ponto de vista, a célula, a organização de base constituem o elo mais sólido da cadeia. Só ela pode analisar e aplicar as diretivas do partido. Também só ela consegue fazer com que as necessidades das massas sejam formuladas e se tornem na lei do partido. É preciso desconfiar do interesse exclusivo pelos números do plano. O problema consiste em aplicar uma prática de combate contra todo o modo de agir estranho ao socialismo, ou seja, o gosto pela autoridade ‘de cima’, servilismo, falta de espírito crítico da base, egoísmo a todos os níveis.

Para fazer face a uma tal missão, o partido deve responder a um certo número de condições. Antes de mais, é preciso que ele conte, nas suas fileiras, com um número crescente de militantes de origem operária.

Certamente que na Albânia do Rei Zog, a indústria se encontrava muito pouco desenvolvida e era sobretudo pela sua ideologia que o proletariado desempenhava o papel dirigente. Mas hoje já não é a mesma coisa e os trabalhadores representam uma parte importante da população. É preciso, portanto, assegurar a sua presença em todos os escalões, da base ao topo, sem cair na armadilha revisionista de um recrutamento composto de intelectuais, de técnicos e de quadros. Em todas as regiões o PTA vela a fim de poder contar, nas suas fileiras, com uma proporção suficiente de operários de cada nível de qualificação. Também não seria aceitável que as camadas principais da produção sejam mantidas longe deste movimento. Numa palavra, 36,41% dos membros do partido trabalham em fábricas. A envergadura destas medidas práticas, precisas, realistas, não escapará a ninguém. Se se pretende que o poder político do partido seja o da classe, é preciso que o partido represente efetivamente a classe, não no sentido parlamentar de um delegado designado por quatro ou cinco anos e livre de trair, mas no sentido de uma proximidade material e moral, de uma comunidade e de aspirações. O PTA coloca as suas organizações de base sob o controle operário, isto é, estas escolhem os novos membros, designam os responsáveis, fixam a ordem do dia, excluem os aderentes, passivos ou indignos, após consulta efetiva da massa, da gente simples que vive à sua volta. A procura ativa da opinião dos “sem partido” é, cada vez mais, considerada como uma missão importante, para não dizer fundamental, dos militantes. Todos os meios possíveis são postos em ação: colocação de cartazes, discussões individuais ou de grupo por oficina, abertura das reuniões de célula aos trabalhadores que o desejem. Assim, pela composição, pelo funcionamento, pela escolha dos seus dirigentes, a organização de base exprime a vida concreta do homem,

do homem trabalhador no local de trabalho e também de habitação. Ao mesmo tempo, o recrutamento deixa de pôr unicamente problemas de ordem individual. É certo que se trata de acolher os melhores revolucionários albaneses na organização, mas também de recrutar os operários que, ali onde estão, podem exprimir o ponto de vista de uma certa parte da sua classe. É por isso que importa que, em todos os setores, em cada fábrica, em cada oficina, a corrente passe dos “sem partido” aos membros do partido. É lógico que a corrente não passa num sentido com exclusão do outro.

O papel dirigente da organização de base, no seio da classe operária, exerce-se exatamente da mesma maneira e no mesmo momento que o controle da classe operária, no seu conjunto, se exerce sobre o partido. O debate político na célula, as diretivas que lhe são transmitidas do Comitê Central e da Federação, o esforço para as compreender, discutir, aplicá-las às massas, não pode exprimir-se, nem se afirmar ou realizar-se, na oficina ou na fábrica, sem que os trabalhadores no seu conjunto saibam que todos os acontecimentos da vida e do partido lhes dizem respeito. Em suma, se o partido tivesse por missão principal agir sobre as coisas, ultrapassar ou vigiar o aparelho de Estado, ele não teria absolutamente nenhuma necessidade desta presença física nas empresas. O que transforma os dados do problema é que a organização tem como objetivo essencial trabalhar entre os homens, ser realmente, e não no papel, o partido da classe operária, o instrumento da sua ditadura, no sentido marxista do termo, isto é, do seu poder político.

É evidente que isso dificulta a missão da organização. É nela que se exprime a contradição dirigentes-dirigidos, que se torna, se uma tal política é corretamente aplicada, na contradição entre a direção do partido e a classe, e o controle da classe sobre o partido. Mas é o único meio de efetivar a frase-chave da tese de Enver Hoxha, afirmada do 6º Congresso, que “a classe em si, inconsciente e entregue ao seu destino, se torna em classe para si, política e teoricamente consciente, capaz de iniciativa histórica, quando tem o seu partido”.

Cada organização de base, com efeito, aceita assim um compromisso, com uma fidelidade ao mesmo tempo única no seu princípio e dupla pelo caminho: exprime os interesses dos trabalhadores, ali onde ela se enraíza; é portadora das perspectivas políticas que o Comitê Central emana à escala nacional, uma vez que o conjunto das necessidades e aspirações de todas as empresas, de todo o país lhe chegam ao conhecimento.

Entre o fluxo montante da base e o fluxo descendente da direção, seria absurdo negar que o encontro não possa produzir remoinhos. Em tal caso, existem dois tipos de

soluções igualmente simplistas : se a vontade da base é mecanicamente sacrificada, a célula não tem outro remédio senão obedecer ao centro, que fica cortado das massas, e a burocracia toma o poder; se as perspectivas parciais da oficina ou da empresa são tomadas em consideração pela organização, a classe operária no seu conjunto perde toda a possibilidade de se dar a uma consciência coletiva, o partido dispersa-se numa multidão de grupos particulares, o ponto de vista empresarial elimina o ponto de vista proletário, e é a economia que triunfa sobre o pensamento político.

Só que esta contradição não é — para empregar o termo marxista — uma contradição antagônica. Quer dizer, que ela pode resolver-se através do debate político e da iniciativa operária. Ela pode-se resolver como pode também degenerar num conflito brutal entre um centro autoritário e uma classe passiva, no pior dos casos, ou revoltada. Tudo depende dos métodos empregados, da “linha de massas”, daquilo a que os albaneses chamam “a aplicação criadora das normas leninistas”.

Porque a organização de base é a única a estar no centro do debate, a única a viver na prática esta situação difícil, cabe-lhe a ela resolver o problema; e, diz-nos Enver Hoxha: “Essas liberdades dos simples militantes devem ser protegidas contra todas as deformações burocráticas; tendência de uns com a falta de realidade e de coragem, portanto esperam as soluções de cima, muito acabadinhas; tendência, dos outros, dos quadros e órgãos dirigentes do partido [...] a intervirem a propósito de tudo e a decidir sobre tudo, ou, ainda, a estabelecerem uma tutela intolerável através dos assistentes, esquecendo o modo como eles limitam as iniciativas das organizações e dos militantes comunistas. Os assistentes, com efeito, estão ali para levarem uma ajuda teórica, uma formação necessária e não para se substituírem aos militantes. Mesmo as diretivas, as instruções, as decisões tomadas pelo centro *não devem ser nem longas, nem detalhadas*, para serem, ao mesmo tempo, claras e porque cabe à base examinar como fazê-las se aplicar na prática. O PTA se protege contra todas as manifestações de *intelectualismo* e de *burocratismo*. O papel do centro é, portanto, de capital importância. Porém, na condição de que todas as medidas decididas sejam tomadas em conta e postas em prática pela base: todas as formas de trabalho e de organização devem contribuir para pôr em movimento as organizações de base e os comunistas, para encorajar a sua iniciativa, para reforçar as responsabilidades individuais e coletivas, de cada célula e de cada comunista. Também individual, a vida da organização de base não é apenas a sua própria reunião, mas a totalidade da atividade dos comunistas, considerados um a um e no seu conjunto,

antes, durante e depois da reunião, atividade destinada a elaborar e a aplicar a linha e as decisões do partido, em todos os locais onde se vive e se trabalha”⁰³.

É preciso ir até ao fim desta dialética. Se a organização de base luta à escala da fábrica, o próprio militante deve reagir às situações da oficina, ou no seu bairro, dado que o partido funciona no quadro local de trabalho. O centro não paralisa a célula se ele próprio se tornar burocrata, a célula não paralisa o militante, se cair no formalismo administrativo. “Sem comunistas revolucionários não existirá partido revolucionário; sem iniciativa e sem coragem na base, não existirá um laço vivo com as massas no topo. Sem militante lúcido e livre, a teoria não é tomada na prática na linha de massas. O que elimina o perigo burocrático não é, no essencial, um texto empinado, de uma vez por todas, a redação de estatutos (ainda que se trate de um ponto importante), é sim um estilo de trabalho posto em ação cotidianamente, é uma *revolucionarização ideológica* dos quadros e dos militantes. Ao respeito da base pelo centro, corresponde, para cada célula e para cada comunista, a coragem de assumir a plena responsabilidade da ação que realiza, ou ainda: Os comunistas devem dar provas de coragem logo que as decisões, as diretivas e as instruções várias se encontrem em contradição com a justa política do partido e não correspondam às condições particulares reais”⁰⁴.

Um Leninismo Criador

O comunista albanês não é um personagem dócil, submisso ou domesticado. Mas ele também não é um alegre fantasista. O espírito de iniciativa repousa sobre um modo revolucionário de pensar e agir. Não aparece sozinho nem é recebido como presente. Adquire-se através de uma longa prática, de uma reflexão teórica sobre a história do PTA, sobre as obras de Enver Hoxha e sobre os clássicos marxista-leninistas. Um militante que julga uma iniciativa particularmente mal adaptada à situação, apoia-se, ao mesmo tempo, sobre o conhecimento da realidade concreta da sua oficina, por exemplo, e sobre os princípios marxista-leninistas, o ideal comunista, a análise geral dos problemas albaneses e internacionais que são o bem comum de todos os membros do partido. A recusa de uma disciplina cega, do apelo à consciência revolucionária da vontade de dar ao partido uma unidade sem fraquezas, mas sem rigidez, revela uma concepção muito

03. Enver Hoxha: *Obras Escolhidas, Volume 4 (1966-1975)*; páginas 683-773 – Casa de Publicações “8 Nëntori”.

04. Enver Hoxha: *Obras Escolhidas, Volume 4 (1966-1975)*; páginas 683-773 – Casa de Publicações “8 Nëntori”.

diferente, até mesmo nos seus métodos, das práticas existentes nos países submetidos à influência soviética. E o autor destas linhas é tão sensível à teoria albanesa da iniciativa militante, porque pertenceu, durante vinte e seis anos, ao Partido Comunista Francês (PCF), onde nada existe que se assemelhe a este leninismo criador.

Ao mesmo tempo criador e fiel aos princípios, Enver Hoxha, nunca como no 6º Congresso disse com mais força: “O partido não é apenas a vanguarda consciente da classe operária, mas é também a sua forma de organização mais elevada, que se caracteriza por uma unidade de pensamento e ação, que assume a missão de dirigente no conjunto da atividade revolucionária”. Qualquer concepção de uma revolução sem partido que assuma este papel, é denunciada como uma utopia ou uma traição. Certamente que Enver Hoxha recorda que, em certos países, a política das organizações revisionistas levou os revolucionários sinceros a terem confiança unicamente nos movimentos espontâneos⁰⁵. Mas a sinceridade é um estado de alma, ela não garante de nenhum modo a eficácia de uma ação.

Seria, no entanto, impossível levar a bom termo uma política fundada sobre o espírito de iniciativa e responsabilidade da base, com quadros que tivessem, do seu próprio poder, uma concepção burocrática. As precauções estão tomadas para tornarem impossível uma tal degenerescência. Antes de mais, tanto no partido como no aparelho de Estado não existe qualquer meio de tirar lucro, ou mais-valia, da classe operária, mesmo sob o nome de recompensa ou salário pelos serviços prestados. Entre um operário não qualificado e a primeira figura do Estado, a escala de recursos varia entre um e três. Nenhum albanês pode ganhar três vezes mais do que outro. O espírito de autoridade ou de comando, quer dizer, o gosto de impor o seu poder, de exigir uma disciplina passiva, uma submissão cega é radicalmente proscrita. Deste ponto de vista é interessante assistir a uma discussão entre um responsável regional e um assistente da organização de base, isto é, de célula. O papel do primeiro não é ditar a sua conduta ao segundo, mas de lhe recordar uma linha geral, uma orientação revolucionária global e de lhe fornecer, também, a oportunidade e os meios para uma análise, portanto para novas iniciativas. É verdade que eu não assisti

⁰⁵ Mas, seguindo o pensamento de Enver Hoxha, no informe ao 6º Congresso do PTA, verificamos que, quando entra em linha de conta com este problema, se resume a considerá-lo momentâneo, necessariamente superável. É também de particular importância teórica, sobre o problema da formação do partido marxista-leninista, ou da organização marxista-leninista, a distinção feita por Zhou Enlai, no informe político ao 10º Congresso do PCCh, entre verdadeiros e falsos marxista-leninistas, entre o palavreado e a situação concreta.

à explosão de um conflito, mas sobre a base dos princípios claros e de uma discussão permanente, os debates internos podem ser frequentes e ricos se se transformarem em conflitos. A luta mais intensa desencadeia-se contra as tendências mais egoístas, de sentimento da propriedade privada: não é possível que eu defenda uma ideia, uma sugestão, simplesmente porque ela é a minha. Importa apenas tirar em conjunto uma conclusão conforme às necessidades das massas.

Um Mergulho nas Massas

Assim, as massas encontram-se permanentemente no centro das preocupações do partido. Mas como dar-lhes autoridade e poder? O PTA esforçou-se constantemente por lhes levar os meios de expressão e de ação. É por isso que se torna tão difícil, para os franceses, compreender o que é a união profissional. Um sindicato? Sim, sem dúvida, mas também a junção de todos os operários albaneses, que exercem coletivamente o seu poder de classe. Assim, também a Frente Democrática reagrupa a população, no seu conjunto, sobre a base do local de habitação. Ela chamou-se outrora Frente de Libertação Nacional. Os seus conselhos eram os órgãos do poder de Estado e hoje ainda, são estas assembleias abertas a todos e a cada um, que escolhem, de facto, os candidatos às eleições. Candidato único, pois seria estranho opor um adversário a um homem (ou a uma mulher) que os eleitores já designaram coletivamente.

Este mergulho do partido nas massas, para as mobilizar tanto para a crítica como para a ação, é característico: o partido no poder é, de certo modo, a sua própria oposição. Ele bate-se contra o *indiferentismo*, contra a tendência de certos cidadãos satisfeitos com a subida rápida do nível e do estilo de vida, de deixarem passivamente que os dirigentes façam o que entendem. O partido que detém o poder é o mesmo partido que incita a multiplicar os panfletos incendiários, as cartas, a criticar os erros ou as faltas de onde quer que elas venham. Ele não é, nem uma instituição que se defende, nem um grupo fechado sobre si próprio, mas a consciência de uma classe, e mais largamente ainda, de todo um povo.

A EDUCAÇÃO POLÍTICA DOS QUADROS E DAS MASSAS

Discurso pronunciado na reunião do Birô
Político do Comitê Central do Partido do
Trabalho da Albânia (PTA).



ENVER HOXHA

13 DE JANEIRO DE 1968

A ORIGEM IDEOLÓGICA DO CONSERVADORISMO NA POLÍTICA DE PROMOÇÃO DOS NOVOS QUADROS

A atenção que é preciso prestar na educação dos novos quadros (e quando falo dos novos quadros não digo respeito somente aos dirigentes de todos os níveis e de todos os setores, mas também ao conjunto das massas, aquelas que notamos com potencial entre as pessoas com talentos e que são promovidas aos postos de responsabilidade) é uma das preocupações constantes, um cuidado permanente do partido. Essa atenção deve impor-se na educação moral, política, ideológica e técnica dos quadros. É na base desta educação sólida que se revelam capacidades e são promovidos quadros a postos de responsabilidade, segundo os critérios justos que o partido adota, entre eles: a confiança política, a formação político-ideológica e técnico-profissional, a origem e a conduta moral proletárias etc.

A formação dos quadros não deve ser separada da preparação e da educação das massas, o contrário disso seria a degeneração do nosso conceito filosófico de primazia das massas sobre os indivíduos; esses últimos nada podem sem o desenvolvimento das massas. Iniciados nas justas categorias do partido, eles põem à serviço das massas, no interesse comum, o seu saber, a sua capacidade e o seu talento. Uma concepção clara do importante problema dos quadros, da sua origem, da sua educação e sua promoção nos

permitem combater e rejeitar numerosos conceitos estranhos ao marxismo-leninismo, conceitos burgueses, capitalistas, idealistas e, por consequência, contrários ao socialismo.

Nosso partido está muito longe de ter eliminado, para não dizer desenraizado, esses conceitos estranhos à nossa doutrina e a construção do homem novo, de tipo comunista. Para chegar lá será preciso que apareçam, sucessivamente, gerações de comunistas que o partido deverá temperar de forma intensiva e revolucionária.

O trabalho do partido para preparar os quadros deve ter uma concepção filosófica marxista. Assim como em todos os campos da vida, não deve estender-se só a uma elite, mas sim às massas, a todo o povo⁰¹. A têmpera dos comunistas, em particular, também não devem ser a de uma elite para si⁰², mas um meio, uma arma, uma educação da vanguarda da classe operária que se coloca na direção a serviço da revolução, pela têmpera das massas e pela sua educação marxista-leninista. Assim, concebida e aplicada, essa questão evita que os quadros se afastem das massas e assegura que ela lute nessa direção; estabelece, para o indivíduo, justas funções em relação à sociedade, inicia os homens e mulheres, em conjunto, na compreensão do significado do socialismo e do comunismo, na teoria e na prática, do patrimônio individual e do patrimônio social socialista; no papel das massas que fazem a história; ela explica como a nossa filosofia marxista concebe o papel das massas e o papel do indivíduo na sociedade.

Isso nos permite a peneirar e aniquilar os conceitos filosóficos idealistas e burgueses que se tenham se impregnado sorrateiramente na consciência das massas. Digo peneirar porque todas as coisas na concepção de mundo das massas não são e não poderão ser burguesas ou idealistas. A superestrutura dos regimes passados, com a sua filosofia, o seu modo de vida, as suas leis, a sua cultura e a opressão deixaram profundos vestígios entre o povo; é por isto que o partido julgou ser seu dever separar o verdadeiro do falso e descartar este último.

O partido, através de seu trabalho e sua linha política, obteve durante décadas inteiras grandes sucessos no que diz respeito ao despertar das massas, em relação a sua educa-

01. O conceito de *povo* para Enver Hoxha, como para todos os marxistas, é variável segundo a etapa da revolução e o processo de abolição das classes sociais. Na revolução democrática e nacional, o conceito de *povo* é mais vasto, pois compreende, também, setores da burguesia (pequena e média); na revolução democrática popular, ao contrário, diz respeito apenas ao proletariado, aos camponeses pobres e médios, às camadas semiproletárias rurais e urbanas e as camadas inferiores da pequena-burguesia (o que não exclui alianças específicas para a solução de problemas concretos, mas como alianças táticas e não estratégicas) — Nota da Tradução.

02. Aqui Enver faz uma crítica implícita aos conceitos de Liu Shaoqi — Nota da Tradução.

ção política, escolar e técnica, à sua revolucionarização. Sob a direção do nosso partido, as massas fizeram a revolução e passaram a construir o socialismo com sucesso. Durante este desenvolvimento, as massas se colocaram na tarefa de cumprir uma série de processos revolucionários, tantos visíveis como invisíveis. Estes últimos processos, sob a influência direta e como consequência dos primeiros, seguiram todos pelo caminho da dialética marxista das transformações quantitativas e qualitativas, sempre em movimento, em evolução e progresso.

No decurso desses processos, o povo lutou contra o velho e abriu o caminho para o novo, foi capaz de neutralizar tudo que era retrógrado, mas não totalmente. O processo de dissolução do velho, nomeadamente no campo ideológico, é longo, uma dura luta contra as concepções do velho mundo, contra os conceitos retrógrados e suas sobrevivências, contra as possibilidades de reaparecimento destes conceitos nas consciências dos indivíduos e contra o perigo do retorno massivo das concepções idealistas.

É por isso que o desenvolvimento das massas, do que é revolucionário, entra em conflito com obstáculos e dificuldades de toda ordem, tanto objetivos quanto subjetivos, seja com a imaturidade política dos indivíduos e de alguns grupos, com a ignorância, o andar para trás, a resistência obstinada das concepções caducas, prejudiciais e perigosas que tinham se transformado em um modo de vida com muitos hábitos, e cujos perigos, anacronismos, contradições e antagonismos com o progresso da nova sociedade não chegavam para ser abarcados por todo o povo.

Não quero insistir aqui também sobre as dificuldades materiais contra as quais nos chocamos, durante todo o processo de desenvolvimento do nosso país, mas em geral, tanto nos primeiros quanto nos segundos, o partido obteve grandes sucessos, superou numerosas dificuldades, e por meio da revolução, através de uma profunda revolução política-ideológica, econômica e material, lançou sólidos alicerces para a edificação do socialismo, da qual conduzimos hoje com sucesso.

A revolução socialista é inevitável, mas deve ser aprofundada em cada campo, nomeadamente nos campos políticos e ideológicos. Essa deve ser uma preocupação constante. Inevitavelmente, é o que exigem as vitórias alcançadas e a construção de novas vitórias. A isso, nos ensina o partido, devemos operar seguindo a linha de massas. Tiremos algumas conclusões dessa brilhante linha revolucionária de massas que o partido aplica.

Se nós tivermos em conta o desenvolvimento revolucionário das massas na edificação do socialismo, na tempera da sua consciência socialista, aí veremos também os saltos

quantitativos e qualitativos. O partido apoiou-se continuamente nas massas, as mobilizou na luta e no trabalho, mas essa mobilização não foi sempre uniforme. Neste crescente entusiasmo revolucionário, um papel decisivo foi desempenhado pela justa e consequente linha do partido em todos os campos da vida política, social, cultural e econômica. O partido sempre aplicou, na teoria e na prática, a vital linha de massas, assim como o papel decisivo das massas na transformação da sociedade e dos indivíduos que a constituem. É a este importante papel das massas, guiadas pela linha do partido, que são as fundações das grandiosas transformações, das assentes bases sólidas, das ricas perspectivas que conquistamos. Se a linha do partido não tivesse se constituído dessa forma, se não fosse compreendida e aplicada, a edificação do socialismo estaria em perigo, e se não continuarmos a compreendê-la dessa forma, se a nossa linha não for revolucionarizada ulteriormente, a edificação completa do socialismo corre o risco de se encontrar em grande perigo.

Viremos rapidamente nossos olhos para o desenvolvimento de nossa indústria. Quantas dificuldades encontramos e superamos, dificuldades tanto materiais e profissionais, quanto políticas. Não devemos esquecer que as velhas concepções sobre o trabalho, que existiram e que era preciso também superar, as dificuldades que encontramos na criação da classe operária e no trabalho socialmente coletivo, as dificuldades devidas ao espírito conservador e artesanal, à brandura e a negligência, assim como a falta de disciplina e de consciência socialista do trabalho.

As medidas adotadas foram um todo complexo que contribuiu para ultrapassar essas dificuldades; mas não devemos nunca esquecer que, nessa viragem, foi desempenhado um papel decisivo pelas massas que, compreendendo gradualmente a linha do partido e a sua perspectiva, se educaram no trabalho e no combate, adquiriram uma grande consciência e exaltaram a confiança na sua própria capacidade, foram educadas e encorajadas pelo seu exemplo e pelas suas realizações. As escolas, os cursos etc., realizaram cumprir seu papel, contribuíram para todas essas coisas que descrevi, foram um dos meios desse grande salto para o futuro que se tornou impossível ignorar. Ninguém quer, no momento atual, ficar sem trabalho, todos querem trabalhar, aprender novas profissões, ir para onde seja necessário ir diante das necessidades. Assim, dessa forma, todo obstáculo, todo prejuízo foram quebrados nesse sentido.

E vemos no presente aquilo com que podemos contar: o entusiasmo revolucionário das massas sob a direção do partido, este que se transformou em uma alavanca formi-

dável, em um brilhante educador, em um grande regulador que estimula a respiração da nossa sociedade socialista.

Qualquer tarefa, o reforço ulterior da nossa indústria, o aperfeiçoamento e a qualificação massiva dos quadros empregados nesse ou naquele setor, irá para frente, para o futuro, com um entusiasmo extraordinário.

Falemos da agricultura ou até mesmo de um processo ainda mais complicado, quantos não foram os resultados grandiosos obtidos! Superamos a propriedade individual, dividida, reforma agrária, as concepções individualistas da propriedade privada, os conceitos patriarcais da família, os processos atrasados de trabalho, o livre mercado e a especulação; passamos a um combate glorioso a tudo isso, mesmo que complicado e difícil, para a coletivização do campo. Uma completa epopeia da linha vitoriosa do partido. Daí atingimos a coletivização completa, a melhoria das planícies, o arroteamento das novas terras, um sistema de irrigação sem precedentes, a coletivização do gado; a belíssima concepção socialista da propriedade comum, da solidariedade e da cooperação, da ajuda organizada à escala nacional às poderosas cooperativas agrícolas, às cooperativas nas zonas montanhosas; à concepção científica e avançada dos meios e dos métodos de trabalho, um modo de vida totalmente novo, a uma nova concepção de costumes, de luta contra os preconceitos, a religião e tradições atrasadas.

Só o nosso partido, só as amplas massas orientadas na linha do partido poderiam realizar essas profundas transformações revolucionárias. É o que precisamente sustento e acho que temos que pôr isso mais em evidência. Nós sabemos que uma luta incessante se desenvolve e continuará a se desenvolver na consciência das pessoas contra as sobrevivências da antiga ideologia burguesa-capitalista. Remanescentes similares às que são combatidas, que reaparecem e são novamente combatidas, existem mais ou menos em um amplo número de operários, camponeses e intelectuais, velhos e novos, homens e mulheres, comunistas ou membros da Frente Democrática. Porém, sem uma linha justa, sem uma enorme bigorna, como a que o partido coloca em marcha, não se poderia chegar a esses resultados. A linha de massas, as massas em revolução, o partido com sua linha marxista-leninista, esses são os verdadeiros educadores dos indivíduos que devem fundir-se às massas, prepara-las junto com elas na luta, libertar sua consciência através da luta.

O heroísmo revolucionário massivo é o maior exemplo educador para o nosso povo. O heroísmo individual tem também um valor educativo, mas somente quando se cumpre no quadro do interesse coletivo, quando ele é parte constituinte e integrante da obra coletiva.

É por isso que a subestimação da linha de massas e do papel decisivo delas, do seu elã, do entusiasmo, do forte heroísmo revolucionário é uma atitude perigosa. Essa subestimação nos leva a pontos de vista individualistas, junto de todos os seus males morais, políticos e ideológicos, antissocialistas e antimarxistas. O indivíduo tem o seu papel a desempenhar em nossa sociedade, pois são os indivíduos que constituem as massas. O marxismo-leninismo não tem por objetivo subestimar o papel do indivíduo na sociedade, mas de o iniciar na ideologia proletária, nas justas concepções sociais e filosóficas, nas concepções socialistas da vida, do trabalho, da propriedade, da família, da produção, da política, das relações entre as pessoas, entre os povos, entre Estados. Trata-se aqui de uma questão de luta, de concepções de mundo diametralmente opostas. O partido visa libertar o ser humano; a burguesia visa mantê-lo numa escravidão secular.

A educação ideológica e política dos seres humanos tem uma grande importância. É por isso que o partido presta grande atenção a essa questão e empregou diferentes formas para atingir resultados evidentes e bem fundamentados.

Os remanescentes do passado que ficam na consciência dos homens: eis o que devemos substituir e combater sem cessar, sem a menor hesitação, porém com muita paciência. Podemos eliminar esses remanescentes, mas elas podem reaparecer sob formas e em circunstâncias novas. É uma tarefa, uma luta escalonada de décadas, mas esforços para que elas sejam totalmente eliminadas cada ano e em cada década, não farão senão consolidar a obra do partido. Tal é o nosso caminho que assegura a passagem ao comunismo. Porém, para chegarmos lá com segurança, é preciso entender corretamente como conduzir uma luta incessante com olhar para a realidade de hoje como ela é, com tudo que ela se comporta bem ou mal, entre seus sucessos e derrotas; é preciso consolidar os sucessos e reparar, ou ao menos prevenir, as derrotas.

Os remanescentes da ideologia burguesa e pequeno-burguesa se manifestam de forma individual, em diferentes gêneros, na intensidade e nos prejuízos que causam. Porém manifestar-se de diferentes maneiras, ter intensidade e formas variadas em cada caso. Porém, todas elas têm uma origem comum: a filosofia idealista, burguesa e capitalista. Entretanto, a revolução, o trabalho e a luta do partido buscam combatê-las. Se manifestam por localidades, tal qual são combatidas localmente; algumas vezes resistem, reaparecem e prejudicam a sociedade e os indivíduos, outras vezes ainda ficam latentes, porém renascem em circunstâncias diversas. Numerosas formas desses remanescentes se tornam hábitos para certas camadas e entram a sua marcha ao progresso. É por isso que o

partido conduz, frontalmente e de forma minuciosa, essa grande educação das massas.

Consideramos alguns grandes exemplos, como a consolidação do cooperativismo do ponto de vista ideológico, para não abordarmos, agora, o seu aspecto econômico. Demos um importante passo à frente, mas seria um grande erro, uma enorme miopia, se pensássemos que o nosso camponês se libertou totalmente do maior número das suas concepções antigas e retrogradadas. Que luta nos fica ainda para manter, para acabar a sua educação! Neste sentido, um grande programa de trabalho e de luta nos encontra de frente.

Analise a questão da religião. Demos um grande passo qualitativo na luta contra ela. Porém, fizemos desaparecer a fé na religião, seus preconceitos e costumes? Não, ainda estamos muito longe disso; não devemos ter ilusões, não podemos de maneira nenhuma nadar no prazer e adormecermos. A religião atiza incêndios nefastos.

Analise a questão da emancipação da mulher. Demos um grande passo qualitativo nesse sentido, mas a luta do partido está longe de ter atingido seu objetivo. Chegou a mim uma carta anônima de Shkodër, cujo autor, afirmando ser um patriota, mesmo na verdade sendo um pseudopatriota, me acusou de “não agir bem ao elevar o papel da mulher, pois isso rebaixa a honra do marido”. Camaradas, são só cem ou mil pessoas que pensam como ele? Não, são certamente mais numerosos os que falam, os que ficam só calados e que ainda agem negativamente ou resistem sob diversas formas.

Podemos dizer a mesma coisa quando falamos do problema da nova família em geral, quanto a questão da defesa da propriedade comum socialista etc.

Consideremos alguns problemas levantados no relatório do comitê do partido do distrito de Shkodër. Estou de acordo com os camaradas do partido em Shkodër, eles estão no caminho certo, agem viva e corretamente, devem ser saudados pela maneira como analisam as coisas, pela ajuda que levam aos povos das montanhas, enviando para lá quadros e técnicos.

Os remanescentes da pequena-burguesia na consciência das pessoas, como já falei anteriormente, podem ser combatidas através de uma luta consequente da qual só o partido pode conduzir através da educação ideológica e política e do trabalho prático revolucionário. A educação organizada, do mesmo modo quer a educação das massas, a educação individual ou a educação estruturada em grupos, produzem todas um efeito positivo sobre a têmpera das pessoas, já temos sinais de bons resultados. Muitos desses resultados nos parecem naturais, disseram que surgia deles próprios, mas as coisas não são assim.

Falemos, por exemplo, da questão da introdução dos operários em diferentes pro-

fissões, ou a dos camponeses na agrotécnica, ou ainda a de todos os trabalhadores em conjunto. Muitas das barreiras foram superadas nesses domínios; antigos conceitos pequeno-burgueses e retrógrados, como o conservadorismo, o egoísmo profissional, os conceitos atrasados sobre o trabalho e as normas de trabalho, sobre ganhos etc., foram rejeitados formalmente, porém alguns desses preconceitos ainda subsistem, mais ou menos, nos indivíduos, o que acabam por contaminar, também, os pequenos grupos e as massas. Existe, então, um duplo perigo; é por isso que a educação deve se processar também sob o plano individual e no plano de massas.

Podemos lembrar que o partido, em seu incansável trabalho, obteve grandes resultados nesses campos, pois os antigos preconceitos em relação à introdução do povo em novas profissões, nos campos do saber etc., foram, em geral, derrotados. Isso não quer dizer que não surjam numerosas dificuldades no nosso caminho, dificuldades objetivas e subjetivas, mas é verdade que estamos bem longe da época em que mil obstáculos entravam no caminho da solução daqueles problemas. Esse é um dos aspectos do problema, sendo o outro a promoção de novos quadros aos postos de responsabilidade. Quando a questão é, ao notar as grandes massas de pessoas que estão progredindo, que estão estudando ou se fazendo notar, fazer a sua promoção para dirigentes. Com isso, nos deparamos com numerosos obstáculos. Obstáculos que são causados, em grande parte, aos remanescentes e sobrevivências de uma consciência pequeno-burguesa estranhas a nossa ideologia marxista-leninista, e o que é mais perigoso, é que eles se manifestam também nos quadros do partido e do Estado, que acumulam uma grande experiência, que são temperados ou melhor preparados política e ideologicamente do que as largas massas trabalhadoras.

A necessidade de educar os novos quadros, de os promover aos postos de responsabilidade, segundo os seus méritos, o problema da rotatividade⁰³ dos quadros, e muitos outros problemas que com eles se relacionam, são, em geral, bem compreendidos pelos quadros do partido e do Estado e resolvidos com acerto. Porém, numerosos casos provam que esses princípios não são compreendidos e aplicados de maneira acertada em todos os lados e por todos os camaradas. Notam-se evidentes violações da política do partido em relação a promoção dos novos quadros, que na maior parte dos casos, são reparadas

03. Não podemos esquecer que Enver Hoxha se refere à rotatividade de um partido no poder. Em caso diferente, a defesa de semelhante atitude seria total liberalismo – Nota da Tradução.

imediatamente quando são assinaladas, o que as tornam em uma lição e um método de reeducação. Esses casos flagrantes são melhor observados pelo partido e anulam-se os motivos que conduziram ao erro, quer dizer, faltam ressaltar e analisar os remanescentes antimarxistas na consciência e no trabalho do indivíduo que errou, seja o egoísmo, a vaidade, a arrogância, a vingança, o favoritismo, a vantagem individual, a glória pessoal etc.

Isso é algo positivo e, se aprofundarmos esse aspecto, será ainda melhor. Esse trabalho é, de fato, frutuoso na aplicação correta da linha do partido, no controle rigoroso da sua aplicação. Serve para corrigir os indivíduos e contribui para a educação das massas.

Entretanto, os erros cometidos na política dos quadros não são sempre flagrantes ou isolados. Muitas vezes eles são enredados ou obscurecidos, voluntaria ou involuntariamente, por diversas justificativas objetivas ou subjetivas, fundadas ou infundadas. Tais erros não-flagrantes podem ser casos particulares, mas podem se transformar em uma linha incorreta, o que é mais perigoso, da qual também é velada e justificada por uma enormidade de dados pseudo-objetivos e subjetivos.

No informe do comitê do partido do distrito de Shkodër do qual analisamos (do qual se faz notar problemas que não dizem respeito apenas a Shkodër) vimos que, na política dos quadros, existem conceitos conservadores, patriarcais, familiares e de outras manifestações do mesmo gênero. São, de certo, conceitos condenáveis e perniciosos. O partido aplica-se a combatê-los, porém, na minha opinião, não se luta suficientemente para exorcizar o partido de sua nocividade, pois que, de indivíduo a indivíduo, podem acabar se tornando em concepções formais e correntes estranhas a nossa política marxista-leninista.

O indivíduo que não estiver bem preparado política e ideologicamente contribui para este estado de coisas, exerce a sua influência entre os remanescentes da consciência pequeno-burguesa que subsistem em si e que as justifica através de uma pretensa preocupação e atenção “positiva e justa”, da qual o partido deve ter na educação e promoção dos quadros no seu conjunto. Um tal indivíduo encobre e contamina a linha do partido com todos os males que acima mencionei, como o egoísmo, a superestimação das suas capacidades pessoais, o sentimento de manter o posto que ocupa, o das vantagens econômicas e do prestígio pessoal etc.

Reconhecendo o caráter perigoso desses males, corrigindo-os apenas nos indivíduos, acabamos no fundo não dirigindo uma luta ideológica contra essas manifestações, para que elas não degenerem em tendências e correntes.

O que é isso senão ser conservador na política de promoção dos novos quadros? É não caminhar com o ritmo impetuoso da nossa revolução, não compreender a evolução, ter falta de espírito de continuidade, não seguir a corrente e demorar as coisas travando essa mesma evolução. Significa, na verdade, não representar claramente os princípios do partido, por reservas, não acreditar no desenvolvimento criador e subestimar o papel das massas, as suas capacidades políticas e organizativas, superestimar o que já se fez e se contentar com isso, temer tudo o que é novo, inovador, prometededor, acatar que não se cometem erros e preferir travar o desenvolvimento, crendo que assim serão cometidos menos. Isso atrai a desconfiança dos novos quadros, uma afeição e uma amizade mórbidas pelos antigos camaradas e amigos que se distinguiram, por assim dizer, no trabalho, que têm experiência, que são insubstituíveis devido aos seus méritos etc. Certamente que o indivíduo procura outros companheiros que partilhem os seus pontos de vista, que pensem mais ou menos como ele, e então temos de nos contentar, não com um só, mas com vários indivíduos, temos que nos contentar com uma tendência, com uma linha que, se não for combatida pelo partido, se relaciona com “justificações” supostamente corretas de “preocupação, da atuação, da falta de experiência, do que deve ser provado”, que são justificáveis, mas que não são consideradas por essas pessoas sob uma verdadeira luz, como nos ensina o partido.

O que é a familiaridade no trabalho, na política de quadros e em cada setor do partido? “familiaridade” vem da palavra família. O partido não reprova a família, pelo contrário, a defende e a reforça ao fazê-la superar velhas concepções burguesas e pequeno-burguesas que a orientavam e a dirigiam. Essas velhas concepções antimarxistas estavam, e em alguns casos ainda estão, mais ou menos fixas no espírito dos membros da família, existem dessa forma, na qualidade de costumes e leis dessa célula da sociedade.

Quais são os remanescentes que se manifestam nesses dois planos? Entre elas há “o espírito da família, do descendente, da linhagem”, “a defesa do interesse da família como uma entidade que ultrapassa a sociedade e a maior parte das vezes em detrimento dessa última”, a defesa e o apoio, com razão ou sem ela, de cada membro da família”, “no seio da família, não há nada secreto, sendo todas as coisas julgadas e apreciadas na base dessa entidade e no seu interesse; as leis da família prevalecem sobre as da sociedade”. Em algumas famílias persistem o regime do patriarcado, ou seja, o poder do pai, do homem. Imaginemos, pois, que ervas daninhas e venenosas venham a germinar e crescer em um terreno infectado de tais conceitos antimarxistas e antissocialistas.

O egoísmo, esse sentimento repulsivo que liga cada coisa a si próprio, ao indivíduo, se torna um defeito compacto, a propriedade privada envolve um sentido cruel, o interesse pessoal preside a todas as coisas. Se este problema for superficial e resumidamente tratado, imaginemos que prejuízo será causado ao trabalho do partido e do estado desde que o tolerem na política.

Nós falamos contra a familiaridade no trabalho, mas não vemos como deve ser o perigo que este mal constitui para o partido e para o socialismo, pois se continua daí passam a tratar o partido com “amiguismo”⁰⁴ que se enganam visto que, veja, “somos amigos, lutamos e trabalhamos juntos”. Esse espírito mórbido passa do estágio do “camarada” para o da instituição, da fábrica, do comitê, e aí vemos aparecer o espírito de capelinha que recordamos, porém, mais frequentemente, rimos dessas situações e dizemos: “não há mal nenhum”, quando na verdade isso comporta graves perigos. Qualquer coisa que não aguenta a prova do infalível termômetro marxista-leninista é mórbido, mostra que se sofre de febre e que outras doenças mais graves podem atingir o homem, o partido, toda a sociedade e o socialismo.

Talvez eu tenha insistido um pouco em excesso nessas questões, ainda assim vim dar numerosas opiniões sobre coisas que o partido tem constantemente levantado e resolvido com sucesso, porém escolhi essa ocasião para reforçar, ainda mais, o problema de um trabalho político e ideológico mais vasto nesse campo.

É necessário ir até a raiz dos problemas, analisa-los claramente e de formas a serem compreendidos pelos quadros e pelas massas. Odiamos fórmulas e citações disparatadas. Penso que cada coisa deve ser utilizada de forma inteligente, simples e popular, com objetivo de tirar alguma lição delas, com um profundo conteúdo de princípio, ideológico e político, que possa servir aos quadros e às massas no trabalho, na vida.

Penso que a introdução à moral comunista deve consistir em armar bem o povo com os ensinamentos do marxismo-leninismo, em inculcar-lhes no espírito, ao longo de toda a vida, desde a infância até a velhice, os conceitos e as concepções da sociedade socialista e comunista. O partido tem cumprido muitas tarefas nesse sentido, e não deixará de continuar cumprindo essas tarefas, mas nos falta fazer ainda mais. Passamos de uma etapa a outra, de um estágio a outro, ainda assim as necessidades multiplicam-se, as exigên-

04. Aqui, o camarada Enver Hoxha faz menção ao “coleguismo”, ou “amiguismo” no sentido que conhecemos no Brasil como “fisiologismo”, ou seja, conduta ou prática de certos representantes do partido e do Estado que visa à satisfação de interesses ou vantagens pessoais em detrimento do bem comum — Nota do Editor.

cias também, as pessoas progredem, desenvolvem-se, novas condições são criadas; é por isso que a conjuntura e as condições que estamos requerem novos métodos de trabalho, de luta e de educação. Só o partido está à altura de fazer uma análise justa, de definir as orientações apropriadas, de fazer generalizações, de criar as formas e os métodos mais apropriados e mais eficazes. Todas essas coisas, todo o trabalho inteligente, dinâmico e de princípio do partido confirmará a sua linha, fortalecerá os quadros e as massas e, assim, alcançaremos vitórias que não poderíamos prever anteriormente.

O nosso partido tem que cumprir uma grande missão e uma tarefa complicada de elevar bem alto e firme a bandeira do marxismo-leninismo, o que significa dar o exemplo, no plano interno, edificando o socialismo e o comunismo, e ser, no plano internacional, uma chama da aplicação correta da ideologia marxista-leninista e do internacionalismo proletário, sobretudo nesse período em que o revisionismo moderno, com os renegados soviéticos à frente, atacam a teoria revolucionária e acabam por restaurar o capitalismo na União Soviética e nos países em que os revisionistas estão no poder.

Sendo uma vanguarda organizada da classe operária e obedecendo, acima de tudo, a esses princípios, o partido nunca deve esquecer que tem de cumprir uma alta missão que consiste não apenas em preservar, mas também em preparar cada dia a sua unidade com o povo, porque essa unidade é, mais do que nunca, vital nas circunstâncias desse cerco capitalista-revisionista no qual a Albânia socialista se encontra. É só seguindo essa via, essa linha do nosso partido, que essa unidade pode ser salvaguardada e temperada. Todo o abandono desse princípio seria catastrófico.

A linha marxista-leninista do nosso partido é a síntese da luta, das aspirações, das realizações, das obras revolucionárias das massas sob o signo da dialética materialista marxista. Essa correta linha do partido enriquece-se a cada dia pela experiência das massas e se materializa em novos bens materiais e morais.

Assim, as massas criam, o partido dirige, sintetiza, educa e recria. Nesse processo contínuo, são o partido e as massas que criam e analisam e, através dessa grande e frutuosa criação, que eles educam, adquirem experiência, saber, destreza, tenacidade etc.

Nesses grandes movimentos revolucionários, nesses largos movimentos de massas que o partido inspira e guia, nasce e tempera-se a nossa ética marxista, que repousa no materialismo histórico e que subordina a evolução social e a evolução econômica.

Dessa forma, na grande obra criadora das massas e do partido, e no processo de desenvolvimento econômico do nosso país sob a via do socialismo, nascem e consolidam-se

as verdadeiras normas da nova moral socialista. Foi justamente partindo dessa via revolucionária que nós nos tornamos marxistas e que nos consolidamos na vida das massas e da revolução proletária. Não fomos formados pelos princípios sociais aristocráticos, nem pelos de Spencer, nem pela ética de Espinoza, nem pelas teorias de Jean-Jacques Rousseau. Fizemos isso mesmo sem o nosso povo conhecer suas teorias filosóficas, melhor ainda, porque essas teorias teriam nos confundido. Entretanto, não poderíamos ter vida, não poderíamos dar um único passo adiante, seríamos cegos e escravos por séculos, sem Marx, Engels, Lênin e Stálin, sem nossa gloriosa teoria marxista-leninista. Alguns podem dizer que, para entender e aplicar Marx, é preciso estudar correntes filosóficas anteriores do pensamento humano, assim como Marx o fez. Isso é um exagero, as vezes isso é até dispensável. A genialidade de Marx e Lênin cumpriu muito com essa tarefa, eles, inclusive, iluminaram o caminho, colocaram todas as coisas em seu lugar e nos deram uma poderosa arma para abrir qualquer caminho. Os sábios e os filósofos devem estudar as velhas correntes filosóficas, sociais e éticas idealistas se tiverem esses como objeto de estudo, mas nunca devem esquecer que devem evitar enredar-se e, assim, enredar em seguida aos demais com sofismas e toda a sorte de teorias e de interpretações falaciosas, idealistas, revisionistas, como é o caso de numerosos pretensos filósofos e ideólogos revisionistas que se fazem passar por marxistas, que podem dizer o que for, jamais serão marxistas.

Isso não quer dizer que não é necessário estudar o desenvolvimento do pensamento humano e as suas evoluções, tal qual estudar o desenvolvimento econômico e social da humanidade. Seria um erro pensar dessa forma, contudo, nesses estudos em específico, é sempre necessário deixar-se guiar e iluminar, em toda e qualquer pesquisa, pela nossa teoria marxista-leninista. Entretanto, essa erudição não chegará se o pesquisador não participar ativamente, não se empenhar por inteiro, no turbilhão da revolução onde reside a origem de nossa teoria, que enriqueceu e confirma os princípios da nossa filosofia materialista e marxista-leninista.

Tenho na minha biblioteca em casa as obras de Rousseau em francês, entre as quais há, também, o Emílio. Porém, devo admitir que não senti falta de um Emílio traduzido para o albanês. As vezes eu fico me perguntando a utilidade e a quem serviria a publicação em massa de um livro de um filósofo burguês do século 18 do qual já está mais do que superado pelo tempo, não só para nós que construímos o socialismo e que elevamos e educamos uma furiosa juventude revolucionária que está em luta aberta contra os

princípios sociais de Rousseau. Até mesmo a burguesia passou a deixar as obras de Rousseau mofando em suas prateleiras nas bibliotecas, pois é hoje anacrônico até mesmo para a educação da juventude burguesa. Os que perdem seu tempo traduzindo tais obras têm merda na cabeça e nós os encorajamos sendo condescendentes com a publicação de tais livros unicamente pela “fama de Rousseau”.

Camaradas, nós vivemos tempos históricos e decisivos em que o partido dirige brilhantemente a revolução. Ninguém deve ficar de fora dessa grande revolução. Todo o povo deve fazer sua contribuição, isto é, pensar e trabalhar para a revolução em todos os campos, em todas as especialidades, com todas as suas capacidades. As ideias e as obras de cada um devem estar ligadas por laços indestrutíveis à nossa revolução. A criação de cada indivíduo deve se inspirar na revolução das massas que o partido guia e junta-se à sua força. Os professores primários, os que ensinam geral, os escritores, os poetas, os compositores, os cantores, os artistas, os intelectuais devem ser levados a se inspirar na revolução; é pela revolução proletária e pela obra massiva do povo, para a edificação do socialismo e a criação de novos bens materiais que devem dirigir-se e inspirar-se todos os seres humanos, cada qual em seu posto de trabalho, e é nome da revolução e do socialismo que eles devem consagrar todo o seu trabalho e todo o seu ser.

Só seguindo esse caminho desembaraçaremos o terreno das ervas daninhas do passado, só assim será fincado e temperado a ética marxista-leninista e só assim será desenvolvido a nossa ciência social marxista-leninista. É nessa via, nesse caminho, e não pela imaginação mórbida ou estudos livrescos que construiremos o homem novo, comunista, que edifica o socialismo e cuja formação política-ideológica e técnica enriqueceu este progresso revolucionário do país; o homem que não está atrasado em relação a esse desenvolvimento do ponto de vista intelectual e moral, visto que, nesse caso, seria um entrave.

O partido, o povo, os quadros, unidos como um só corpo, caminham resolutamente por esse caminho. Analisando apenas o período que passou desde o 5º Congresso do partido, notamos o grande elo revolucionário criou o partido, que energias foram empregues na batalha, que grandes reservas surgiram e quantas outras continuam borbulhando para avançar ainda mais.

Que heroísmo massivo e com que ardor as ações das massas se sucedem uma atrás da outra! Se criou por toda parte um grande otimismo, uma grande alegria no trabalho, fadiga que não é sem razão; se nota uma enorme sede de estudar, de se autocriticar, de se desembaraçar dos males do passado. É sacudir os males na totalidade, e essa depura-

ção é mais radical, melhor cimenta, visto que passa da consciência individual à coletiva. É por isso que cada um deve responder a esse entusiasmo com todas as forças da sua alma e de seu corpo.

Obras simples e ricas de sentimentos populares levantaram bem alto a humildade do nosso povo. Que devem fazer nesse caso os escritores de todos gêneros? Escrever romances, peças de teatro e poesias em seus gabinetes de trabalho, espremer e detalhar fatos banais e servir-nos alguns traços “psicológicos” inexistentes e rebuscados? Ou então juntar-se às massas e assim reproduzir esse entusiasmo, essa filosofia própria das massas e relatar os traços exatos da verdade psicologia proletária? Nos resta ainda muito para fazer, seja dentro das escolas e por toda a parte, mas para terminar pretendo apenas dizer algumas palavras sobre os nossos filósofos e intelectuais, nomeadamente sobre os historiadores e cientistas sociais.

Penso, e eu posso estar enganado, que eles devem reexaminar seriamente o seu trabalho do ponto de vista da forma, sobretudo, da temática e de seu conteúdo.

A forma tem a sua própria importância, evidentemente que é necessário saber como apresentar o trabalho, porém é importante também saber a quem esse trabalho é destinado. Aos pouco numerosos intelectuais ou às massas? Se vocês destinam sua obra a uma minoria, podem ter feito o trabalho mais “científico” possível, mas a verdade é que sua obra não pode ser lida ou compreendida por aqueles que devem lê-la e compreendê-la, ou seja, a maioria.

Se cumprirem a regra de destinar a obra a maioria, então estão sobre o caminho certo; é a tarefa de vocês procurar formas simples e apropriadas pelas quais se podem exprimir ideais profundos e realizar grandes atos. Essas formas só podem se encontrar entre as massas e não nos livros acadêmicos que devem ser consultados sem jamais esquecer o objetivo central.

Eu vejo constantemente a temática das publicações e boletins de história e de ciências sociais que são publicadas a nossa Universidade. Abundam neles temas que envolvem a história antiga do nosso país, de qualquer natureza, e das nossas figuras históricas do Renascimento. Isso é algo ruim? De maneira nenhuma, é ótimo na verdade, mas isso deve ter o seu lugar tanto em quantidade como em qualidade. Por outro lado, vemos muito pouco nessas publicações e boletins as questões, debates e problemas da nossa época socialista, como por exemplo, pesquisas sobre a Guerra de Libertação Nacional, problemas econômicos, históricos, problemas da luta de classes e contradições na so-

cidade. Isso não é justo, isso significa de certo modo, ficar estagnado e não contribuir para o progresso social com a riqueza e grande experiência material e espiritual de que o homem novo na Albânia socialista tem tanta necessidade. Certamente que o homem novo pode ler o que dizem de nós os Cônsul de Veneza do século 16, mas esquecer os importantes problemas atuais, entre os quais o nosso trabalho todos os dias se debate — essa não é a via correta e equilibrada dos nossos intelectuais.

É por isso que, como em todas as coisas, nesse campo também, é necessário dar uma recalibrada positiva, dando a prioridade ao que é mais indispensável, sem esquecer jamais as outras coisas que podem ser necessárias.

Criticando justamente os nossos cientistas a propósito dessa questão, não escaparia os camaradas do Ministério da Educação Pública e da Cultura, do Instituto de História e Linguística da Universidade e dos diferentes institutos. Por outro lado, os setores de propaganda do nosso Comitê Central, a Escola do partido, o Instituto de Estudos Marxista-Leninistas deve também dar um grande contributo.

Penso que é necessário compreender a fundo e considerar como um trabalho de uma grande importância o reexame das orientações e da prática concreta estabelecida no estudo de numerosos problemas atuais. Nós não podemos dizer que não agimos nesses campos, mas não agimos como seria necessário numerosas razões, e penso que o principal motivo é que, para esses problemas complicadíssimos, não se estudam a fundo as diretrizes e orientações do Comitê Central, essas não são analisadas até o fim e em toda a sua amplitude. Isso tem uma grande importância pelo fato de que é necessário corrigir numerosas práticas e métodos estabelecidos há muito tempo e que não se podem ultrapassar facilmente, visto que nessas questões vemos interpõem-se formas e métodos antigos, reproduzidos nas diferentes escolas onde numerosas pessoas foram educadas. Eles causam prejuízos por entrarem em desuso e insistirem em determinadas formas a que estão habituados e praticam há anos.

Há no conjunto dos intelectuais (inclusive nos nossos) o sentimento de conservadorismo e de egoísmo intelectual, essa vaidade ativa no seu intelecto e nas formas que empregam, para não falar das suas ideias e pensamentos já formados que constituem o ponto essencial do problema. Eis o motivo de ser indispensável que as diretrizes e as orientações do Comitê Central sejam estudados a fundo para esclarecer ideias e depois depurar formas, os textos, estabelecer critérios novos e corretos no trabalho, agir de uma forma organizada e adotar medidas concretas. Quando o partido diz para depurar os

textos dos excessos, das coisas inúteis e por vezes erradas, aí está um problema muito importante e que não é fácil do ponto de vista ideológico, pedagógico e técnico. O que fazer em relação a isso? Eu não sei se o Ministério da Educação Pública e da Cultura se agarrou o suficiente a essa questão, mas vejo apenas uma ou outra rubrica no jornal da juventude, e em *Mesuesi*, alguma ideia ocasional, não aprofundada, expressa por algum professor primário. Não se pode resolver problemas dessa magnitude dessa forma.

Levanto essas questões porque elas não devem ser consideradas como assuntos limitados a um só setor, ou questões que podem ser resolvidas apenas mobilizando algumas pessoas do setor de educação; é um problema-chave que tem por grande objetivo educar, através do marxismo-leninismo, gerações inteiras, segundo a nova moral, introduzir nelas as novas concepções de mundo, nos novos métodos e meios que podemos adotar, não dizendo que elas são convenientes a essa ou àquela pessoa, mas considerando-as com o objetivo de determinar como elas devem ser para nós, se nos convêm e em que medida nos servem e como nos devem servir o melhor possível na nossa realidade concreta, favorecendo a nossa situação. Essas questões pertencem, portanto, em primeiro lugar ao partido, visto que é ao partido que cabe a pesada tarefa e o grande dever de educar os quadros e as massas.

E quando digo que é o partido que deve agarrar-se seriamente a essa questão, é necessário estar muito convencido disso, visto que todos não estão necessariamente convencidos dessa tarefa o quando é preciso. O partido, em cada distrito, ao orientar as organizações de base até o seu comitê, só pensa em por as tarefas em prática, o que causa imperfeições na aplicação em demasia, sem pensar em criar, em sugerir, em criticar, em suma, em dar uma maior ajuda ideológica de edificar e reedificar mais rapidamente o homem novo do socialismo e do comunismo.

Quando dizemos que os escritores se devem dirigir à base, porque lá encontrarão uma fonte fresca e pura, o que poderíamos dizer dos camaradas que já se encontram por dezenas de milhares e que vivem e trabalham na base com o povo? Não são eles os construtores das almas novas, muito mais qualificados do que este ou aquele escritor e poeta? Mas para que este trabalho possa ser bem conduzido pelos comunistas, é necessário que as pessoas, os problemas, as realizações, as decisões, as orientações e diretrizes sejam encarnadas sob todos os seus aspectos, desde os fundamentos, e não superficialmente; é

preciso tirar sempre disso conclusões corretas, ponderadas, fazer generalizações⁰⁵ numerosas e justas em que o partido se apoiará, a propósito do que disse a cima, para poder edificar e orientar sobre a base da nossa realidade e servir a essa realidade.

Vejamos, por exemplo, um problema importante e agudo que se colocou ao partido: o despertar e o progresso das nossas zonas montanhosas, nomeadamente das nossas montanhas do norte. Esse grande problema econômico e social não pode ser resolvido pensando igual como fizemos em outras ocasiões, mas como nós mesmos vamos encontrar uma saída baseando-se na nossa situação concreta, nas nossas possibilidades reais, fazendo uso da nossa experiência e agindo para adquirir novas experiências. Qualquer coisa útil adquirida da experiência de outro nunca é nocivo, desde que seja uma ajuda e não uma desajuda.

Nós devemos enraizar e preparar, no espírito dos montanheseiros do norte, as nossas novas concepções de mundo, a nossa moral nova, as nossas formas e métodos novos, socialistas, da edificação e da produção, em uma economia socialista diversificada. Para chegar lá e superar esse atraso o mais rápido possível, o partido emprega e deve empregar todos os meios necessários, todas as formas e métodos de que dispõe, deve criar outros meios novo a partir da experiência anteriormente adquirida.

Nós seguimos numerosos caminhos e devemos trilhar muitos outros com o foco na educação das massas e dos montanheseiros segundo os princípios da economia nova, da moral nova, do ensino e da cultura socialistas. Nessas zonas, primeiro é o partido que preciso educar, ao mesmo tempo que os quadros e as massas, empregando formas variadas, particulares, massivas de todas as espécies.

Para que essas formas de educação deem os resultados esperados, é preciso que o partido conheça e represente claramente o espírito e a situação das zonas da montanha, e é sobre essa base que é preciso organizar o trabalho e criar para isso formas particulares, variadas e massivas de todas as espécies.

Os nossos montanheseiros são dotados de grandes e nobres qualidades morais que o partido deve proteger, depurando-as dos remanescentes atrasados que assombram a sua vida. Essa é a nossa primeira tarefa. A outra tarefa, também importante, é mesmo ainda

05. Aqui, o comentário do camarada Enver sobre as “generalizações” está na capacidade do partido, ao nível local, conseguir ultrapassar o limite da sua experiência local através da teoria marxista-leninista, universalizar seja através de relatos, análises, formulações, iniciativas, e registrar, generalizar, todo acontecimento e experiência nova através da imprensa do partido, *Zëri i Popullit*. Em nosso caso, através do jornal *A Verdade* — Nota do Editor.

mais importante, é que o partido lhes inculque novas qualidades morais junto com as primeiras, e que eles não puderam adquirir e desenvolver por causa das condições econômicas e sociais de todas as formas.

Os nossos montanheses e nossas montanhesas são pessoas profundamente inteligentes, perspicazes, valentes; são pessoas focadas, determinadas, leais, ponderadas e silenciosas. São pessoas robustas, embrutecidas e endurecidas pelas dificuldades econômicas devidas ao passado e a opressão feudal-clerical. Eis problemas de importância social cujo estudo o partido deve aprofundar, visto que esses traços dos nossos montanheses encontram sua raiz precisamente nas condições econômicas e de ordem particular que geraram uma tal situação, que deixou os seus traços no caráter das pessoas, nas suas concepções, no seu modo de produção, o seu modo de vida etc.

Observando o embrutecimento dos montanheses encontraremos também a influência do bajraktarismo⁰⁶, do patriarcado tribal, são fortemente baseados na superstição, nas tradições e nos costumes; encontraremos remanescentes da presunção, vaidade ativa, da “linhagem de sangue”. Na natureza “calma e silenciosa dos camponeses” devemos ver o sentimento de isolamento, causados por uma vida solitária da montanha, dobrada sobre si própria, de um desenvolvimento social e familiar restrito, de uma luta difícil para sobreviver e se defender sob o regime social feudal-burguês. Tudo isso e ainda muitas outras coisas deixaram profundos traços que devemos eliminar da concepção de mundo dos montanheses, visto que só assim que nos desembaraçaremos o caminho para o progresso socialista.

É nosso dever reeducar com cuidados os antigos comunistas montanheses, visto que o trabalho aquém efetuado no tempo em que as zonas da montanha não estavam ainda coletivizadas não os desembaraçou das numerosas insuficiências e concepções estranhas ao socialismo, como o patriarcalismo em relação ao próprio partido, o fato de ser membro do partido mesmo tendo ideias burguesas sobre a propriedade, a ideia de autoridade, de exploração no interesse pessoal e do machismo. Assinalando essa grande

06. Muharrem Bajraktari foi um oficial militar monarquista do norte da Albânia apoiador do regime corrupto de Zog I. Durante a Guerra de Libertação Nacional Antifascista, Bajraktari apoiou as forças monarquistas dos *Lëvizja e Legalitetit* e mais tarde trabalhou com os colaboracionistas fascistas do *Balli Kombëtar*. Fugiu do socialismo junto com o Primeiro-Ministro fantoche dos alemães na Albânia, Fiqri Dine, e construiu com ele o *Comitê Nacional “Albânia Livre” (KKShL)* financiada pela CIA como apontam documentos vazados em 2013. Morreu em Bruxelas (Bélgica) em 1989, tinha 92 anos e jamais pagou pelos crimes que cometeu com os fascistas e nazistas na Albânia, foi até o fim protegido pelos imperialistas anglo-americanos — Nota do Editor.

tarefa do partido, devemos ficar encarregados da educação em massas dos montanheses através da escola e da educação radical política e ideológica, que devem visar combater e abolir o conservadorismo, o arcaísmo, o patriarcalismo e o bajraktarismo da ideologia e da vida prática da família, de conduzir uma luta sistemática contra a religião, o misticismo, a letargia e a rotina das práticas religiosas, sob as suas formas dissimuladas ou não dissimuladas.

O partido estabeleceu e prática uma série de formas e de métodos para o êxito dessa luta e dessa educação, como o ensino geral sobre a natureza, o desenvolvimento da cultura usando numerosos meios que devemos multiplicar e aperfeiçoar a todos os respeitos. Os cursos de todos os gêneros são igualmente um meio de educação muito bom para as pessoas.

Tudo isso está encaminhado e é preciso perseverar sobre esse caminho; mas devemos encontrar as formas mais criativas que todas as massas sejam englobadas nesse grande despertar nacional. A educação geral é um exemplo de uma sólida educação da juventude. O ponto de partida da juventude em geral, da juventude montanhesa em particular, para as grandes ações nacionais é também uma das melhores formas de educação de massas, que devemos continuar e praticar e a desenvolver, nomeadamente entre a juventude montanhesa.

Nós vimos que grande efeito teve a vinda das jovens mulheres montanhistas pela ferrovia⁰⁷, teve um grande efeito sobre elas próprias, e também sobre as suas aldeias e famílias. É por isso que nós devemos continuar nesse caminho e organizar as coisas ainda melhor. Porém, não devemos imaginar que tudo acabou e que a gente nova, as meninas das montanhas principalmente, foram capazes de romper no fundo de sua consciência as concepções atrasadas acerca da pressão familiar, aberta ou dissimulada, com os preconceitos que subsistem acerca da mulher nos povos das aldeias e das suas famílias. A resistência de tudo que é velho se faz sentir profundamente nas montanhas. É preciso quebrá-la. A resistência mais forte vem dos idosos. Então pratiquemos nossa política com eles pelas vias e as formas que nós praticamos para com a juventude: as ações de massas, não no plano nacional, mas no plano das cooperativas agrícolas. A cooperação estará no centro de suas vidas, servirá a sua educação das massas. Nós organizamos para isso

07. Na Albânia socialista, a possibilidade de as mulheres andarem de trem, a trabalhar na ferrovia e na construção dos caminhos de ferro teve um grande efeito psicológico acerca da luta pela emancipação das mulheres, principalmente no norte (*Gegërishtja*) do país, região mais atrasada econômica e socialmente — Nota do Editor.

seminários de quadros, os enviamos para as zonas montanhosas (e ainda não enviamos para lá senão um pequeno número), os enviamos para adquirirem experiência nas cooperativas avançadas. Essas formas devem ser sempre consecutivas, jamais suficientes. É preciso, pois, tentar a experiência indicada a seguir e fazer dela uma forma de educação de massas, múltipla e multiforme, sobretudo para apoiar as sozinhas montanhosas.

Organizaremos equipes de homens e mulheres de terceira idade, em cada cooperativa da montanha, e os enviaremos para apoiar e aprender no trabalho, por um ou dois meses, nas cooperativas mais desenvolvidas das zonas de planície ou montanhosas na região central ou no sul da Albânia. Que outras equipes de homens e de mulheres, formados por um número igual de pessoas das melhores cooperativas, se dirijam para as cooperativas da montanha. Assim, não temos nada a perder do ponto de vista econômico, porque os dias de trabalho e as refeições são compensadas, porque cada uma das duas partes residirá e tomará as suas refeições na família da outra parte.

Mas qual é a vantagem da proposta que eu apresento? Primeiro, a permuta e a vantagem recíprocas que se terá da experiência agrícola. Os montanheses tomam consciência do sul, e o sul conhece o norte e seu povo; confraternizam, ligam-se com uma amizade maior. O montanhês, que tem mais necessidades, vê e vive uma vida completamente diferente da sua, aprende a pensar como os irmãos do sul, sobre numerosos problemas da vida; ele conseguirá, assim, raciocinar e pensar diferentemente sobre numerosas coisas. Os do sul, que se dirijam às zonas da montanha e aproveitarão não só com o contato com os montanheses, como ensinarão aos montanheses muitas coisas a respeito da vida, das tradições, da agrotécnica. Para os montanheses, essa forma de educação se faz de duas maneiras: por aqueles que se dirijam para o sul e pelos que recebem em sua casa. Os povos do sul e do norte receberão uma educação ideológica mais profunda, terão um conhecimento melhor das formas de desenvolvimento e das vantagens da coletivização à escala nacional.

Dessa forma, romperemos com muitas coisas: quebraremos a resistência que poderia se opor ao que é progressista nas montanhas, quebraremos o sentimento de isolamento e de solidão, cimentamos a afeição recíproca, abrimos novos horizontes ao montanhês, porque essas deslocções lhes permitem, não só ensinar e despertar os seus talentos, como também conhecera grandeza e a força do partido e da pátria, deixar o seu pequeno mundo para mergulhar do vasto mundo, sentir e se empenhar na força criadora da linha do partido, a força e a capacidade da classe operária que o dirige, que está aliada com ele.

Se o partido compreender corretamente essa questão e a de organizar pormenorizada-mente, no plano político e familiar, o trabalho entre as famílias onde serão acolhidos os nossos montanheses e montanhesas, a fim de que esse período se torne uma verdadeira escola de educação para eles, os benefícios que daí virão serão incalculáveis.

O partido deve colocar todas as suas forças e capacidades, iluminadas pelo marxismo-leninismo, a fim de elevar o nível político e ideológico do povo e permitir-lhe conduzir com sucesso a edificação do socialismo e do comunismo. Não devemos nunca esquecer que somos como se fossemos uma pequena ilha, mas uma ilha de granito, no meio de um grande oceano de vagas ruidosas que devemos quebrar e vencer. Não esqueçamos do que aconteceu com a União Soviética e com os outros países onde os revisionistas subiram ao poder. Depois de meio século, a União Soviética, o país dos soviets, foi submergido pela contrarrevolução. Dezenas e centenas de milhares de quadros da revolução (falo aqui dos melhores) foram desviados e sofreram com o domínio dos contrarrevolucionários revisionistas modernos. Outros traíram a revolução. O povo soviético, que fez a revolução, que edificou o socialismo, que ganhou a Grande Guerra Patriótica contra o nazismo, está hoje subjugada, dominada, reduzida ao mutismo. Isso não pode acontecer conosco! E, para isso, o partido deve fazer a sua têmpera sem cessar, deve preparar os seus militantes, os seus quadros, todo o povo, conduzi-los constantemente e sempre, na luta, na revolução, conservá-los em constante alerta, agudizar neles o espírito, a coragem, a confiança, a iniciativa, o sentido de responsabilidade coletiva, torna-los duros contra qualquer inimigo, contra qualquer ato hostil que possa ser cometido contra o partido e o socialismo. Não podemos jamais deixar os povos a dormir ao relento, vegetarem, pelo contrário, devemos torná-los hábeis, inculcar-lhes uma consciência pura, proletária, fazer com que eles adquiram os conhecimentos mais modernos da técnica moderna do trabalho e da cultura. Essa é a maior garantia da marcha em frente que nos está aberta e iluminada pelo partido.

O PARTIDO DE VANGUARDA E A FRENTE DE MASSAS

A importância e as tarefas da Frente Democrática na luta pela vitória completa do socialismo na Albânia – Informe apresentado ao 4º Congresso da Frente Democrática da Albânia (FD).



ENVER HOXHA

14 DE SETEMBRO DE 1967

CAMARADAS, REUNIMO-NOS HOJE AQUI, NO 4º CONGRESSO DA FRENTE DEMOCRÁTICA (FD), essa grande organização política revolucionária do povo albanês, para fazer um balanço do nosso trabalho e da nossa luta, para generalizar a experiência adquirida e para definir as grandes tarefas que se colocam diante da organização da FD, para pôr em prática as ideias e decisões históricas do 5º Congresso do nosso glorioso Partido do Trabalho da Albânia (PTA).

O atual congresso reúne-se nos dias de comemoração dos vinte e cinco anos da fundação da Frente Democrática (FD). Desde aquele dia histórico, quando na heroica cidade de Pezë, no fogo da Luta de Libertação Nacional Antifascista, com a iniciativa do Partido Comunista da Albânia (PKSH), foram lançadas as bases da grande união política do nosso povo, a FD passou por grandes provas e desempenhou um papel de liderança em toda a vida do nosso país, tanto durante a Guerra de Libertação Nacional Antifascista contra os invasores fascistas e nazistas, por uma Albânia verdadeiramente livre, democrática e popular, bem como após a libertação do país, na luta por um maior desenvolvimento da revolução, pela construção e edificação do socialismo e pela defesa da nossa pátria.

Os vinte e cinco anos decorridos desde a criação da FD constituem o período mais brilhante da história centenária do povo albanês. Durante este período, o nosso povo, unido como um único corpo na FD, sob a liderança marxista-leninista do PTA, alcançou grandes vitórias revolucionárias que mudaram radicalmente o estado e a situação do nosso país.

A Albânia, outrora um país escravizado, semicolonial e um espólio do mercado nas mãos dos lobos imperialistas, é na atualidade um país verdadeiramente livre, socialista, independente, soberano e incorruptível. Junto a isso, o povo albanês, até ontem brutalmente oprimido por regimes reacionários, atualmente tem o poder do Estado nas suas mãos, é o verdadeiro dono do país, e está construindo uma nova vida para si com as suas próprias mãos.

A velha Albânia, o país mais atrasado da Europa, o país do arado de madeira, do analfabetismo e da pobreza, da exploração feudal-burguesa e imperialista, já não existe. Agora o mundo conhece outra Albânia, a Nova Albânia socialista, com indústria e agricultura desenvolvidas e modernas, com educação e cultura de massa, a Albânia que marcha com impulso imparável rumo à construção completa de uma sociedade socialista e onde a vida dos trabalhadores melhora dia após dia.

Nossa pátria está avançando rapidamente no caminho para se tornar um país industrial-agrário. A produção industrial aumentou mais de 40 vezes em comparação com 1938. Minas e colheitadeiras, fábricas e numerosos ramos da indústria pesada, leve e alimentícia foram estabelecidas hoje em todos os quatro cantos do país. Ramos novos e modernos, como a metalurgia e a indústria química, foram acrescentados à nossa indústria socialista ano após ano. Enormes usinas hidrelétricas e termelétricas foram construídas e estão ainda sendo edificadas para fornecer o máximo possível de energia e luz ao nosso povo. Hoje, a nossa nova indústria tornou-se uma base poderosa para todo o desenvolvimento da economia, deu e dá cada vez mais ajuda ao desenvolvimento e progresso do campo e da nossa agricultura socialista.

A agricultura também não tem comparação com o passado. De uma agricultura fragmentada e atrasada, tornou-se agora uma agricultura totalmente coletivizada e avançada, desenvolvendo-se com sucesso no caminho do socialismo. Está satisfazendo cada vez mais as necessidades da população do país com grãos de pão e outros produtos agrícolas e pecuários, e está respondendo com sucesso às crescentes exigências da indústria socialista por matérias-primas. A área plantada aumentou 213% em comparação

com 1938. A área de terras irrigadas aumentou quase sete vezes e meia em comparação com o período pré-guerra. As grandes obras de recuperação, levadas a cabo pelo poder popular, trouxeram mudanças significativas ao mapa da Albânia: os pântanos de Maliqi, Tërbuf, Jubë, Roskovec, Vurgut, Thumanë, Gjadrit, e outros desapareceram. Mais de oito mil e novecentos tratores trabalham nos campos, colinas e montanhas, antes da Libertação a Albânia não possuía nem trinta tratores.

Mudanças colossais foram feitas no campo da educação e da cultura. A antiga praga do analfabetismo e da ignorância desapareceu para sempre, a educação popular desenvolveu-se de forma ampla e abrangente; a cultura e as artes tornaram-se e estão verdadeiramente tornando-se propriedade das massas mais amplas do povo. A preparação de milhares de quadros qualificados provenientes dos filhos dos trabalhadores e dos camponeses criou o grande exército da intelectualidade popular, leal até ao fim aos interesses do povo e aos ideais da revolução e do socialismo. Hoje, a Universidade Estadual e outras instituições superiores, cerca de três mil e setecentas escolas de ensino primário, de oito e doze anos, diversas instituições científicas, o estúdio de cinema “Nova Albânia”, poderosas estações de rádio, o “Teatro de Ópera e Ballet”, o grande “Palácio da Cultura” e uma ampla rede de teatros, cinemas, casas e centros culturais espalham o conhecimento, a cultura à luz do socialismo até aos cantos mais longínquos do país.

Todos estes grandes sucessos foram alcançados graças ao trabalho árduo, à elevada consciência socialista e ao impulso revolucionário indomável do nosso maravilhoso povo, da heroica classe operária, do campesinato cooperativo e da intelectualidade popular, que, inspirados e guiados com sabedoria, coragem e a determinação marxista-leninista do nosso Partido do Trabalho da Albânia (PTA), unido numa unidade de aço nas fileiras da Frente Democrática (FD), superou o pessimismo com incomparável abnegação, superou todas as dificuldades e obstáculos causados pelo atraso herdado dos regimes anteriores e pelos bloqueios hostis dos imperialistas e dos revisionistas modernos khrushchevistas, titoístas e outros.

Tal é, em termos gerais, o balanço das vitórias históricas com que o nosso povo chega ao 4º Congresso e ao 25º aniversário da fundação da Frente Democrática (FD). O nosso congresso realiza o seu trabalho num momento em que a revolução socialista em nós se aprofunda e se desenvolve com sucesso em todas as áreas, no caminho determinado pelo 5º Congresso do PTA. Movimentos e iniciativas maravilhosos surgiram nos quatro cantos do país, que estão a revolucionar ainda mais a consciência e a concepção

de mundo das massas, as suas vidas e o seu trabalho. Estão ocorrendo profundas transformações políticas, ideológicas e econômicas na vida do país e do nosso povo. Vivemos hoje em um período de grande criatividade levada a cabo por um povo revolucionário, algo sem precedentes em nossa história, sob a liderança de um partido que se inspira numa ideologia revolucionária.

A realização do 4º Congresso da Frente Democrática (FD) nestes momentos históricos reveste-se de particular importância. Diante de nós estão grandes tarefas e responsabilidades para avançar a nossa revolução e construção socialista, para fortalecer ainda mais a economia e o poder popular, para completar o 4º Plano Quinquenal, para educar as massas com o espírito e consciência de classe revolucionárias junto aos sentimentos de amor pela pátria socialista. Todas essas são grandes questões também para a FD, porque não há problema de vida do povo ou do país que não lhe interesse. A principal tarefa do nosso congresso é dar um novo impulso poderoso a todo o trabalho da FD, fortalecê-la ainda mais, elevar ainda mais o seu papel no nosso sistema da ditadura do proletariado.



O PAPEL HISTÓRICO DA FRENTE NA LIBERTAÇÃO DO PAÍS, DA DEFESA DA INDEPENDÊNCIA NACIONAL E DA CONSTRUÇÃO DO SOCIALISMO

A Frente Democrática da Albânia (FD) sempre foi, em todos os momentos, uma arma poderosa do Partido do Trabalho da Albânia (PTA) para a unificação política das massas ao seu redor, uma grande tribuna para o desenvolvimento da autoconfiança e das iniciativas de massas, tanto na guerra quanto na edificação do socialismo.

A experiência adquirida durante os vinte e cinco anos de existência da FD provou cabalmente a justeza da linha política do nosso partido em relação a essa organização de massas de grande importância teórica e prática. Assim, o estudo contínuo e a generalização dessa experiência são tarefas de primeira importância para todos nós, porque somente assim, tanto as organizações do partido quanto às da FD terão a oportunidade de aprender ao máximo possível suas lições necessárias para o trabalho vindouro.

1. O Partido do Trabalho da Albânia: Única Força de Vanguarda e o Único Partido Político da Albânia

A Frente Democrática (FD) é a herdeira direta da Frente Antifascista de Libertação Na-

cional (LANÇ), que nasceu, cresceu e se reforçou pela união política voluntária das largas massas populares. A sua existência encontrou-se com a da luta travada pela base contra os ocupantes fascistas.

A FD é obra do partido. Desde a sua criação, a FD sempre teve à sua frente o partido marxista-leninista da classe operária e somente ele⁰¹. O Partido do Trabalho da Albânia (PTA) ocupa este papel dirigente, porque a sua linha justa exprime e defende os interesses vitais do povo albanês. E os comunistas albaneses, pela sua coragem, pela sua firmeza, pela capacidade frente às necessidades de luta, mostraram ser os combatentes mais fiéis à causa do povo, da pátria e do socialismo.

A FD não é um partido político, nem uma coligação de partidos: além do PTA nunca existiu mais nenhum partido no nosso país.

É provavelmente um exemplo único de um partido marxista-leninista, de um partido da classe operária, criado num país em que anteriormente não surgira nenhum partido burguês, nem mesmo “socialista” e que permaneceu o único partido praticamente de todo o país.

De fato, depois da proclamação da independência, foram feitas, durante um certo tempo, tentativas para a formação de partidos burgueses liberais, por vezes de tendências progressistas. Mas desapareceram logo à nascença: os seus programas não eram claros, nem combativos. Não exprimiam as aspirações das massas, nem as tendências objetivas do desenvolvimento da Albânia nesse período. Como organizações, eram praticamente inexistentes. E, por esta razão, não deixaram vestígios na vida do nosso país⁰².

01. É perfeitamente evidente a crítica implícita em Enver Hoxha ao “frentismo”, isto é, ao colocar as massas à frente do partido, em não reconhecer o papel dirigente da vanguarda organizada. A defesa desta posição frentista é, de fato, uma manifestação de ideologia pequeno-burguesa, da sua agitação momentânea, que prefere diluir a luta proletária na luta do povo em geral. É, por um lado, uma posição de classe, de defesa dos seus interesses de classe, que não coincidem com os do proletariado e até se lhe opõem (como classe a neutralizar pelos trabalhadores); por outro, uma mobilização das massas para a defesa desses interesses, que não são os seus, mas os da pequena-burguesia. O fato de poder haver mobilização, não quer dizer que a linha seja correta, mas bem pelo contrário, que há condições propícias no seio do povo na qual a pequena-burguesia aproveita em seu favor. Como falta de direção proletária, as guinadas à *esquerda* e à *direita* serão frequentes, com as eternas preferências pelos meios *intelectuais* (trotskistas) ou do *lúmpem* (anarquistas) mas evitando sempre o proletariado e os seus aliados. Também, segundo o camarada Enver Hoxha, é evidente que o partido tem de ter linha independente, ligação com as massas, atividade política, prática e autocrítica, sem o que será tudo o que se queira, clube de intelectuais eruditos ou tertúlia, mas não partido do proletariado. Ainda segundo o camarada Enver, é também lógico que, destas duas posições, a primeira é recuperável, representa uma má interpretação da teoria, mas uma tentativa de esforço de união ao povo, corrigível (do ponto de vista da Frente) pelo partido; a segunda é a pura entrada no campo do revisionismo — Nota da Tradução.

02. Foi no início dos anos 20 que foram criadas duas ou três associações políticas, de que a mais importante era

Desde a sua instauração, o regime feudal e burguês, representado por Zog, era caracterizado pela repressão de toda e qualquer liberdade democrática, de toda e qualquer liberdade de opinião e de organização. Além disso, não existia para as classes oprimidas e exploradas, nenhuma possibilidade de criar partidos legais.

E as classes dominantes, grandes proprietários de terras e burguesia, também não puderam criar os seus partidos políticos. Certamente que, nos países capitalistas desenvolvidos, a existência de vários partidos burgueses é um componente do sistema. Lá, com efeito, há muito tempo que a burguesia consolidou o seu regime de classe. Por isso, pode permitir que as suas diferentes camadas criem partidos políticos específicos no seio do poder, a fim de defenderem os seus interesses. Entre nós, a situação era completamente diferente. A Albânia encontrava-se no limiar de dois períodos históricos: o declínio do feudalismo e o desenvolvimento do capitalismo. Os grandes proprietários de terras representavam uma classe arcaica. Caminhavam para a ruína. E a burguesia, não tinha ainda atingido uma situação madura tal que lhe permitisse criar vários, nem mesmo apenas um partido. Além disso, foi nesta situação que a ocupação fascista marcou a Albânia.

O nosso povo não só perdeu a liberdade, como foi até ameaçado de desaparecer como nação. Por esse fato, o dever imperioso de cada albanês era pegar em armas para levar a cabo a grande luta antifascista, a grande luta de libertação nacional.

Foi precisamente neste momento decisivo, numa situação revolucionária, sob o fogo da luta de libertação que surgiu o Partido Comunista da Albânia (PKSH), o partido da classe operária. O seu programa correspondia aos desejos das largas massas populares, às condições concretas nas quais se encontrava o nosso país. Os militantes revolucionários albaneses fundaram o seu Partido Comunista, um partido marxista-leninista, portanto, um partido de novo tipo. Um partido deste tipo se caracteriza por:

- 01.** Pela teoria que o guia;
- 02.** Pelos princípios de organização na base dos quais é edificado;
- 03.** Pelo seu programa político.

O seu aparecimento foi, na Albânia, uma condição absolutamente necessária para que pudesse ser assegurada a direção da luta revolucionária pela libertação nacional e so-

a *Baskin (Unidade)*. Eram nada mais do que pequenos grupos mal organizados – Nota da Tradução.

cial. Assim, nasceu do seio do povo o único partido – o partido da classe operária. Dispunha de um programa político, de organizações de massas e frentes militares, organizações de caráter econômico e social, cientificamente elaborado e claramente formulado. A classe operária, embora pouco numerosa, era a classe mais revolucionária da nossa sociedade. Nenhuma outra camada social, nenhum outro grupo político, surgiu com o seu próprio partido para encabeçar a bandeira da libertação nacional: com efeito, nenhuma outra força se sentia capaz de desempenhar um papel independente na arena política do país, de desenvolver a sua própria linha política, de criar o seu próprio partido, fortemente enraizado e assente em sólidas bases ideológicas e organizativas.

O Partido Comunista da Albânia (PKSH) continuou a ser o único partido de vanguarda que assumiu a difícil, mas gloriosa tarefa de mobilizar e organizar o povo, de o conduzir na luta de libertação nacional contra os ocupantes estrangeiros e contra os traidores internos. Sob a justa direção revolucionária do PKSH, o nosso povo triunfou sobre os inimigos. Derrotou-os e expulsou-os para fora das fronteiras da pátria. Destruiu completamente o velho poder e colocou em seu lugar um poder novo: a ditadura do proletariado. Ganhou a liberdade e independência total. Agora edifica vitoriosamente a sociedade socialista.

Os traidores balistas⁰³ e todos os seus aliados (os imperialistas anglo-americanos e outros) caluniaram contra o PKSH, afirmando que este não permitiu a fundação de outros partidos políticos no nosso país e que se recusara, desde o início, a colaborar com aqueles que surgissem na luta pela libertação. Assim, os nossos inimigos querem apresentar o nosso partido como hostil a toda a democracia, fechado numa tática sectária. Porém, os fatos se encarregam de desmascarar essas mentiras. É uma realidade histórica, a ausência no nosso país de qualquer partido político antifascista, com exceção do PKSH. Se tais partidos se tivessem formado, o nosso partido não teria colocado quaisquer entraves na aliança tática com eles, na organização da luta contra os ocupantes. Um partido marxista-leninista não tem quaisquer motivos para temer um acordo deste tipo. Desde o início da luta de libertação nacional, o PKSH declarava oficialmente: “Longe de sermos hostis à formação de diferentes partidos políticos, desejamos que tais partidos possam se formar. Mas é necessário que, nos seus programas políticos, deem o

03. Membros do grupo *Balli Kombëtar* (*Frente Nacional*), organização que colaborou com os ocupantes fascistas estrangeiros – Nota da Tradução.

primeiro lugar à luta contra o ocupante, à luta em atos e não em palavras. Além disso, é necessário que estes partidos se integrem na Frente de Libertação Nacional Antifascista (LANÇ), conservando o direito de manter a sua independência”⁰⁴.

Porém, o que acontece é que só existiu um partido político ao longo da nossa história. Declaramos que, para a classe operária e para o povo, para a causa da revolução e do socialismo na Albânia, esta situação constituiu uma grande vantagem. E foi uma derrota para a burguesia, para a reação nacional e internacional.

Que caráter, que objetivos poderiam ter tido os outros partidos políticos? O que poderiam representar? Que interesses defenderiam? É evidente que se teriam colocado ao serviço dos *beys*⁰⁵ e dos *agas*⁰⁶, dos grandes comerciantes, dos capitalistas das cidades e dos campos. Teriam desempenhado um papel reacionário. Teriam servido indiretamente os ocupantes fascistas, ou então, teriam colaborado com eles, esperando juntar-se, sob diversas formas, aos imperialistas anglo-americanos, contra o povo. Toda a sua atividade teria sido nociva à unidade das massas, à luta de libertação. Teria sido dirigida contra o poder popular, contra as grandes reformas políticas, econômicas e institucionais. Teria sido nociva à transformação do país e à construção do socialismo. Eis o que ficou provado clara e nitidamente no decurso da luta de libertação nacional: as organizações políticas, tanto o *Balli Kombëtar* quanto o *Legaliteti*, em que se tinham agrupado os representantes das classes dominantes fizeram abertamente causa comum com os invasores nazifascistas e tornaram-se meros instrumentos nas mãos dos imperialistas anglo-americanos, para sabotar a luta de libertação do povo albanês. Depois da Libertação do país, também os representantes da burguesia e dos imperialistas americanos e ingleses – Riza Dani, Shefqet Beja, Gpergi Kokoshi e outros⁰⁷ – tentaram criar um partido político: o objetivo era minar o poder popular e a edificação da *Nova Albânia*, socialista.

Esta tentativa foi esmagada pelo nosso partido e pela Frente Democrática (FD). A burguesia interna e a reação externa não conseguiram atingir os seus objetivos. Por isso

04. Fonte: *Principais Documentos do PTA: Volume 01 (1941-1948) – Segunda Edição*; 1971, pág. 212; Tirana, Edições “Naim Frashëri”.

05. *Beys*: Senhores Feudais – Nota da Tradução.

06. *Agas*: Camponeses Ricos – Nota da Tradução.

07. Representantes da burguesia. Sendo membros do Frente de Libertação Nacional Antifascista (LANÇ), foram eleitos para a Assembleia Constituinte em dezembro de 1945. Traíram a LANÇ e entraram em negociações com as missões militares estrangeiras inglesas e americanas em Tirana, com o fim de criar um partido político reacionário que teria por objetivo destruir o regime de Democracia Popular na Albânia.

é que acusam o nosso regime de Democracia Popular de “esmagar” a “democracia e a liberdade”. Mas é claro que a “democracia e a liberdade” têm um significado diferente para eles e para nós. Eles reclamam uma democracia para os inimigos do povo, para os grandes proprietários de terras e capitalistas, para os reacionários e contrarrevolucionários. Eis por que não podem suportar que a Albânia tenha um só partido. Eis por que pedem, sob a cobertura de uma pretensa “democracia”, que vários partidos coexistam. Querem impedir a edificação de uma verdadeira democracia para o povo, querem impedir que o nosso Estado seja uma democracia real, que o socialismo seja edificado. Pretendem manter, eternamente, o nosso povo debaixo do jugo de ferro do capital. No nosso país, os interesses de todas as classes trabalhadoras são normalmente representados e defendidos pelo Partido do Trabalho da Albânia (PTA), vanguarda organizada da nossa classe operária. Os interesses e os objetivos do proletariado – que o PTA defende – coincidem inteiramente com os objetivos do nosso campesinato trabalhador e da nossa intelectualidade socialista. Todas estas camadas da população estão unidas no seio da FD, frente única do povo albanês, e lutam para pôr em prática a política e as diretrizes do partido porque exprimem as aspirações do povo. Nestas condições, a quem serão úteis os outros partidos na FD ou fora dela? Que interesses de classe representarão?

Sabemos que cada organização política exprime e defende as necessidades de uma dada classe, luta pela realização dos objetivos desta classe, dirige a sua luta pela conquista do poder. Qualquer outro partido não poderia ser útil senão à minoria exploradora, aos grandes proprietários de terras e aos capitalistas, que foram os derrotados da luta armada e que foram econômica e politicamente esmagados pela classe operária, aliada ao campesinato, sob a direção do partido no quadro da ditadura do proletariado.

A ausência de partidos burgueses permitiu à classe operária levar a cabo, da melhor forma, a sua missão histórica pela libertação nacional, pela realização da revolução socialista e pela construção do socialismo. Além disso, é preciso que siga uma linha revolucionária marxista-leninista e que pela sua luta exemplar defenda, com coragem, os interesses do povo e a liberdade da pátria.

2. A Frente Democrática e a Unidade Política do Nosso Povo

Na luta armada e na revolução, o partido não pode combater só. A revolução é obra das massas. É por isso que a principal tarefa de todo o partido revolucionário é desenvolver a consciência das massas. É preciso uni-las, organizá-las e dirigi-las. Tendo em con-

ta a situação concreta, o partido julgou que a maneira mais eficaz de atingir este fim era criando a Frente de Libertação Nacional Antifascista (LANÇ). A Conferência de Pezë⁰⁸, que se realizou apenas dez meses depois da criação do partido, colocou os fundamentos sólidos da união política e organizativa do povo à escala nacional e aprovou a plataforma da Luta de Libertação Nacional Antifascista, tal como tinha elaborado o PKSH.

A LANÇ agrupava todo o povo contra o invasor. No âmbito da LANÇ, o partido tinha por linha de orientação unir todos os verdadeiros albaneses, sem distinção de classe, de convicção política, de religião ou de região⁰⁹. Ia mobilizar todas as forças patrióticas e democráticas do país, todos aqueles que estivessem dispostos a lutar contra os ocupantes fascistas e contra os traidores, por uma Albânia independente, democrática e popular. Esta orientação correspondia à situação do nosso país nesse momento. As condições de classe no interior da nação já não tinham a primazia. No primeiro plano tinham surgido as contradições com o inimigo externo, ou seja, o combate do nosso povo em luta pela sua liberdade, contra os invasores fascistas italianos e nazistas alemães.

Aplicando essa linha, a LANÇ agrupava nas suas fileiras a maioria esmagadora da população: a classe operária, o campesinato pobre e médio, a pequena e a média burguesia das cidades, os intelectuais patriotas e todos os outros elementos antifascistas. A LANÇ assentava na aliança operário-camponesa. Esta aliança tem uma importância vital para cada povo que se lança na luta armada e na revolução. Ela constitui pôr em prática o princípio mais importante da ditadura do proletariado¹⁰. Além disso, a clas-

08. A Conferência de Pezë realizou-se em novembro de 1942. Fundou a Frente de Libertação Nacional Antifascista (LANÇ) do povo albanês. Nesta conferência, convocada por iniciativa do Comitê Central do PKSH, participaram com os comunistas, os representantes das diferentes correntes patrióticas e dos representantes da Juventude e das Mulheres Antifascistas albanesas – Nota da Tradução.

09. Os reacionários e os colaboracionistas esforçaram-se sistematicamente por aprofundar a divisão do povo albanês em *Gegët* (habitantes do norte) e *Toskët* (habitantes do sul). Nas condições particulares da Albânia, essa tática, sem uma resposta vigorosa, poderia ter representado um perigo real para a unidade de combate do povo albanês – Nota da Tradução.

10. A ditadura do proletariado não é, evidentemente, uma ditadura no sentido que damos a este termo depois de Mussolini e Hitler. Estes últimos não existiam quando Karl Marx empregou esta fórmula para designar o poder político que substitui a ditadura da burguesia depois da sua derrota. Para melhor compreender o significado marxista da palavra *ditadura* é preciso lembrar:

- Que toda a república burguesa, mesmo a mais democrática, é chamada “uma ditadura da burguesia”;
- Que a palavra “ditadura” não se refere aqui à intensidade da repressão, mas à existência de meios de repressão, isto é, exército, polícia etc.;
- Que, segundo os albaneses, o aspecto principal da ditadura do proletariado é a democracia de massas, sendo o aspecto secundário a repressão exercida contra as sobrevivências das classes exploradas e contra os elementos que pretendem constituir uma nova burguesia.

se operária era, entre nós, pouco numerosa. O campesinato constituía a maioria esmagadora da população. Portanto era ainda muito mais necessário arrastá-lo para a luta armada, sob a direção da classe operária e do seu partido revolucionário. Representava um fator decisivo, capaz de decidir a sorte da guerra e da revolução. O PKSH compreendeu este problema. A aldeia tornou-se a principal base e o campesinato a principal força da nossa luta de libertação. O nosso partido, na medida em que era a expressão política da classe operária, defendia, ao mesmo tempo, os interesses do campesinato trabalhador. O programa do Partido respondia aos problemas que preocupavam o campesinato. Colocava como objetivo as transformações econômicas e políticas, a renovação do ensino do qual aspirava a população rural. O PTA defendeu resolutamente essas reivindicações. No partido da classe operária, o campesinato encontrou, pela primeira vez na história, o seu verdadeiro dirigente revolucionário, na sua luta pela liberdade, pela terra e pela prosperidade.

A política externa da LANÇ, inspirada pelo partido, tinha por objetivo a aliança com todos os Estados e com todos os povos na luta contra o fascismo. Sobretudo, era orientada para a aliança com a URSS que pela sua perspicácia política e pela sua luta lendária, dirigida com sabedoria pelo grande camarada Josef Stálin, se tornou a esperança dos povos, face à besta fascista.

A linha da LANÇ visava, também, colaborar com a Inglaterra e os EUA no âmbito da luta comum contra a aliança nazifascista. Ela era justa. Contudo, em nenhuma altura afrouxamos a nossa vigilância revolucionária: estávamos seguros de que entraríamos em conflito com os imperialistas, que nunca renunciariam a subjugar os povos. E a experiência justificou, plenamente, a nossa atitude. Os aliados anglo-americanos esforçaram-se por todos os meios, para comandar nossa luta de libertação nacional, esforçaram-se por liquidar a LANÇ e o PKSH e, enfim, em desembarcar no nosso país e ocupá-lo como fizeram na Grécia. Mas, estas tentativas fracassaram. E foi um grande mérito do PKSH e da LANÇ não terem permitido que os imperialistas intervissem em assuntos internos da Albânia.

O programa da LANÇ era, assim, um programa mínimo¹¹ do partido. Era claro e in-

11. Pela afirmação do camarada Enver Hoxha depreende-se, como é lógico, a existência de um programa máximo. O que separa os dois? Em linhas gerais podemos afirmar que o programa máximo é a linha de atuação do partido, portanto só aceito pela vanguarda proletária, enquanto o programa mínimo delinea as tarefas da frente de massas, o que pode ser aceito e levado à prática pelas largas massas do povo. Pela sua simplicidade e concisão

teiramente virado para a luta revolucionária. Definia as tarefas principais, isto é, a luta incessante sem conciliações contra os ocupantes e os traidores, pela libertação do país, pela independência nacional, por um governo de democracia popular; a insurreição geral e a criação de um exército de libertação nacional; a organização de uma ajuda política e econômica à luta popular em todos os seus aspectos, nos campos e nas cidades; a destruição do poder dos ocupantes e dos seus colaboradores, que representavam os interesses das principais classes exploradoras do país; a criação de um poder político único do povo e dos seus órgãos: os Conselhos de Libertação Nacional (*Këshillave Nacionalçlirimtare* - KN); a vasta preparação política e ideológica das massas para a insurreição geral e para o prosseguimento da luta mesmo depois da libertação do país: então, a luta deverá continuar pela defesa das conquistas populares, pela reconstrução do país e pela realização das grandes transformações sociais e econômicas necessárias às massas.

A LANÇ atingiu todos os objetivos que haviam sido colocadas pelo partido. Realizou com sucesso todos as grandes tarefas que o seu programa revolucionário continha. Portanto, a luta e a experiência verificaram a justa política do partido, quando criou a LANÇ e definiu a sua linha correspondendo aos desejos do povo e às condições históricas do nosso país. A fundação da LANÇ desferiu um terrível golpe sobre os ocupantes estrangeiros e sobre toda a reação interna, que tinha ligado ao seu destino o destino dos ocupantes. Descobriram o perigo que era a vontade revolucionária das massas na luta pela libertação nacional, a autoridade reforçada do PKSH e a união política das massas reforçada nas fileiras da LANÇ. As forças da reação chamaram, em seu socorro, todos os seus aliados, para fazer face a uma tal ameaça. Primeiro anunciaram a criação do Balli Kombëtar, depois a do Lëvizja Legaliteti. Esforçaram-se por apresentá-las como forças rivais da LANÇ. Essas duas organizações formadas com o apoio dos ocupantes italianos e alemães e, sobretudo, com o conselho dos imperialistas anglo-americanos, não eram partidos políticos, mas reagrupamentos das forças reacionárias do país, muito diferentes umas das outras, pela sua natureza de classe¹².

existe, muitas vezes, a tendência para sobrevalorizar o programa mínimo, o que, do ponto de vista político e organizativo, equivale a sobrevalorizar a frente de massas em detrimento do partido. Ora, o que o camarada Enver Hoxha afirma é que este é um programa mínimo, mas orientado inteiramente pelo partido - Nota da Tradução.

12. Balli Kombëtar e Lëvizja Legaliteti não eram verdadeiros partidos políticos. É necessário lembrar, para provar, que essas organizações não se apelidavam de "partidos" e que se chamavam a si próprias "Frentes", em que deviam participar todos os partidos e grupos políticos da Albânia. Não eram partidos porque não tinham um verdadeiro programa a longo prazo e porque não tinham estrutura organizativa partidária - Nota da Tradução.

Os grandes proprietários de terras, os grandes comerciantes, os intelectuais burgueses, os eclesiásticos reacionários, em síntese, todos os canalhas da sociedade tinham sido colaboracionistas dos ocupantes nazifascistas. Apesar das variantes, sem dúvida insígnificantes, que os separavam e, apesar das máscaras “patrióticas”, com que estas organizações se mascaravam, o seu fim comum era liquidar o PKSH, destruir a LANÇ, esmagar a guerra popular e assegurar para si, uma vez chegada a paz, todo o poder político. Assim, as classes exploradoras manteriam intacta a sua dominação sobre o povo. A política do Balli Kombëtar e do Legaliteti era a aliança com o ocupante fascista contra as forças de libertação nacional do povo albanês e contra a aliança dos estados e dos povos em luta contra o fascismo. Essas organizações de traidores reduziam todas as contradições ao conflito que as opunha no interior da Albânia, ao PKSH e à LANÇ. Transformaram-nas em contradições antagônicas, atirando sobre nós, em vez de sobre os ocupantes.

O nosso partido agarrou-se à linha que tinha defendido na LANÇ: a união de todos os albaneses na luta contra o fascismo “sem distinção de religião, região e opinião”. Dedicou todos os esforços possíveis para impedir a transformação das contradições com o Balli Kombëtar e o Legaliteti em contradições principais e antagônicas. O partido e a LANÇ dirigiram-lhes várias vezes apelos à luta comum contra os ocupantes. Tentaram mostrar-lhes a via justa, afastá-los do campo da traição, evitar a guerra civil. Porém, todos os esforços do partido foram sabotados pela reação. O partido estava convencido de que assim seria, pois conhecia bem o caráter contrarrevolucionário destas organizações, como representantes dos interesses dos senhores feudais e da burguesia. Porém, para isso, foi preciso convencer uma pequena parte das massas, entre as quais no início existiam diferentes ilusões sobre o caráter destas organizações e sobre algumas pessoas que nelas participavam como “patriotas”. Mesmo estas pessoas, erradas no início, tiveram que ser convencidas, pela sua experiência no fogo da guerra, de que o “patriotismo” dos líderes do Balli Kombëtar e da Legaliteti era uma farsa e os seus apelos “patrióticos” eram demagógicos e de traição mascarada.

A pedra angular foi a atitude perante o inimigo estrangeiro que invadiu o país. O PKSH e a LANÇ pediram a estas organizações que saltassem com todas as suas forças e imediatamente, sem esperar “o dia chegar”, na luta sem reservas e sem compromissos contra os invasores nazifascistas. Consistentes em seu caminho de traição, Balli Kombëtar e o Legaliteti não apenas não lançaram um único tiro contra o inimigo invasor, mas juntaram-se a ele frente a frente na guerra contra o povo. Ao final, Balli Kombëtar

e o Legaliteti foram abertamente ao serviço dos imperialistas anglo-americanos, querendo, com o seu apoio, arrebatam as vitórias das mãos do povo e conseguir o que não conseguiram com a ajuda dos nazifascistas. Assim, foi revelado o carácter antipopular e antinacional dos senhores feudais e da burguesia, dos intelectuais-burgueses e outros. Consequentemente, no nosso país a luta contra o ocupante fascista, a luta pela libertação nacional, entrelaçou-se com a luta contra os colaboradores do ocupante, contra as principais classes exploradoras e as suas organizações políticas, isto é, o Balli Kombëtar e o Legaliteti. Isto teve grandes conseqüências revolucionárias no desenvolvimento da Guerra de Libertação Nacional Antifascista do nosso povo e nas suas conclusões políticas. Isto deu à Guerra de Libertação Nacional o carácter de uma verdadeira revolução popular e levou à destruição das organizações traiçoeiras, juntamente com a derrota do ocupante, e ao derrubamento das principais classes exploradoras do país, juntamente com a libertação da pátria.

O grande mérito do nosso partido e da Frente de Libertação Nacional Antifascista (LANÇ) foi nunca terem separado a luta pela libertação do país dos invasores estrangeiros da luta pela tomada do poder pelas massas trabalhadoras. A importância histórica da Conferência de Pezë não se deve, apenas, ao aparecimento da LANÇ; foi lá que se lançaram as bases do novo poder popular. Os Conselhos de Libertação Nacional (KN) transformaram-se em órgãos democráticos e revolucionários do poder popular, sob a direcção exclusiva do PKSH. A criação dos KN constitui a negação dialéctica de todas as instituições do Estado criadas pelas classes exploradoras. O novo poder popular estendeu-se e reforçou-se precisamente na medida em que progredia a luta armada. O Congresso de Permët¹³ e a sessão de Berat¹⁴ do Conselho Antifascista de Libertação Nacional que se realizaram, respectivamente, nos meses de maio e outubro de 1944, foram dois acontecimentos importantes, de um alcance histórico extraordinário. Refletiram a vontade do povo: concentrar todo o poder nas suas mãos, criar um novo Estado albanês, construir uma Albânia nova, democrática e popular. Já antes da libertação do país,

13. O Congresso Antifascista de Permët reuniu-se de 24 a 28 de maio de 1944. No congresso estavam representadas todas as forças democráticas antifascistas do país. O congresso criou o Comitê Antifascista de Libertação Nacional, que constituía, de fato, o Governo Democrático Provisório da Albânia – Nota da Tradução.

14. A 2ª sessão do Conselho Antifascista do Conselho de Libertação Nacional realizou-se em Berat de 20 a 22 de outubro de 1944. Decidiu transformar o Comitê Antifascista de Libertação Nacional em Governo Democrático da Albânia – Nota da Tradução.

o problema do poder estava, portanto, resolvido, a favor do povo.

O nosso partido permaneceu sempre vigilante. Combateu implacavelmente toda traição e toda a capitulação nos vários domínios. Defendeu a sua independência no plano político e organizativo, o seu papel dirigente na LANÇ e na Luta de Libertação Nacional Antifascista. Não permitiu que se realizasse um dos principais objetivos dos imperialistas anglo-americanos e dos traidores organizados no Balli Kombëtar e no Legality: o de se apoderarem da direção da luta. O Partido sabia que se a burguesia tomasse nas suas mãos a condução da guerra, traria a derrota da revolução e a manutenção da velha ordem de opressão e de exploração. Tal foi o objetivo prosseguido na reunião de Mukjë¹⁵. Foi nisto que consistiu a capitulação de Ymer Dishnica diante da burguesia. Eis porque o partido e o Conselho Geral de Libertação Nacional rejeitaram resolutamente a reunião de Mukjë, como um ato de traição em relação aos interesses do povo e da revolução. Tratava-se, neste caso, de impedir a burguesia reacionária, uma via que a levasse à direção do movimento e ao poder político. Pois ela não aceitava lutar contra os ocupantes fascistas, pior ainda, não cessava de colaborar com eles contra o povo. Criar a LANÇ e chamar a unidade nesta organização todos aqueles que quisessem combater os ocupantes, tal era uma das tarefas táticas principais do partido no esforço para atingir o seu objetivo estratégico fundamental daquela época: a libertação total do país e a instauração do poder popular. A experiência confirmou a justeza desta linha, assim, como a concordância total do povo com ela. Confirmou, igualmente, o papel insubstituível da LANÇ de libertação nacional na união do povo, à volta do partido e sob a sua direção, na mobilização de todas as energias criadoras das massas, ao serviço da grande causa da revolução.

15. Em Mukjë, cidade próxima de Krujë, reuniram-se no dia 1 e 3 de agosto de 1943, os representantes da LANÇ e do Balli Kombëtar. O Conselho Geral de Libertação Nacional tentou, pela última vez, afastar o Balli Kombëtar da colaboração com os fascistas e lançá-los na luta armada contra os invasores. Porém, a delegação do Conselho Geral de Libertação Nacional, composta por Ymer Dishnica (membro do Comitê Central do PKSH) e por Abaz Kupi, etc. capitulou diante das pressões da burguesia reacionária e dos proprietários de terras. Contrariamente às diretivas do Comitê Central, aceitou uma resolução que retirava ao Conselho Geral e aos Conselhos de Libertação Nacional, regionais, e locais o direito de serem os únicos representantes do poder político democrático antifascista e popular na Albânia. Em vez do Conselho Geral de Libertação Nacional, a reunião de Mukjë decidiu a formação de um “Comitê de Salvação Nacional”, que deveria tomar nas suas mãos o Governo Provisório Albanês. Neste comitê o Balli Kombëtar teria uma participação igual à da LANÇ. O Comitê Central do PKSH e o Conselho Geral de Libertação Nacional rejeitaram, sem hesitações, as decisões de Mukjë. Estas decisões, assim, significavam o desaparecimento do poder popular e a entrega do poder à burguesia reacionária que colaborava com os ocupantes fascistas – Nota da Tradução.

3. A Frente Democrática e a Construção do Socialismo

Depois da libertação do país, na luta pelo desenvolvimento da revolução, pela construção do socialismo, a Frente Democrática (FD), a organização democrática das amplas massas populares continua a trabalhar sob a direção do partido. A linha do partido sempre foi a de reforçar, cada vez mais, a FD, para que ela agrupe, ainda mais completamente, todos os trabalhadores nas suas fileiras, para a sua educação no espírito do partido, do amor à pátria e da proteção da liberdade e a independência conquistadas no fogo da luta de classes, a mobilização das massas populares na luta pela construção do socialismo e do comunismo, a sua educação com os sentimentos do internacionalismo proletário.

Munida de uma rica experiência e continuando as suas tradições da Guerra de Libertação Nacional, a FD deu e dá uma grande contribuição para alcançar todas as vitórias do nosso povo na luta pela construção do socialismo e pela defesa da pátria. As diretrizes partidárias, expressando os interesses vitais dos trabalhadores foram e sempre serão diretrizes de trabalho e de luta da FD, que encontrou e desenvolveu diferentes formas de trabalho, organização e educação para colocá-las em prática e torná-las realidade, foi onde e quando a FD se tornou uma alavanca poderosa, com a ajuda da qual o partido se conectou cada vez mais estreitamente com as massas, conduziu-as à sua linha justa, as educou e as mobilizou para grandes e heroicos feitos.

No grande incêndio da revolução, na grande luta pela construção do socialismo e pela defesa da pátria, a FD fortaleceu-se política e organizativamente, trouxe e aplicou ao povo os ensinamentos do partido sobre a luta de classes contra as ideologias, as degenerações burguesas e revisionistas, feudais e patriarcais, os costumes atrasados e os preconceitos religiosos, contra tudo o que enfraquece a unidade do povo e a aliança da classe trabalhadora com o campesinato e a intelectualidade popular, que impede o progresso da nossa sociedade rumo ao socialismo e ao comunismo. A FD é uma grande escola de educação política das massas populares.

A frente é a mais ampla organização de massas que participa do nosso sistema da ditadura do proletariado. Este sistema também inclui todas as outras organizações de massa, tais como: sindicatos, união da juventude e movimento de mulheres. Essas organizações, juntamente com a FD, são as alavancas do partido nas suas ligações com as massas, da qual desempenharam e desempenham um papel muito importante na vida do país. Eles, tendo em conta os problemas e reivindicações especiais dos trabalhadores, juventude e mulheres, constroem o seu trabalho político, educativo e organizacional de

tal forma que as diretivas do partido sejam compreendidas e implementadas corretamente por todas as camadas da população. Todas as organizações de massas desenvolvem a sua atividade em estreita ligação entre si, mas nenhuma delas pode substituir o trabalho da outra. Cada organização tem a sua especificidade e o seu papel na luta pela construção do socialismo. Se outras organizações lidam com camadas específicas da população, a Frente Democrática (FD) é a organização na qual se realiza a união política de todo o povo. Os membros de outras organizações, sendo ativos nas respectivas organizações, são também membros da Frente Democrática (FD) e participam ativamente em todos os debates e atividades desenvolvidas pelas organizações da FD.

Portanto, a FD é o suporte mais amplo do partido e do poder popular e o seu papel mesmo na fase atual da construção da sociedade socialista não só não termina e não enfraquece, mas torna-se ainda mais importante.

A única força dirigente e de vanguarda no nosso sistema de ditadura do proletariado é o Partido do Trabalho da Albânia (PTA). Sem o partido e o seu papel dirigente, tal como outras organizações de massas, a FD não pode existir como uma organização verdadeiramente democrática e popular, que expressa e protege os interesses das massas. O Partido inspira-os, organiza o seu trabalho e dirige todas as suas atividades para servir ao grande objetivo, isto é, a vitória do socialismo e do comunismo.

O nosso partido rejeitou e desmascarou os dogmas dos revisionistas modernos, que negam o papel de liderança do partido no sistema da ditadura do proletariado e nas organizações de massas, que pregam a “independência” das organizações de massas do partido, que se opõem a justa tese de Lênin e Stálin de que as organizações de massas são alavancas, correias de transmissão, para conectar o partido com as massas. A “independência” que os revisionistas procuram é falsa. Na sociedade, enquanto a luta de classes continuar, nenhuma pessoa, nem mesmo uma organização, poderá estar acima das classes, acima dos partidos, fora da política e independente da política. A independência que os revisionistas procuram nada mais é do que independência da política proletária, do partido comunista para se tornarem totalmente dependentes da política burguesa e dos partidos burgueses.

A linha seguida pelo PTA na FD e a nossa experiência neste sentido, com todas as características que estão relacionadas com as condições históricas concretas do país, comprovam mais uma vez os princípios fundamentais do marxismo-leninismo que são indispensáveis para avançar com sucesso na causa da libertação nacional, da revolução e

do socialismo.

Mesmo na experiência do nosso país, ficou provado que só o partido marxista-leninista, como vanguarda consciente e organizada da classe trabalhadora, revolucionário e consistente, fiel até ao fim aos princípios ideológicos da nossa doutrina, pode liderar o país e o povo na vitória, tanto na libertação nacional e na revolução democrática, como na revolução proletária e na luta pela construção de uma sociedade socialista e comunista. Tanto a nossa experiência como a experiência do movimento revolucionário e de libertação internacional provam que na fase do imperialismo a burguesia e os seus partidos políticos, devido à sua própria natureza de classe, não são capazes e não podem levar a cabo a luta contra o imperialismo por uma verdadeira luta nacional de libertação, nem a revolução democrática e antifeudal. Os dogmas dos revisionistas modernos khrushchevistas, titoístas e outros, que negam o papel de liderança do partido proletário na revolução e na construção socialista e que propagandeiam que é possível avançar para o socialismo mesmo sob a liderança de outros partidos burgueses e pequeno-burgueses, mesmo pelos sindicatos ao serviço dos monopólios capitalistas, são uma grande traição aos princípios do marxismo-leninismo, da classe trabalhadora e da sua causa revolucionária.

Para que a causa da libertação e da revolução vença, é necessário que o partido marxista-leninista una sob a sua liderança todas as forças revolucionárias numa ampla frente popular. Na criação de amplas frentes populares, o partido comunista marxista-leninista não deve de forma alguma depositar as suas esperanças e concentrar todos os seus esforços em alianças e cooperação com os líderes de vários partidos e organizações políticas. Sem depurar este trabalho, o partido tem o dever de dedicar todo o seu cuidado e força à luta pela criação da unidade popular a partir de baixo, através de um trabalho amplo, esclarecedor e de convencimento político com as massas, especialmente através da organização de ações concretas, preparadas e bem pensadas.

A experiência tem mostrado que o núcleo da frente popular, a base das bases, é a aliança da classe trabalhadora com o campesinato. Sem esta aliança não existe frente popular, nem frente de libertação nacional. Estas são as duas principais forças motrizes de qualquer revolução real do nosso tempo, que constituem a grande maioria da população de qualquer país. Assim, para que a frente seja verdadeiramente uma ampla organização política, militante e revolucionária, precisa ser, antes de tudo, uma união das amplas massas populares, alcançada pela luta e através da luta, e não uma simples união de par-

tidos e menos ainda líderes, alcançados com base em diferentes combinações políticas.

Nas condições de uma revolução popular-democrática e da guerra de libertação nacional, quando existem diferentes partidos burgueses e pequeno-burgueses, o partido comunista pode e deve lutar pela cooperação, deve-se lidar com eles no quadro de uma ampla frente democrática popular ou de libertação nacional. Nestes casos, a frente tem uma especificidade própria que a distingue da Frente de Libertação Nacional Antifascista (LANÇ) no nosso país, onde não existiam outros partidos políticos exceto o PKSH. É claro que, quando o partido comunista for para a luta e para a revolução juntamente com outros partidos progressistas, terá de ultrapassar muitas dificuldades, quer para garantir a vitória na guerra de libertação, quer para o desenvolvimento da revolução a partir da luta anti-imperialista e antifeudal, ou seja, ir da luta em sua fase democrática para a fase da revolução socialista. Ela não passará por este processo tão facilmente, tal qual como ocorreu também com nosso partido. A questão é que quando os partidos burgueses e os chamados partidos socialistas virem que os interesses das classes que representam estão ameaçados, eles farão numerosas manobras políticas, organizacionais e militares para enfraquecer a guerra de libertação, a revolução, para quebrar alianças, destruir a frente popular e, em particular, minar o papel de liderança do partido comunista nesta frente. Isto está relacionado com a natureza, posição e tendências de classe da burguesia. Portanto, seguindo a linha de cooperação com diferentes estratos da burguesia ou com os seus partidos, o partido comunista deve simultaneamente implementar a linha de luta contra as suas oscilações e manobras, contra os seus compromissos com as forças de ocupação e a reação. Seguir apenas a linha da unidade e negligenciar a linha da luta contra as ações divisionistas e reacionárias na frente significa tomar uma atitude oportunista, com consequências muito perigosas para a luta de libertação, para a revolução.

Atualmente, na arena política internacional, além dos desacreditados partidos burgueses e social-democratas, existem também partidos revisionistas que traíram os interesses da classe trabalhadora e a sua causa revolucionária. Contra estes partidos, as forças e os partidos marxista-leninistas devem travar uma luta impiedosa para desmascarar a sua traição, os seus objetivos contrarrevolucionários, para destruí-los como partido político, atraindo o povo da sua base e sem fazer qualquer compromisso com eles em termos de princípios. Alguns partidos revisionistas farão demagogia sobre a luta armada, outros, com medo de serem desmascarados, tomarão alguma forma de ação. Os mar-

xista-leninistas não devem ser enganados por estas táticas obscuras, eles nunca devem confundir o desejo das massas pela guerra com a intenção de sabotagem dos dirigentes revisionistas. Portanto, apenas com a base, no fogo da luta e da guerra revolucionária, é a única forma de contactar e neutralizar e liquidar os revisionistas.

Seguindo a linha de cooperação com outros partidos na libertação nacional e na revolução democrática, o partido comunista marxista-leninista deve definitivamente manter a sua completa independência ideológica, política e organizacional como partido da classe trabalhadora, e não ficar nas sombras ou na retaguarda dos acontecimentos, não se fundir de forma alguma na Frente, mas lutar para garantir o protagonismo, lutar pela hegemonia. Ao mesmo tempo, é necessário que não se esqueça nem por um só momento da perspectiva do desenvolvimento da revolução e da concretização do objetivo final. O verdadeiro partido marxista-leninista e os verdadeiros revolucionários devem sempre permanecer leais aos princípios marxista-leninistas, às leis da revolução proletária, mesmo nas condições da guerra contra o imperialismo e os seus lacaios, os revisionistas modernos. Nunca se esqueçam destes princípios e destas leis, nunca caiam na armadilha das aventuras e das formas semi-revolucionárias ou das palavras de ordem vazias que supostamente se enquadram nas “especificidades” dos diferentes países. Existem várias especificidades, que devem ser sempre mantidas em mente, mas estas especificidades só podem ser utilizadas corretamente com base nos princípios básicos do marxismo-leninismo e nas leis da revolução proletária. Qualquer desvio destes princípios e leis, qualquer que seja a forma e o pretexto que seja, conduz inevitavelmente à derrota do partido e da revolução.

A criação de uma ampla frente popular não deve de forma alguma servir de base para a propagação de ilusões oportunistas e reformistas de que, supostamente, com a ajuda da maioria nas massas e nos parlamentos burgueses, a transformação pacífica da ordem existente pode automaticamente ocorrer, que isso dará lugar para a vitória da revolução e a transição para o socialismo. Pelo contrário, a frente criada no processo da luta revolucionária deve servir à questão da educação, da união política e da mobilização do povo para a luta armada, para derrubar pela força os imperialistas, os invasores, as classes reacionárias do país, que, como a história provou, nunca abandonam voluntariamente as suas posições. A revolução pela violência é uma lei geral não só da revolução proletária, mas também de toda revolução verdadeiramente democrática e libertadora do nosso tempo. Os dogmas dos revisionistas da laia de Khrushchev e de Tito sobre a chama-

da “via pacífica”, que eles propagaram como um princípio estratégico internacional, apenas causam a derrota do partido da classe trabalhadora, da revolução e do socialismo.

Uma vez estabelecida e consolidada a ditadura do proletariado, que se realiza sob a liderança do partido comunista, a existência durante muito tempo de outros partidos, na frente ou fora dela, sejam eles “progressistas”, não tem sentido, mesmo formalmente, supostamente por causa de suas tradições. Toda tradição progressista se funde com a linha revolucionária do partido comunista. A revolução derruba as bases de um sistema existente, inclusive suas tradições que devem se ligar a tradição progressista do proletariado. Enquanto a luta de classes continuar ao longo do período de construção da sociedade socialista e da transição para o comunismo, e uma vez que os partidos políticos expressam os interesses de certas classes, seria absurdo e oportunista ter partidos estranhos não-marxistas-leninistas no país, principalmente coexistindo com sistema da ditadura do proletariado, especialmente após a construção da base econômica do socialismo. Isto não prejudica de forma alguma a democracia, mas, pelo contrário, fortalece a verdadeira democracia proletária. O caráter democrático de uma ordem não é medido de forma alguma pelo número de partidos, mas é determinado pela sua base econômica, pela classe que está no poder, por toda a política e atividade do Estado, se eles são do interesse das amplas massas do povo, se ele às serve ou não.

Os revisionistas modernos, a fim de alcançar os seus objetivos contrarrevolucionários ao serviço da burguesia e do imperialismo, estão cada vez mais diligentemente percorrendo o caminho que leva à degeneração dos partidos comunistas e dos regimes socialistas. Eles estão liquidando os partidos da classe trabalhadora, negando o seu caráter de classe proletária e declarando-os “partidos de todo o povo”. Na verdade, transformaram-nos em partidos burgueses. A degeneração dos partidos e da ordem socialista em alguns países onde as quadrilhas revisionistas estão no poder está provocando o renascimento do sistema de dois ou mais partidos burgueses, agora com máscaras pseudo-socialistas e em nome da democracia socialista supostamente em “desenvolvimento”. As frentes que existem em alguns destes países permaneceram no papel, estão sem vida e agora veem-se sinais de renascimento e ativação política e organizacional dos partidos que fazem parte delas ao ganharem posições de liderança e de governo no país socialista que assume cada vez mais as características de um Estado burguês. Os grupos mais extremistas de revisionistas modernos, especialmente nos países capitalistas, como na França e Itália, estão tentando convencer os seus amigos revisionistas nos países socia-

listas a avançarem o mais rapidamente possível neste caminho, para dar mais uma prova para a burguesia ocidental que estão prontos para pôr fim ao “socialismo stalinista” e restaurar um novo socialismo burguês do tipo social-democrata, e assim facilitar o trabalho dos revisionistas nos países capitalistas para a sua união e fusão com a burguesia e os seus partidos políticos, para construir juntos uma tal ordem “socialista” nestes países.

A experiência de 25 anos da Frente Democrática (FD) mostra que o nosso partido sempre seguiu uma linha justa, defendeu e implementou com sucesso os princípios do marxismo-leninismo e as leis da revolução proletária e da construção socialista. Isto garantiu ao partido e ao nosso povo todas as grandes vitórias que hoje desfrutamos. A experiência até agora mostra também que a FD continua a ser ainda hoje, tal como definido pelo 5º Congresso do PTA, o principal elo de união política do povo em torno do partido e do poder popular para a construção do socialismo e a defesa da pátria. A FD é uma grande tribuna de esclarecimento e educação dos trabalhadores com a linha do partido, um poderoso instrumento de participação ativa das amplas massas de trabalhadores na direção e solução dos grandes problemas sociais e do Estado.

A LUTA IDEOLÓGICA E A EDUCAÇÃO DO HOMEM NOVO

Extrato do Informe apresentado ao 6º Congresso
do Partido do Trabalho da Albânia (PTA).



ENVER HOXHA

01 DE NOVEMBRO DE 1971

NESTES ÚLTIMOS ANOS, O DESENVOLVIMENTO DA REVOLUÇÃO, NO DOMÍNIO DA IDEOLOGIA e da cultura, foi marcado por uma luta de classe, levada em frente contra todas as formas de ideologia estranha ao socialismo, desde as velhas sobrevivências que vêm das profundezas dos séculos até à influência atual da ideologia burguesa e revisionista. O objetivo fundamental desta luta consiste na revolucionarização do pensamento e da consciência dos indivíduos, de todo o seu mundo espiritual, para fazer prevalecer a ideologia marxista-leninista, a moral proletária e a cultura socialista. É uma luta de grande envergadura, uma luta de massas, conduzida com a participação ativa de todas as camadas da população; uma tal luta traduz-se, na prática, em movimentos e ações revolucionárias, em vastas discussões populares, aplicação de debates e formulação aberta da crítica, todas as atitudes em que se defrontam as ideias *velhas*, e os *velhos* costumes reacionários, por um lado, e as ideias *novas* e a moral revolucionária *nova*, por outro.

A luta pelo aprofundamento da revolução ideológica e cultural, que faz parte integrante do processo de revolucionarização geral da vida do país, foi preparada pelo trabalho que o partido dirigiu nos seus trinta anos de existência. Apoiando-se nos resultados obtidos, o nosso partido luta para fazer progredir, sem interrupção, o trabalho que visa à formação do homem novo da sociedade nova, socialista, um homem dotado de profundas convicções marxista-leninistas, de altas qualidades morais revolucionárias comunistas, de vasto horizonte cultural e rico universo espiritual.

Reforçar Ainda Mais a Consciência Socialista das Massas Trabalhadoras, Lutando Contra Todas as Sobrevivências e Influências das Ideologias Estranhas ao Socialismo

Ainda que a nossa revolução tenha derrubado as velhas relações de produção e tenha liquidado, assim, a base material que as fez surgir e que, mantém e alimenta as diversas formas de ideologia das classes exploradoras, não deixamos de nos chocar com as numerosas sobrevivências destas e com a sua influência. A sociedade nova, socialista, e o seu contínuo desenvolvimento, não pode conciliar-se com as sobrevivências estranhas ao socialismo que, não só entravam a marcha em frente da revolução, mas escondem, ainda, o perigo de fazer arrear caminho. A triste experiência do aparecimento do revisionismo na União Soviética, e em outros países, está aí para mostrar que, se não se empregam todas as forças para aprofundar a revolução ideológica e cultural, abandona-se, de fato, a revolução socialista pelo caminho, compromete-se a sua realização no domínio político e econômico e abre-se caminho à degeneração burguesa em todos os domínios.

A intensificação da luta ideológica de classe é ditada, igualmente, pela necessidade de libertar, sob todos os aspectos, as capacidades físicas, intelectuais e espirituais de todos os trabalhadores, em particular das mulheres e da juventude, para os aliviar do pesado fardo dos preconceitos antigos, a fim de permitir que o seu ímpeto revolucionário se exprima com uma força irresistível, em todos os domínios de atividade. O ideal do socialismo é libertar os trabalhadores, não só do jugo social e econômico, mas também da escravatura espiritual das ideologias estranhas ao socialismo. O socialismo é o único sistema que cria todas as possibilidades para a emancipação das massas e que está à altura de a realizar completamente.

A luta que o partido conduz para a educação do homem novo é vasta e complexa. Esta educação não se faz só por meio da propaganda e da agitação, não se resume apenas a uma luta puramente acadêmica contra as ideias e as concepções antigas, realiza-se também através da criação de condições econômicas, sociais e políticas, que fazem desenvolver-se no homem as concepções e as normas socialistas. Ela efetua-se no decurso da atividade prática das massas, na luta que eles conduzem e no trabalho que fornecem para edificar o socialismo. Nestes últimos anos, o partido lutou com grande coragem, para elaborar uma orientação marxista-leninista em todos os domínios e conduzir as massas em ações revolucionárias. O nosso partido acumulou assim uma preciosa experiência, teórica e prática, no processo de aprofundamento da revolução socialista.

Foi lançada uma ofensiva sem precedentes, em particular contra as formas mais velhas da ideologia das classes exploradoras, contra a mentalidade patriarcal e conservadora, a religião e os costumes retrógrados que, por causa do grande atraso herdado do passado, têm ainda raízes e não foram definitivamente extirpadas.

A luta conduzida para aniquilar a influência da religião deu grandes resultados. Num tempo curto despojaram-se das suas funções todas as instituições religiosas e sacerdotes, que propagavam e mantinham vivos o idealismo e o misticismo mais obscurantista e anacrônico. A Albânia tornou-se num país sem igrejas nem mesquitas, sem padres nem imãs⁰¹.

De fato, isto não quer dizer que se chegou a libertar inteiramente os trabalhadores da influência deste ópio que é a religião, porque, para aí chegar, será necessário um longo processo de reeducação e de educação. Mas não é menos verdade que um golpe decisivo lhe foi deste modo, dado, e que ele constituiu uma vitória determinante, uma nova e poderosa premissa da mais completa emancipação da consciência dos indivíduos, da sua completa libertação das crenças e dos preconceitos religiosos.

Esta vitória não foi obtida sem esforços nem por simples medidas administrativas. Todas as condições requeridas tinham chegado à maturidade e os trabalhadores, de livre vontade, decidiram a sorte das instituições religiosas, que tinham manifestado sempre uma atitude antinacional, servido os feudais, a burguesia e os ocupantes. Sem desconsideração pelo fato de que os eclesiásticos patriotas de todas as crenças lutaram pela liberdade e independência da Albânia. Esta atitude antinacional e antipopular do mundo religioso tinha entrado em contradição, há muito tempo, com os sentimentos mais profundos do povo albanês, tão aferrado à pátria e à liberdade. A luta de libertação nacional devia aprofundar mais ainda esta contradição. As grandes transformações socialistas, efetuadas em toda a vida do país, e o trabalho de propaganda executado em todas as direções pelo partido, tornaram as massas ainda mais conscientes da fragilidade das crenças religiosas e da incompatibilidade das instituições religiosas e padres com a nova realidade socialista.

O nosso partido nunca permitiu que se jogasse com os sentimentos do povo. Mas, na sua qualidade de partido marxista-leninista, concebe claramente que, no caminho da sua marcha vitoriosa, a revolução socialista deve quebrar, logo que as condições obje-

01. Ministro da religião muçulmana – Nota da Tradução.

tivas e subjetivas estiverem reunidas, todos os vínculos que ligam as massas ao mundo velho e que as impedem de marchar em frente.

Vejam o que se passa nos países em que os revisionistas estão no poder! No quadro geral da degeneração burguesa, em nome das conjunturas políticas internas e externas, vai-se até ao ponto de utilizar a igreja para fins social-imperialistas, intensifica-se a propaganda religiosa, aumenta-se o número de igrejas e de padres, reavivam-se as velharias reacionárias e obscurantistas, que datam da Idade Média.

Na etapa atual da revolução, a vida inscreve na ordem do dia, a completa emancipação da mulher, como um problema muito agudo. As mulheres e as meninas foram as forças mais oprimidas e paralisadas da nossa sociedade, tanto pelos preceitos religiosos como pelas normas, costumes e usos patriarcais.

Em seguida à instauração do poder popular e à criação da base econômica do socialismo, a mulher albanesa, como todos os trabalhadores, conseguiu libertar-se da exploração capitalista, atingiu a liberdade e desfruta de direitos políticos iguais aos do homem; deram-lhe todas as possibilidades de se empenhar, com todas as forças, na grande frente da edificação socialista do país. Presentemente, no nosso país, as mulheres militam em todos os setores de atividade e não há um empreendimento novo que não traga o cunho do seu trabalho manual e intelectual. Elas constituem cerca de 45% dos trabalhadores das cidades e dos campos.

Neste país em que as mulheres e as garotas eram as massas mais atrasadas, desprezadas pela sociedade e pelos homens, há agora centenas e milhares que dirigem as questões do poder em todos os escalões, até à Assembleia Popular, que assumem importantes funções nas organizações de massa e nas do partido, que dirigem a produção, assim como outros sectores da atividade. O partido e o povo estão verdadeiramente orgulhosos das nossas heroicas mulheres e garotas, que, embora em condições mais difíceis para elas do que para os homens, trabalham e lutam com inteligência, coragem e bravura, tão bem como os seus camaradas homens.

Apesar dos resultados obtidos na luta pela emancipação da mulher, assegurarem a igualdade completa e autêntica da mulher e do homem, na vida social e familiar, ela continua ainda a ser um problema preocupante. As concepções atrasadas, feudais e patriarcais que julgam a mulher como um ser inferior, continuam, tal como no passado, a ser o principal obstáculo. Sem quebrar estas concepções que oprimem e paralisam a sua individualidade e as suas energias, sem ultrapassar essa barreira, não se pode assegurar

o seu progresso e o de toda a nossa sociedade no caminho do socialismo.

Eis porque o nosso partido dirigiu a ponta de lança da sua luta para a emancipação da mulher, essencialmente na frente ideológica, na luta contra as ideias conservadoras, as normas e os costumes escravizadores e as concepções que difamam e ofendem a mulher.

Os sucessos obtidos são grandes. No entanto, a completa emancipação da mulher continua a ser, no futuro, uma das tarefas mais importantes do partido. E a emancipação da mulher não quer só dizer uma mulher livre, mas ainda uma sociedade definitivamente liberta dos preconceitos e das concepções, sobre a mulher, estranhas ao socialismo. Esta emancipação subentende também a criação de todas as condições materiais e espirituais para estabelecer uma igualdade efetiva e completa do homem e da mulher, em todos os domínios da vida. É por isto que, se é preciso trabalhar com obstinação pelo apuramento ideológico e cultural, pela elevação do grau de instrução e do nível técnico e profissional das mulheres, a fim de que elas conheçam o mesmo desenvolvimento dos seus camaradas homens e possam exprimir, com competência, a sua opinião sobre todos os problemas, é, também preciso dar provas da mesma obstinação para que a sociedade em geral e o meio familiar, os homens em particular, as coloquem em condições iguais de desenvolvimento e lhes permitam instruir-se e criar. O seu trabalho e a sua atividade social não devem ser entravados pelas tarefas domésticas, quotidianas e fatigantes, que são ordinariamente a sua sorte. Nós temos já, e teremos cada vez mais, a possibilidade de socializar, de forma gradual, numerosos trabalhos domésticos.

Coloca-se aqui uma outra questão muito importante: criar uma vida verdadeiramente democrática na família. A luta para a extensão e o aprofundamento da democracia socialista, na nossa vida social, penetrou também no seio da família, onde as manifestações desta desigualdade são mais fortes. Somos as testemunhas do abrandamento e da destruição dos fundamentos da vida patriarcal, da penetração, sempre mais vasta, no seio da família, dos princípios da moral comunista e do espírito da ideologia socialista. Novas formas democráticas e socialistas agem agora, muito mais, nos laços conjugais e nas relações familiares. Mas estas novas formas de relações ainda não se tornaram dominantes. É conhecido o fato de que a família evolui relativamente com menor velocidade do que o conjunto da sociedade. É por isso que é preciso lutar para que este atraso diminua de dia para dia e, para que a família possa progredir ao ritmo do nosso tempo, em paralelo com as grandes modificações que marcam a vida do país. A família albanesa, enquanto centro de educação, cultivou preciosas qualidades patrióti-

cas e morais. Mas certas concepções tradicionais do seu trabalho de educação não estão à altura de responder às nossas exigências e, num certo sentido, opõem-se à realidade atual. É preciso trabalhar de forma mais ativa na revolucionarização da vida familiar para a desembaraçar, pouco a pouco, das sobrevivências conservadoras da mentalidade patriarcal, para dela fazer um centro em que os indivíduos serão educados no espírito da ideologia do partido.

A nossa sociedade não pode ficar indiferente aos problemas da família considerando-os como questões privadas, em que não se deve meter. Pelo contrário, procurará sempre as formas apropriadas para influir nestas questões, condenando, como estranhas ao socialismo, as ingerências grosseiras e sem tato, oportunas ou não, nos problemas íntimos da família.

O partido conduziu igualmente uma luta incessante contra a mentalidade e a psicologia pequeno-burguesa. Ora, nesta altura, convém dar ainda maior eficácia ao nosso ataque. A ideologia pequeno-burguesa está profundamente enraizada na consciência dos indivíduos. Isto está ligado ao fato de que, no passado, a pequena propriedade camponesa e o trabalho artesanal privado dominavam no nosso país e foi sobre esta base que foram edificadas as relações de todas as espécies entre os indivíduos e se formaram as suas concepções. Não há dúvida de que as grandes transformações econômicas e sociais e o trabalho despendido, em múltiplos aspectos, para a educação das massas, deram rudes golpes à ideologia pequeno-burguesa e reduziram o seu raio de ação na atividade e na vida do nosso povo.

Mas é preciso olhar a realidade de frente. As concepções e as tendências pequeno-burguesas, conservam-se e mantêm-se ainda vivas. Aparecem, em maior ou menor grau, em todas as camadas da população, não só nos campos, mas também nas cidades. As sobrevivências pequeno-burguesas estão entrelaçadas com todas as formas de ideologia das classes exploradoras, tanto com os costumes atrasados e patriarcais, como com as influências burguesas e revisionistas.

De fato, um dos principais fatores que tornou possível o processo da degeneração capitalista na União Soviética foi a corrente pequeno-burguesa ligada ao burocratismo e à pressão geral da ideologia burguesa e revisionista.

Dito isto, sobressai ainda mais claramente que a luta contra a ideologia pequeno-burguesa e as suas manifestações é uma das mais importantes tarefas que o partido deve executar no seu trabalho geral e, em particular, no seu trabalho ideológico.

Em primeiro lugar, deve-se lutar para o reforço da disciplina proletária no trabalho, contra a tendência a contentar-se com pouco e contra a mentalidade camponesa e artesanal, deve-se mostrar maior exigência no que diz respeito à produção de todo o trabalho social. Mas isto não é um simples problema de educação. Trata-se de um problema social e econômico complexo. Só estabelecendo justos critérios socialistas, no domínio da organização das normas de trabalho, da retribuição e do controle do trabalho, da sua quantidade e qualidade, se podem conduzir com sucesso a educação das massas, com vista a inculcar-lhes as qualidades socialistas necessárias à execução conscienciosa, no momento requerido e com uma alta produtividade, de todo o trabalho social.

Deve ser conduzida uma luta firme contra o individualismo pequeno-burguês, que se manifesta na tendência para considerar as questões sob um ângulo estreito, demasiado estreito, a circunscrever-se rigorosamente ao interesse pessoal, que se opõe ao interesse geral da sociedade, a viver numa redoma, num mundo acanhado e mesquinho, que mantém o indivíduo afastado dos grandes ideais da sua época, que o torna indiferente e apático perante tudo, salvo o seu interesse pessoal e familiar, e só o incita a procurar o interesse material e a própria quietude.

A procura do estrito interesse pessoal é uma expressão, não só da ideologia pequeno-burguesa, mas de todas as ideologias das classes exploradoras, um sentimento que tem as raízes na propriedade privada, em que se apoiam estas ideologias. Esta tendência, que se manifesta sob as mais diversas formas, é uma das maiores e mais graves chagas que herdamos do passado e um dos maiores perigos quanto aos destinos do socialismo. É por isto que a luta, contra toda e qualquer tendência que coloca o interesse pessoal acima do interesse coletivo deve ser considerada como uma questão fundamental em todo o trabalho ideológico do partido.

Na luta contra a ideologia pequeno-burguesa, deve-se ter em conta que as suas manifestações se inserem em diversas atitudes conservadoras e liberais, que elas alimentam ideias contrárias aos princípios e levam a passar de um extremo ao outro. A sua ação faz-se sentir largamente na atitude em relação ao trabalho e à propriedade social, mas também, em particular, na forma de vida e nos diversos hábitos adquiridos, sobretudo no seio da família.

Para reforçar e temperar constantemente a consciência socialista do nosso povo, será preciso, não só lutar contra as sobrevivências das velhas ideologias patriarcais, conservadoras e pequeno-burguesas, mas ainda conduzir uma luta contínua e intransigente

contra a influência das atuais correntes ideológicas burguesas e revisionistas. O nosso país não vive isolado do mundo capitalista e revisionista que nos cerca e que, como nos ensina Lênin, propaga, ao decompor-se, todas as espécies de micróbios mortais.

Como revolucionários e marxistas compreendemos o perigo que representa a substituição de uma velha ideologia escravizadora, por uma nova ideologia escravizadora, de um veneno antigo, por um novo veneno que, por mais revestido de açúcar que esteja, e qualquer que seja a sua máscara de “modernismo” e de “liberalismo”, não fica menos mortal. Nas condições atuais, uma tal substituição representa um grande perigo. Destruindo a influência das ideologias estranhas ao socialismo, que vêm das profundezas dos séculos, cicatrizando as chagas sociais e ideológicas herdadas da velha sociedade feudal-burguesa, o nosso partido luta para impedir o aparecimento de novas chagas sociais e ideológicas, próprias do mundo moderno capitalista e revisionista.

Todas as lutas que conduzimos, nestes últimos anos, e todo o processo da revolucionarização da vida do país são outros tantos golpes severos contra a ideologia burguesa e revisionista. Visam levantar uma barreira combativa frente à penetração destas ideologias. Mas seria imperdoável pensar que estamos, daqui para o futuro, ao abrigo de toda e qualquer influência burguesa e revisionista, que o nosso povo estão, daqui para o futuro, imunizadas. Um dos principais aspectos da estratégia hostil dos imperialistas e dos revisionistas, contra o nosso país, é justamente a pressão ideológica que têm a possibilidade de exercer através dos numerosos canais da informação moderna, em particular através da influência cultural, que reveste múltiplas formas. É por isto que uma das primeiras tarefas consiste em organizar, também no futuro, uma luta contínua contra a ideologia burguesa e revisionista, tornando mais aguda a nossa vigilância de classe e afirmando o nosso espírito militante revolucionário.

A luta na frente ideológica, como o partido sublinhou sempre, é um componente muito importante da luta de classes, que se prossegue sem interrupções em todos os domínios: político, econômico, ideológico e cultural. É desta luta que depende o feliz desenvolvimento da revolução, a defesa e a consolidação das suas conquistas.

A experiência já provou, de forma irrefutável, que todo o abandono da luta de classes, todo o seu enfraquecimento, todas as concepções errôneas e todas as deformações desta luta têm pesadas consequências extremamente sérias. É nestes aspectos que devemos ver e procurar uma das mais importantes causas do que se passou na União Soviética e em certos outros países, é neles que reside a própria essência da traição revisionista.

O importante não é só admitir a luta de classes, mas sobretudo ter dela uma correta e vasta concepção, quer dizer, concebê-la como uma luta que se prossegue durante todo o período histórico de passagem do socialismo ao comunismo, como uma luta que não se desenvolve só contra os inimigos externos e internos, mas que decorre também no seio do povo e do partido, como uma luta que deve ser conduzida continuamente em toda a parte e por todos.

Enquanto continuar a luta de classes, que não é criada artificialmente, mas existe, de fato, como luta entre duas vias de desenvolvimento – a via socialista e a via capitalista – não nos podemos abandonar a uma atitude feita de quietude, de contentamento de si próprio e de liberalismo, pretendendo-se ter suprimido todos os males e evitado todos os perigos. Pelo contrário, a ponta de lança da luta de classes deve estar sempre acurada, porque constitui a arma poderosa que nos protege dos inimigos, que nos desembaraça de todos os males, que nos forja como revolucionários proletários. Devemos conduzir esta luta de forma consequente, fazendo sempre sobressair o caráter antagonístico ou não antagonístico das contradições e apoiando-nos com firmeza nas massas.

Na nossa terra é a classe operária que está no poder e, através do partido e do Estado proletário, ela dirige toda a vida do país. O seu papel de direção e de controle é determinante. Sem essa direção não há ditadura do proletariado, não há socialismo. É por isto que o partido consagrou e continua a consagrar toda a sua atenção à educação geral da classe operária, à elevação da sua consciência política e ao desenvolvimento das suas capacidades, para que ela esteja à altura, não só de compreender a sua missão, como classe dirigente no poder, mas também de a realizar na prática.

Os anos passados marcaram, neste sentido, importantes sucessos que aparecem com clareza na elevação do espírito militante da classe operária, nos magníficos resultados obtidos no trabalho, nas iniciativas e criatividade revolucionárias, no reforço e extensão do controle operário direto, na elevação do nível ideológico, cultural, técnico e profissional, no fato de que, pelo seu exemplo e trabalho, a classe operária dá, cada vez mais, o tom a toda a vida do país.

Estes resultados constituem uma base sólida que permite completar a educação da classe operária. Neste domínio, o trabalho essencial deve consistir, como sempre, em assegurar a sua educação ideológica e política, em armá-la da teoria marxista-leninista e dos ensinamentos do partido, estreitamente ligados à vida e à luta quotidianas. A sua educação profissional, o nível de instrução e de cultura não são menos importantes.

Estes dois aspectos da educação comunista, dos operários e de todos os trabalhadores, estão estreitamente ligados. Contudo, o partido deu e continua a dar o primado à educação ideológica, política e moral, porque, ao contrário dos burgueses e dos revisionistas, não vemos na classe operária uma simples força de produção que se deveria contentar em trabalhar e produzir, enquanto os burocratas e técnicos dominariam, fariam a lei, a oprimiriam, a explorariam no interesse da burguesia capitalista e revisionista.

As teorias burguesas tecnocráticas, que queriam negar a necessidade da revolução social do proletariado, para substituí-la pela revolução técnica e científica, que visavam rejeitar o caráter revolucionário consequente e a missão histórica da classe operária, são-nos absolutamente estranhas. A revolução técnica e científica nunca poderá modificar nem a natureza do capitalismo nem a do socialismo, e não pode alterar as leis objetivas da evolução da sociedade. Entre nós, a revolução técnica e científica desenvolve-se sob a direção da ditadura do proletariado. Os burocratas e os tecnocratas não podem estar, nem nunca estarão, no poder; é a classe operária e as leis da ditadura do proletariado que dominarão até à extinção do Estado, até à vitória completa do comunismo.

No nosso país, os especialistas, os técnicos e os intelectuais em geral, saídos da classe operária e das massas trabalhadoras, educados pelo partido no espírito do socialismo, ocupam o lugar que merecem e desempenham um papel importante em todos os domínios de atividade, como auxiliares da classe operária e servidores do povo. O partido não luta só contra as concepções burocráticas, tecnocráticas e intelectualistas, mas, ao mesmo tempo, contra as concepções vulgares que negam e desdenham do trabalho e do papel da *intelligentsia*. O objetivo do partido é manter a *intelligentsia* pura e revolucionária, ligá-la estreitamente aos operários e aos camponeses, torná-la capaz de se defrontar com as influências estrangeiras, burguesas e revisionistas, e de lutar com determinação, como tem feito até aqui, pela grande causa da classe operária e do povo.

Na luta pela educação do homem novo, o partido efetuou um trabalho frutuoso, em particular no que se refere à educação comunista da juventude. A nossa juventude está estreitamente ligada ao partido, esclarecida do ponto de vista político, moralmente pura, orientada com correção e não tem nenhuma perturbação na vida; é um combatente intrépido, que coloca toda a sua preciosa energia ao serviço da revolução socialista e do progresso do povo.

No mundo capitalista e revisionista, observa-se exatamente o contrário. Lá, o problema da juventude é um dos mais inquietantes. A juventude reflete a crise desta situação.

No quadro da luta, ela empreende, de tempos a tempos, diversas ações revolucionárias. Mas desorientaram-na, inculcaram-lhe o sentimento do vazio moral e da ausência de ideais na vida, conduzem-na para o caminho do deboche e da degenerescência, consomem a sua energia oferecendo-lhe uma vida sem ideais e sem perspectivas. A burguesia recorre a todos os meios, dos jogos infantis à imprensa, à literatura, à escola e à igreja, para corromper a massa da juventude e do povo, afastá-los da política da luta pelo futuro e da revolução, dando a estes conceitos o aspecto de uma vida dita “livre” e “moderna”.

A honestidade, a vida simples e digna, a moral elevada e pura, a fidelidade ao povo trabalhador e à Pátria, todas as grandes e revolucionárias virtudes dos povos são consideradas pela burguesia e pela sua máquina de propaganda, como anacrônicas e arcaicas. Combatem-nas aberta ou indiretamente, deformam-nas e adaptam-nas de forma demagógica, para servir os interesses da burguesia, em detrimento dos interesses dos trabalhadores, para sufocar a revolta revolucionária e contrariar a influência do marxismo-leninismo, que é o defensor deste grande tesouro espiritual do povo.

Os ideólogos burgueses e revisionistas procuram convencer a juventude e as massas de que é inútil lutar para descobrir uma saída das profundas contradições que minam a sociedade em que vivem. A única alternativa que propõem é o abandono ao pessimismo e à corrupção. É aqui que têm a sua fonte os encorajamentos, cínicos e conducentes a consequências sociais catastróficas, ao alcoolismo, ao vício em drogas, à libertinagem e a muitos outros instintos bestiais, que causam estragos no mundo capitalista e revisionista.

Entre nós, em oposição completa com esta situação, a juventude, reunida na sua própria organização militante, a União da Juventude do Trabalho da Albânia (BRPSH), e guiada pelo partido, entrou na arena da luta de classes ideológica com um espírito inovador intrépido, como um combatente inflexível, como uma força revolucionária, uma força motriz e combativa no domínio das transformações sociais, ideológicas e culturais.

Preservando-se da influência da ideologia burguesa e revisionista, a nossa juventude heroica conduziu-se corajosamente, na ação enérgica da luta contra todas as tradições caducas do velho mundo e contra tudo o que é estranho ao socialismo e entrava a nossa marcha em frente. Nesta luta, viu-se crescer, de dia para dia, a individualidade da juventude, a sua coragem aumentou, as iniciativas revolucionárias multiplicaram-se e a sua experiência enriqueceu-se.

Mas devemos seguir sempre com atenção e compreender a nossa juventude na sua arrancada impetuosa. Este surto é acompanhado por dificuldades de crescimento e por

contradições. No trabalho, como aliás em todas as outras coisas, a juventude defronta-se com um sério obstáculo, formado pelas manifestações de conservadorismo que re-freiam o seu ímpeto revolucionário, subestimam a sua energia e capacidades criadoras, que paralisam, sobretudo no domínio das relações sociais e morais, em particular no seio da família e, numa certa medida, também na escola. Paralelamente a isto, a juventude defronta-se também com a influência do liberalismo e com uma espécie de indiferença que lhe testemunha a opinião social, e nalguns casos a família. Não devemos esquecer que a lança da ideologia revisionista e burguesa está apontada em primeiro lugar à juventude que, pela própria falta de experiência, é mais vulnerável. É por isto que, também no futuro, o partido lutará para levar a juventude a combater todas as formas de influência das ideologias estranhas ao socialismo, para a alimentar, de forma consequente, dos ideais revolucionários marxista-leninistas, para abrir em todos os domínios os horizontes à sua energia inesgotável e encorajar largamente o seu espírito de iniciativa.

Para atingir este objetivo, é preciso tonificar a vida da juventude em todos os aspectos, alargar o círculo dos seus interesses e da sua atividade, conhecer as suas aspirações e desejos, apreciar as suas possibilidades e forças. Neste sentido, é preciso orientar um trabalho mais maleável e cuidadoso, lutando contra todas as manifestações de formalismo e de burocratismo, toda e qualquer tentativa de impor o autoritarismo e a tutela, porque são atitudes que não têm em linha de conta os interesses e as necessidades da juventude, as particularidades psicológicas da idade, etc. Em muitos casos, semelhantes manifestações são a realidade, não só de pais e professores, mas também das organizações do partido e dos quadros que trabalham com a juventude. As velhas tradições conservadoras e burocráticas entravam, em particular, a democratização mais arrojada da vida escolar e impedem a juventude de participar efetivamente na revolucionarização geral da vida na escola.

A nossa tarefa consiste em dar à juventude a possibilidade de organizar, por si mesma, a sua vida, de forma ativa e dinâmica, e ajudá-la com habilidade a fazê-lo. Para este objetivo, um papel particular compete à organização da União da Juventude do Trabalho da Albânia (BRPSH). Esta deve dar um novo impulso à sua atividade, tendo em conta as modificações rápidas que decorrem da evolução da vida do país e da própria juventude e, adaptar as suas formas de trabalho a estas modificações e às novas necessidades que elas fazem nascer no seu seio.

A nossa sociedade encontra-se num período de progresso impetuoso. Tradições, nor-

mas e costumes seculares são quebrados, as ideologias de todas as classes, cuja boa estrela empalideceu, são atacadas, surgem novas formas e costumes que libertam o pensamento e a consciência dos trabalhadores, triunfa a ideologia do proletariado glorioso. A mais impetuosa revolucionarização da vida do país e a áspera luta ideológica conduzida ao longo destes últimos anos criaram uma nova relação, mais judiciosa, entre as exigências do socialismo e a consciência dos indivíduos. Mas seria, como é evidente, um erro, pensar que se afastou radicalmente todas as formas e manifestações das ideologias antigas, que se resolveram todas as contradições neste domínio. Tão forte quanto tenha podido ser o nosso ataque, ele não pode ser definitivo e, de fato, não o é. As posições conquistadas pela ideologia socialista têm necessidade de ser consolidadas e de se tornarem ainda mais firmes, até dominarem em toda a parte, em toda a nossa sociedade.

Lutando com obstinação para revolucionarizar todos os aspectos da nossa superestrutura, pondo vigorosamente o acento sobre a necessidade de intensificar a luta ideológica, não perdemos nunca de vista que o fator decisivo, que determina a nossa marcha em frente, é o progresso ininterrupto da nossa sociedade em todos os domínios. É só nesta base que se pode realizar a revolucionarização do pensamento e da consciência dos indivíduos. É por isso que a nossa luta ideológica não se desenvolverá com sucesso a não ser que, ao mesmo tempo, se faça progredir a produção socialista e a combinemos com a revolucionarização dos mecanismos da vida social, econômica e política, com a educação comunista das massas trabalhadoras, com a sua mobilização em ações e movimentos revolucionários incessantes.

A luta ideológica, como uma das formas mais complexas e duras da luta de classes, é uma luta de morte entre a nossa ideologia e a ideologia inimiga, estranha ao socialismo, entre o *novo* e o *velho*, entre o que é revolucionário e o que é reacionário.

No decurso desta luta opomos ao *antigo*, que negamos e queremos suprimir, o *novo*, que nasce e se afirma. Às concepções e ideias burguesas e revisionistas opomos os nossos pontos de vista marxista-leninistas. À *velha* psicologia pequeno-burguesa opomos a nossa psicologia socialista. Às manifestações de individualismo e de indiferentismo burgueses e pequeno-burgueses opomos o primado do interesse coletivo e da solidariedade socialista. Ao liberalismo burguês e às ideias conservadoras e patriarcais opomos o nosso espírito progressista. Às tendências para uma vida feita de qualidade e de presunção opomos o espírito de sacrifício e de ação, o espírito prático, a modéstia e a exigência para consigo próprio.

A formação da concepção marxista-leninista do mundo desempenha um papel de primeiro plano no aprofundamento da luta de classe ideológica. Criam-se agora novas condições objetivas, que nos dão a possibilidade de fazer progredir todo o trabalho desenvolvido, para que os comunistas e as massas trabalhadoras assimilem, de forma criadora, o marxismo-leninismo, para fazer repousar a luta contra as concepções idealistas e metafísicas sobre bases ainda mais científicas, para realizar a assimilação da teoria marxista-leninista, ligando-a cada vez mais estreitamente à prática revolucionária. Ao longo destes últimos anos foi conduzido um grande trabalho para o estudo da história do nosso partido e dos seus documentos fundamentais. Neste estudo, a nossa atenção foi centrada nos elementos essenciais, nos princípios que estiveram na base da ação do partido e nos métodos e vias por ele seguidos para resolver diversos problemas, em função das condições concretas do país; a partir destes ensinamentos, aprende-se a resolver os problemas atuais que surjam em novas condições históricas. O surto de numerosas ações e movimentos revolucionários, em particular ideológicos, é, ele também, acompanhado do estudo do marxismo-leninismo e da elaboração teórica dos problemas que se ligam a estas ações e movimentos. Neste domínio, reavivou-se também o trabalho da imprensa e dos outros meios de propaganda e de cultura de massas.

Os resultados constituem uma base sólida, que permite operar ainda com mais obstinação e de forma mais hábil, com o objetivo de que todos os comunistas e todos os trabalhadores tenham um conhecimento seguro da teoria marxista-leninista. Para este fim, exige-se que sejam estudadas, de forma aprofundada e contínua, as obras, sempre atuais, dos nossos grandes clássicos, Marx, Engels, Lênin e Stálin, os documentos do nosso partido e os materiais em que está generalizada a experiência do movimento comunista internacional. Este estudo não é, e não deve tornar-se, um objetivo em si, mas deve estar estritamente ligado à prática revolucionária atual e servi-la. Não é preciso estudar tudo o que nos cai na mão. Deve-se, pelo contrário, fixar um objetivo determinado e escolher a literatura que com ele se relaciona. O estudo da teoria marxista-leninista deve permitir-nos aprofundar o conhecimento da política do partido e aplicá-la corretamente em todos os domínios de atividade, de compreender bem e conduzir com sucesso a luta contra o imperialismo e o revisionismo moderno, de conhecer as leis da luta de classes e as das relações entre as condições da vida material e a consciência dos indivíduos, as leis da economia e da política, de forma a puder discernir e resolver corretamente as contradições e os problemas que coloca o desenvolvimento da vida do país.

Este resultado atinge-se, não aprendendo de cor algumas fórmulas e algumas teses, mas adquirindo um sólido conhecimento dos princípios fundamentais e a metodologia marxista-leninista, assimilando os métodos que o materialismo dialético usa para interpretar os fenômenos e resolver os problemas, lutando, como sempre, contra as posições dogmáticas e contra os pontos de vista subjetivistas.

O marxismo-leninismo é sempre uma teoria revolucionária. Ao esclarecer os novos problemas que a vida suscita, desenvolve-se na luta contra as concepções dos seus adversários ideológicos. É só no processo desta luta que ele pode ser assimilado de forma profunda, que as ideias marxista-leninistas vivas podem implantar-se e transformar-se numa convicção consciente e militante. A confrontação de pontos de vista e o debate devem ser largamente empregues mesmo no seio do partido e de toda a sociedade, na luta contra todas as manifestações de conformismo e contra a tendência para mascarar as contradições. Só seguindo esta via nós podemos imunizar ativamente contra as ideologias estranhas ao socialismo e realizar uma educação revolucionária, de fato.

No entanto, nos nossos métodos de educação, a rotina persiste, assim como velhos hábitos de trabalho, que impedem de atingir tais objetivos. Na nossa imprensa e nas nossas publicações, na rádio, nos cursos e nas conferências ainda há muito formalismo e tom oficial. Não se encontra aí, na medida desejada, o espírito de confrontação de opiniões e, em vez de se recorrer amplamente ao método do debate, atemo-nos a métodos estereotipados e deformados, dando-se provas de pouco espírito criador. Semelhantes métodos impedem a propaganda frutuosa e a assimilação, de forma criadora, do marxismo-leninismo e da política do partido. É por isto que a luta que conduzimos contra esses métodos deve ser ainda mais resoluta. Não devemos hesitar em nos desembaraçarmos corajosamente de todas as formas de trabalho que passaram de época e que já não respondem ao nível atual do desenvolvimento político, ideológico e cultural do nosso povo, às exigências que este nível engendrou e à necessidade de o elevar sempre mais.

Colocar Cada Vez Mais a Educação, a Cultura e a Arte ao Serviço do Socialismo e do Povo

No decurso do período que acaba de terminar realizou-se um imenso trabalho para revolucionarizar cada vez mais a educação, a cultura, as letras e as artes e para as pôr cada vez mais ao serviço da causa do socialismo e do povo.

A revolucionarização da escola é uma das maiores ações empreendidas pelo partido. A

larga discussão popular que se realizou sobre esta questão permitiu, em grande medida, combater as concepções e as influências burguesas e revisionistas e elaborar as concepções marxista-leninistas no que concerne à educação. Atualmente luta-se frontalmente para seguir as orientações fixadas pelo partido neste domínio, orientações cujo bom fundamento é demonstrado todos os dias pela experiência. Os novos programas escolares são aplicados com sucesso. Um grande trabalho, em que participam milhares de professores e pedagogos, é prosseguido para redigir os novos textos escolares. Trabalha-se, do mesmo modo, para a revolucionarização das estruturas, dos métodos e das formas do ensino e da educação. Estas medidas tendem a centrar em torno do eixo ideológico marxista-leninista todo o trabalho de ensino e educação da escola, a realizar este trabalho no respeito da unidade das suas componentes fundamentais – estudo, trabalho, produção e educação física e militar – a ligá-lo estreitamente e em todos os aspectos à prática revolucionária.

As medidas que visam à revolucionarização da escola relacionam-se com os próprios fundamentos de toda a sua atividade. A par da extensão do ensino, o partido vela em particular pelo seu desenvolvimento em profundidade, pelo reforço do conteúdo socialista da escola. De certeza que, também no futuro, a escola conhecerá um processo de extensão e de acentuação do seu caráter de massa, através de múltiplas e variadas vias, em particular no ensino secundário e superior. Mas nas questões de conteúdo permanecem sempre as mais importantes. É por isto que a realização completa, e a ritmos tão rápidos quanto possível, das tarefas que fixamos, e elaboração teórica mais impetuosa, sobre a base da experiência prática, das questões ideológicas, científicas e pedagógicas, assim como o conteúdo do trabalho do ensino e da educação, em particular dos programas e dos manuais escolares, constituem a nossa principal preocupação.

Agora que a extensão do ciclo de ensino de oito anos em todo o país está terminada, a necessidade de consolidar e reforçar qualitativamente torna-se ainda mais aguda. É a condição de um trabalho de nível e de qualidade superiores nas escolas de todos os graus. À nossa escola marca-se agora a importante tarefa de modernizar, no plano científico e pedagógico, o ensino, o seu conteúdo e métodos. Esta tarefa não pode ser realizada sem que o ensino reflita, de forma apropriada, os processos atuais e as tendências do desenvolvimento da revolução técnica e científica, sem um estudo profundo da ciência e da técnica modernas, sem o emprego de métodos pedagógicos modernos. Para este fim, devem ser trazidas modificações importantes e mais rápidas, não só aos programas

e textos, mas também, e sobretudo, ao conjunto dos meios didáticos empregues. É por isso que será preciso introduzir gradualmente a técnica moderna no ensino, assegurar a qualificação dos mestres, prover os alunos e os professores da literatura necessária, mostrar-se, enfim, mais exigente para com eles. Um problema de primeira ordem é o emprego de métodos ativos que estimulem o trabalho individual dos alunos e dos estudantes, para que desenvolvam as suas capacidades, aptidões e talentos.

Na nossa escola socialista, o aperfeiçoamento dos métodos científicos do ensino realiza-se também através de uma ligação estreita da teoria à prática e ao trabalho produtivo. A despeito dos problemas organizativos e pedagógicos complicados que se colocam, a participação da juventude escolar e estudantil no trabalho produtivo, nas fábricas e nas cooperativas, nas ações à escala local e nacional, realiza-se com sucesso. Mas há ainda dificuldades que resultam das incompreensões e dos obstáculos que fazem surgir, na organização e aplicação prática deste movimento, tanto os diretores das escolas como os das empresas económicas.

Convém consagrar igualmente um cuidado particular à aplicação dos programas e à preparação militar da juventude, que é preciso considerar como uma outra componente de extrema importância da nossa escola nova. Devemos conduzir essa preparação com toda a seriedade requerida, adaptando-a às diversas idades e lutando contra todas as tentativas para subestimar este dever, que se liga ao reforço da defesa da liberdade e da defesa da pátria.

É evidente que a luta pela revolucionarização da escola exige que todo o trabalho seja elevado a um nível científico superior. Sem emprendermos estudos sérios, sem desenvolvermos as ciências pedagógicas, não se podem cumprir com sucesso todas as tarefas que se colocam à nossa escola.

Os novos programas de educação física e militar na escola, programas que são aplicados com sucesso, deram um novo impulso à educação física e aos esportes. De qualquer forma, é ainda um sector retardatário do nosso trabalho. Os princípios definidos, segundo os quais o movimento da educação física deve ter, antes do mais um carácter de massa e fundar-se sobre uma preparação física geral e sobre os esportes de base, não são aplicados de forma conseqüente, e nota-se, na prática, a existência de tendências unilaterais. Ao movimento de educação física da juventude e das massas falta amplitude: os órgãos do partido, do poder, do ensino, da educação física, da juventude e dos sindicatos não lhe consagram toda a sua atenção. Aqui, o essencial não são os obstácu-

los e as insuficiências materiais, embora as haja, mas se possam remediar, o importante é lutar contra as concepções deformadas, que se traduzem na subestimação do movimento da educação física de massas e dos esportes de base. Para nós, que queremos ter uma juventude e um povo fortes, sãos e bem temperados, é preciso operar uma viragem também neste domínio e considerar isto como uma importante tarefa do partido.

Devemos também preocuparmo-nos mais com a forma de viver da juventude e dos trabalhadores, com a sua cultura geral, os lazeres, os jogos, os campos de esportes, a edição, o movimento artístico, etc. Chegar a harmonizar o trabalho da escola com todo o sistema de educação extraescolar e a cultura de massas e, formar uma justa concepção da amplitude do conteúdo da cultura e dos meios de trabalho cultural constitui um problema da atualidade muito importante. O surto da edição e uma mais larga difusão do livro, a extensão da rede dos centros culturais e artísticos a todo o país, o desenvolvimento do movimento artístico amador e, mais recentemente ainda, a instalação da televisão, tal como a revolucionarização do conteúdo de todo este trabalho desenvolvido no domínio cultural, são índices importantes do salto quantitativo e qualitativo que ele deu. Neste domínio, estamos comprometidos numa luta, mantida para acentuar os traços socialistas da nossa cultura e destruir as influências antiquadas e estranhas ao socialismo. Ora, a sede de cultura nas massas não para de crescer e não se progride a ritmos apropriados para podermos estancá-la. Os mais variados meios da cultura de massa ainda não penetraram suficientemente no seio da família e os indivíduos ainda não se servem, largamente deles, no trabalho quotidiano e nas horas de ócio. É por isso que, em numerosos casos, não se chegam a concluir, nem a desenvolver nem a consolidar os conhecimentos adquiridos na escola. É nosso dever tomar medidas para que esta contradição não se aprofunde mais.

A nossa vida socialista foi e deve ser penetrada de cultura. Isto quer dizer que paralelamente com a escola, com o livro, a atividade artística, etc., toda a vida, no seu conjunto, compreendida a atividade produtiva, o modo de vida e a forma de comportamento, assim como a criação de um bom quadro de trabalho na fábrica, na escola e na aldeia, aí englobada a forma como edificamos e gerimos as nossas cidades e aldeias, a nossa arquitetura e o urbanismo, tudo isto, pois, deve servir, entre nós, a formação cultural do homem novo. Acontece, por vezes, que se têm concepções estreitas ou se subestima tal ou tal domínio da cultura. Em particular testemunha-se pouco cuidado nas condições da vida quotidiana. Toda a atenção está centrada nas questões da produção. Isto é com-

preensível, mas é preciso prestar também mais atenção às condições de trabalho, ao repouso e aos lazeres dos trabalhadores, à utilização de todos os meios de informação e de comunicação social, ao desenvolvimento geral da sua cultura.

Na luta a conduzir para ultrapassar estas insuficiências é indispensável que seja aumentado o interesse geral que o Estado e a sociedade devem trazer ao trabalho de educação e ao trabalho cultural, ao aperfeiçoamento do método seguido para cumprir este trabalho, na utilização completa e racional dos meios existentes, assim como a criação de possibilidades para assegurar os meios materiais necessários.

Os resultados obtidos nestes últimos anos no progresso da literatura e das artes são notáveis e de um valor educativo precioso. A luta heroica do partido e do povo contra o bloco imperialista e revisionista, a revolucionarização em todos os domínios da vida do país, as exigências do partido quanto a uma cultura militante, de espírito revolucionário, nacional e que responda às condições da época, assim como uma mais correta compreensão das obras literárias e artísticas estrangeiras e uma mais justa atitude em relação aos repertórios de obras existentes, deram um impulso poderoso ao surto da nossa literatura e da nossa arte. Elas adquiriram uma maior maturidade ideológica e política, tal como um nível artístico mais elevado. A criação artística cresceu de forma incomparável, todos os gêneros de arte e literatura, a prosa e a poesia, a música, as artes figurativas, o teatro e o cinema, desenvolveram-se com sucesso. Aos talentos afirmados vêm juntar-se, e continuam todos os dias a juntar-se, jovens talentos. A par da mais alta qualidade das obras criadas pelos profissionais, a criação popular e o movimento artístico amador conheceram um progresso sem precedentes. A nossa arte socialista marcha assim, poderosamente, sobre as duas pernas. Seguindo, de forma consequente, os princípios do realismo socialista, a nossa literatura e arte revolucionárias conhecerão novos e cada vez maiores progressos.

Conduzindo as massas, o partido luta com obstinação para promover o que é socialista e abater todos os obstáculos que freiam a nossa marcha em frente, põe a nu, com coragem, as contradições e luta para as resolver, critica as lacunas sem nunca perder de vista a perspectiva geral, executa todos os dias o processo conhecido que consiste em edificar o *novo* e destruir o *velho*, transformar a vida dos indivíduos e formar indivíduos novos. A nossa literatura e a nossa arte devem ter também em consideração esta atitude, devem trazer a sua marca. A representação da nova realidade socialista, no seu desenvolvimento revolucionário, e com as contradições próprias da época, essa deve ser

a realidade em que a literatura bebe o indispensável caráter democrático e os conflitos que deve refletir, eis em que consiste o novo conteúdo que dá vigor à nossa literatura e à nossa arte do realismo socialista. Um semelhante conteúdo conduz forçosamente a pesquisas e a encontrar formas novas. Tudo isto, assim como o fato de se apoiar solidamente sobre a sua origem nacional, sobre a criação e a herança cultural progressista do nosso povo, confere à nossa literatura e à nossa arte socialistas essa originalidade e essa novidade, que as distinguem das outras, não só enquanto criação de um povo e de uma nação determinados, mas ainda pelos traços que essa criação adquire através de condições da luta contra o imperialismo e o revisionismo moderno e pela revolucionarização de toda a vida do país.

É precisamente o caráter militante revolucionário da literatura e da arte que é negado pelos revisionistas. Depois de ter proclamado como “estreito” ou, simplesmente, rejeitado o realismo socialista, como método crítico, e o princípio do espírito do partido do proletariado, abriram as portas às mais diversas correntes reacionárias e decadentes, que conduziram à degeneração da literatura e da arte e delas fizeram testa de ponte para a reestruturação do capitalismo. Quando a arte engendra as ideias e os objetivos da contrarrevolução, quando se torna o porta-voz das camadas ou dos elementos burocratizados e aburguesados, quando se opõe às aspirações e à luta de massas, nunca pode ser uma arte autêntica.

Obteremos um maior desenvolvimento da arte do realismo socialista consolidando as posições conquistadas, lutando contra todas as influências estranhas ao socialismo e inconciliáveis com a ideologia socialista, combatendo tanto o liberalismo como o conservadorismo, representando, de forma ainda mais profunda, do ponto de vista ideológico e artístico, a vida e a luta que o povo conduz para edificar o socialismo, centrando toda a atividade criadora sobre os heróis do nosso tempo, reforçando o espírito proletário de partido e o caráter popular da nossa arte, lutando contra toda e qualquer influência do subjetivismo burguês e do humanismo abstrato e elevando, de forma ininterrupta, o papel educativo da literatura e das artes.

Estender o Trabalho Científico, Elevar o Nível da Sua Organização e Direção

É tempo que consagremos um muito maior cuidado o que até ao presente não foi feito, à expansão e ao desenvolvimento da pesquisa e da atividade científicas, que as organizemos e dirijamos melhor. Esta necessidade é tanto ditada pela grande importância da

ciência na nossa época, como pelas condições objetivas e tarefas do desenvolvimento do nosso país na etapa que atravessamos. A ciência tornou-se, hoje, um fator muito importante para o desenvolvimento da produção e de todos os outros setores da atividade social. Transformou-se numa força diretamente produtiva, da eficácia da qual depende, numa grande medida, a elevação do poder econômico do país. Os progressos realizados pela ciência moderna são colossais e toda a negligência neste domínio ia se refletir negativamente no ritmo geral da edificação do país. O desenvolvimento cada vez maior da economia e da cultura só pode ser ainda mais intensificado se o fizermos repousar sobre a ciência e a técnica modernas, se encorajarmos a revolução técnica e científica. No estágio agora atingido pelo nosso país não poderíamos progredir com rapidez, em nenhum domínio, sem estudos científicos profundos, que respondam às exigências do momento e tenham em conta o futuro, estudos que porão em evidência os objetivos que nos propomos atingir e indicarão as vias a seguir para esse fim. A necessidade de elevar a um grau científico cada vez mais elevado o trabalho de direção de todas as atividades, não poderá ser satisfeita sem que nos apoiemos poderosamente na ciência e aproveitemos, de forma intensiva, as suas aquisições.

As novas tarefas fixadas no domínio da ciência devem ser igualmente baseadas sobre as nossas possibilidades e sobre os resultados por nós obtidos. A base material e técnica da economia aperfeiçoa-se e moderniza-se sem cessar. O nível de instrução e de cultura das massas eleva-se continuamente, foi criada uma poderosa rede de escolas do ensino superior e alguns institutos particulares, onde é conduzido um trabalho científico organizado. No decurso destes últimos anos, desenvolveu-se um vasto movimento que visa à experimentação científica de massas. Depois dele, o esforço dos trabalhadores científicos e de toda a intelligentsia criadora uniu-se ao das massas. Nesta base, resolveram-se numerosos problemas importantes e vitais para o país, para a economia e para a cultura. A nossa tarefa consiste em consolidar estes sucessos e promover, sem interrupção, este trabalho.

Para alcançar este objetivo é indispensável rejeitar todas as ideias vulgares e primitivas que subestimam o papel da ciência, das instituições e dos trabalhadores científicos, ideias que encontram a sua fonte na falta de experiência necessária neste domínio e na profunda incompreensão do grande papel que desempenha atualmente a ciência. Ao mesmo tempo, devemos aprofundar a luta que se desenvolve contra todas as concepções intelectualistas, que visam fechar hermeticamente todo o acesso ao trabalho cien-

tífico, a dar a este um caráter acadêmico destacado da prática revolucionária da produção, a das massas trabalhadoras, a subestimar o papel das massas no desenvolvimento da experimentação científica e da ciência em geral.

Partindo de concepções justas, poderemos vencer todo o atraso científico que se verifica no presente, no domínio dos estudos e das pesquisas científicas em relação aos objetivos que nos propomos atingir para acelerar e intensificar o desenvolvimento da economia e da cultura socialistas. Desta forma, poderemos conhecer e tornar nossas as aquisições da ciência e da técnica mundiais na produção e na pesquisa científica e aplicá-las-emos ainda melhor. Assim se acelerará o ritmo da luta para passar, na organização e no trabalho de direção da produção, das concepções e dos métodos artesanais estreitos às concepções e aos métodos industriais modernos.

De futuro, é indispensável dar prioridade e consagrar ainda mais cuidado aos meios e às forças de que devem dispor os ramos científicos mais determinantes para o progresso geral do país, tanto no imediato como a mais longo prazo, e que guiam este progresso. Deste ponto de vista, na organização geral do trabalho científico, o primeiro lugar deve caber às diversas ciências técnicas e agrônômicas, que dizem diretamente respeito ao desenvolvimento intensivo dos principais ramos da economia. A atualização de uma agricultura moderna, em particular, requer estudos organizados e complexos, não só da parte dos especialistas da agricultura, mas ainda dos trabalhadores das ciências biológicas, químicas, físicas, mecânicas, etc.

Ao mesmo tempo, as pesquisas progredirão também, no domínio das ciências econômicas e sociais. Os estudos sobre o aperfeiçoamento das relações socialistas de produção e sobre os outros problemas do desenvolvimento da economia devem ser, de forma idêntica, objeto de uma atenção particular. Nos últimos anos, acentuou-se sensivelmente o caráter de massa dos estudos que têm por objetivo os caminhos do desenvolvimento da nossa revolução, a sua experiência em vários domínios, assim como numerosos problemas sociológicos. Estes estudos vivificaram e enriqueceram o nosso pensamento teórico marxista-leninista e criaram as premissas de uma organização mais sólida, em todas as esferas de atividade. No que diz respeito às ciências que se ocupam do estudo da história do nosso povo e da sua cultura material e espiritual, as tradições, daqui para o futuro estabelecidas, foram consolidadas e descobertos novos horizontes, permitindo a estes estudos intensificar-se e tratar em maior profundidade os problemas essenciais do passado e os mais agudos problemas atuais.

As tarefas que devemos cumprir no domínio da ciência impõem uma melhoria radical da organização e da direção de todo o trabalho científico, a todos os escalões e em todos os domínios, da planificação do seu desenvolvimento até à aplicação organizada dos resultados e das indicações práticas. Trabalhando pelo reforço dos centros de estudos na base, dos gabinetes técnicos, tecnológicos e dos gabinetes de estudos, dos campos de experimentação das culturas, dos diversos laboratórios, dos seminários e das comissões científicas, como importantes meios para dar ao trabalho científico um caráter de massa ainda mais pronunciado, devemos também progredir mais rapidamente, para o aumento e reforço das instituições científicas particulares existentes e para a criação de novas instituições necessárias, tomando medidas com vista a uma organização e direção mais coordenadas e centralizadas, do conjunto do trabalho e da vida científica à escala nacional, em função das possibilidades atuais e das tarefas futuras.

Desta forma, um semelhante desenvolvimento da ciência implica também a extensão gradual da base material necessária a este trabalho. Mais urgente ainda é o problema da formação e da especialização dos quadros. Esta especialização deve ser completa e diz respeito a todos os ramos. Ela deve começar, parcialmente, desde o ensino superior, ser aprofundada no decurso do trabalho profissional e realizar-se através de estudos pós-universitários através do cumprimento de diversos trabalhos científicos. Por último, quando isso seja indispensável, poderemos adquiri-la também no estrangeiro. Retardar e negligenciar a solução deste problema conduz a efeitos negativos para o futuro.

Os órgãos do partido, do Estado e da economia devem manter e apoiar, da forma mais ativa, o pensamento científico dos nossos especialistas e dos nossos trabalhadores, apreciar toda e qualquer experiência positiva e encorajar todas as propostas válidas, abrindo corajosamente o caminho a tudo o que é novo, renunciando à rotina e aos velhos métodos de trabalho, permitindo livre curso à poderosa energia criadora e ao espírito inovador do nosso povo.





ENVER HOXHA

E N V E R H O X H A

A EDUCAÇÃO IDEOLÓGICA DOS QUADROS E DAS MASSAS

O COMUNISTA ALBANÊS NÃO É UM PERSONAGEM DÓCIL, SUBMISSO OU domesticado. Mas ele também não é um alegre fantasista. O espírito de iniciativa repousa sobre um modo revolucionário de pensar e agir. Não aparece sozinho nem é recebido como presente. Adquire-se através de uma longa prática, de uma reflexão teórica sobre a história do Partido do Trabalho da Albânia (PTA), sobre as obras de Enver Hoxha e sobre os clássicos marxista-leninistas. Um militante que julga uma iniciativa particularmente mal adaptada à situação, apoia-se, ao mesmo tempo, sobre o conhecimento da realidade concreta da sua oficina, por exemplo, e sobre os princípios marxista-leninistas, o ideal comunista, a análise geral dos problemas albaneses e internacionais que são o bem comum de todos os membros do partido. A recusa de uma disciplina cega, do apelo à consciência revolucionária da vontade de dar ao partido uma unidade sem fraquezas, mas sem rigidez, revela uma concepção muito diferente, até mesmo nos seus métodos, das práticas existentes nos países submetidos à influência soviética. E o autor destas linhas é tão sensível à teoria albanesa da iniciativa militante, porque pertenceu, durante vinte e seis anos, ao Partido Comunista Francês (PCF), onde nada existe que se assemelhe a este leninismo criador.

— **GILBERT MURAY**

Professor efetivo de Filosofia,
Doutor em Sociologia

